

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Letras

**TUMULTUÁRIO:
CADERNOS DE MEMÓRIAS
DE CARLOS REVERBEL**

Cláudia Laitano

PORTO ALEGRE

2022

Cláudia Laitano

**TUMULTUÁRIO:
CADERNOS DE MEMÓRIAS
DE CARLOS REVERBEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos de Literatura. Linha de pesquisa: Literatura, Sociedade e História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto Fischer

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Laitano, Cláudia
Tumultuário: cadernos de memórias de Carlos
Reverbel / Cláudia Laitano. -- 2022.
116 f.
Orientador: Luís Augusto Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Memória. 2. Jornalismo. 3. História. 4.
Literatura. 5. Porto Alegre. I. Fischer, Luís Augusto,
orient. II. Título.

Cláudia Laitano

**TUMULTUÁRIO: CADERNOS DE MEMÓRIAS
DE CARLOS REVERBEL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Literatura.

Porto Alegre, 26 de abril de 2022

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Sergius Gonzaga (UFRGS)

Dra. Cassilda Golin Costa (UFRGS)

Dr. Jocelito Zalla (UFRGS)

Dr. Luís Augusto Fischer (UFRGS) - orientador

Dedico este trabalho à jornalista Celia Ribeiro, que, entre tantas outras afinidades, compartilha comigo o carinho pela memória de Carlos Reverbel.

AGRADECIMENTOS

À família de Carlos Reverbel, pelo apoio e por franquear o acesso aos cadernos.

Ao professor Luís Augusto Fischer, por todos os caminhos e horizontes abertos (desde o século passado).

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelas indicações de leitura que inauguraram novos interesses e percursos.

Aos colegas de curso, por ajudarem a tornar interessantes até mesmo as aulas online.

A todos os cientistas que trabalharam para produzir, em tempo recorde, a vacina que possibilitou a volta das aulas presenciais.

À bolsista Marina Dal Magro, pela ajuda na catalogação dos documentos contidos nos cadernos.

Ao professor Ricardo Barberena e ao Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural, pelo apoio nas pesquisas do acervo da Revista do Globo.

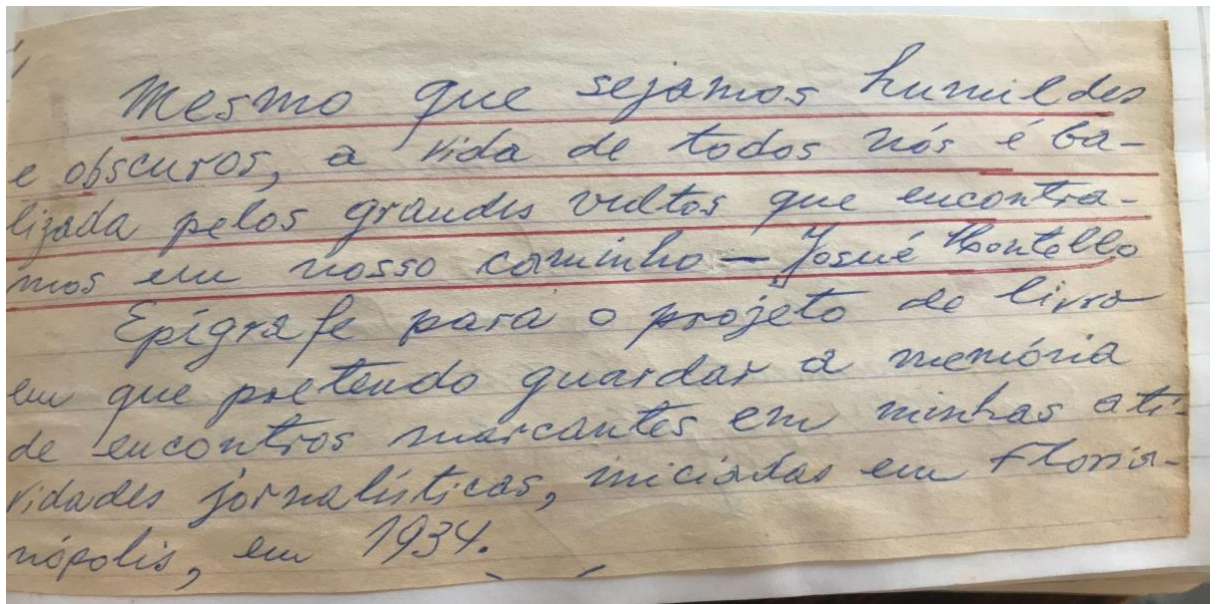
À jornalista Cris Gutkoski, pela revisão atenta e criteriosa.

A Pilar Laitano Ferreira - minha aluna, minha professora, minha filha.

“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.”

Guardar, de Antonio Cicero

Figura 1 - Recorte com anotação manuscrita de Carlos Reverbel



Mesmo que sejamos humildes e obscuros, a vida de todos nós é balizada pelos grandes vultos que encontramos em nosso caminho - Josué Montello

Epígrafe para o projeto de livro em que pretendo guardar a memória de encontros marcantes em minhas atividades jornalísticas, iniciadas em Florianópolis, em 1934.

Fonte: Acervo da família Reverbel

Frase de Josué Montello escolhida como epígrafe para um futuro livro de memórias: “Mesmo que sejamos humildes e obscuros, a vida de todos nós é balizada pelos grandes vultos que encontramos em nosso caminho”.

RESUMO

Este trabalho examina a trajetória profissional do jornalista Carlos Reverbel e o acervo de documentos reunidos em seus cadernos de memórias. Com mais de 60 anos de atuação no jornalismo cultural de Porto Alegre, com passagens pelos jornais *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* e pelas revistas *Província de São Pedro* e *Revista do Globo*, Reverbel foi cronista, pesquisador da história e da literatura rio-grandenses e também o primeiro biógrafo do escritor Simões Lopes Neto. Além de livros de crônicas e de ensaios historiográficos, publicou *Um Capitão da Guarda Nacional* (1981), depois de cerca de 40 anos de pesquisas sobre o escritor pelotense, tornando-se um dos mais importantes divulgadores de sua obra nas décadas seguintes. Como uma extensa rede de contatos no meio intelectual, dentro e fora do Estado, Reverbel tinha o hábito de arquivar correspondências, fotografias e outros tipos de documentos, ciente do significado que esse material poderia adquirir para outros pesquisadores no futuro. Ao dedicar seus últimos meses de vida à rotina de colar esses documentos em cadernos, o jornalista garantia que o acervo não seria disperso depois de sua morte. Ao mesmo tempo, esse trabalho de recorte e colagem acabou constituindo um mapa de sua trajetória profissional e de seu percurso intelectual ao longo dos anos. A partir desse material, este trabalho propõe uma leitura do campo intelectual dentro do qual Reverbel estava inserido. Para isso, valeu-se do apoio da teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu sobre a rede formada por intelectuais que exercem relações entre si e com o campo de poder. O presente trabalho partiu da catalogação desse material, resultando em um levantamento de todos os autores citados em artigos e correspondências e de um mapeamento de seus interesses intelectuais nos campos da História, da Literatura e do Jornalismo. Como resultado, apresenta Reverbel como um jornalista movido pela vocação de promover a cultura do Rio Grande do Sul, principalmente no aspecto de preservação da memória e na valorização de autores e personagens históricos ameaçados pelo esquecimento.

Palavras-chave: Carlos Reverbel. Memória. Jornalismo. Literatura e História. Rio Grande do Sul.

RESUMEN

Este trabajo examina la trayectoria profesional del periodista Carlos Reverbel y la colección de documentos recogidos en sus memorias. Con más de 60 años de experiencia en periodismo cultural en Porto Alegre, habiendo trabajado para los periódicos *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* y *Zero Hora* y para las revistas *Provincia de São Pedro* y *Revista do Globo*, Reverbel fue cronista, investigador de la historia y literatura riograndenses y también el primer biógrafo del escritor Simões Lopes Neto. Además de libros de crónicas y ensayos historiográficos, publicó *Um Capitão da Guarda Nacional* (1981), después de casi 40 años de investigación sobre el escritor pelotense, convirtiéndose en uno de los impulsores más importantes de su obra en las décadas siguientes. Como una extensa red de contactos en el medio intelectual, dentro y fuera del Estado, Reverbel tenía la costumbre de archivar correspondencia, fotografías y otro tipo de documentos, convencido del significado histórico que este material podía adquirir para otros investigadores. Al dedicar sus últimos meses a la rutina de pegar estos documentos en cuadernos, el periodista garantizó que la colección no se dispersaría después de su muerte. Al mismo tiempo, este trabajo de corte y collage terminó por constituir un mapa de su trayectoria profesional y su trayectoria intelectual a lo largo de los años. A partir de este material, este trabajo propone una lectura del campo intelectual en el que se insertó Reverbel. Para ello, aprovechó el apoyo de la teoría de Pierre Bourdieu sobre el espacio formado por intelectuales que ejercen relaciones entre sí y con el campo de poder. El presente trabajo partió de la catalogación de este material, dando como resultado un relevamiento de todos los autores citados en artículos y correspondencia y un mapeo de sus intereses intelectuales en los campos de la Historia, la Literatura y el Periodismo. Como resultado, presenta a Reverbel como un periodista impulsado por la vocación de promover la cultura de Rio Grande do Sul, principalmente en términos de preservar la memoria y valorar a los autores históricos y personajes amenazados por el olvido.

Palabras-clave: Carlos Reverbel. Memoria. Periodismo. Literatura e Historia. Río Grande del Sur

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Recorte com anotação manuscrita	7
Figura 2 - Página do caderno com uma foto da autora	16
Figura 3 - Primeira página do primeiro caderno	19
Figura 4 - Última anotação do último caderno	20
Figura 5 - Recorte do suplemento em homenagem aos 70 anos	65
Figura 6 - Lembrança da Primeira Comunhão	71
Figura 7 - Repórter em ação	72
Figura 8 - Memorabilia	73
Figura 9 - Recordações de viagem	74
Figura 10 - Poema	76
Figura 11 - Discurso	78
Figura 12 - Manchetes	80
Figura 13 - Cronista cinematográfico	82
Figura 14 - Guilhermino César	85
Figura 15 - Rachel de Queiroz	86
Figura 16 - Moacir Werneck de Castro	87
Figura 17 - Otto Maria Carpeaux	88
Figura 18 - Geração Madrugada	93
Figura 19 – Mario Quintana	94
Figura 20 - Afilhado	95
Figura 21 - Dona Velha	99
Figura 22 - Bilhetes	100
Figura 23 - Aurélio Buarque de Hollanda	102
Figura 24 – Otto Maria Carpeaux	103
Figura 25 - Rubem Braga	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VIDA: ORIGENS E PERCURSO PROFISSIONAL	
2.1 Anos de formação (1912-1934)	23
2.2 Os primeiros anos na profissão (1935-1940)	30
2.3 Editora Globo	38
2.4 Simões Lopes Neto	42
2.5 Paris	48
2.6 Páginas literárias	49
2.7 Uma arca de livros	55
2.8 Últimos anos	62
3 RECORTES DE UMA VIDA: OS CADERNOS DE MEMÓRIAS	
3.1 Coleção	67
3.2 Memorabilia	69
3.3 Manuscritos	75
3.4 De e sobre Reverbel	79
3.5 Artigos e reportagens	89
3.6 Correspondência	96
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	108
ANEXO	112

1 INTRODUÇÃO

Em 1945, em uma de suas primeiras visitas à viúva de Simões Lopes Neto, em Pelotas, o jovem repórter Carlos Reverbel topou com um pequeno tesouro. Dona Velha, apelido da viúva desde a juventude, colocou diante do jornalista um baú de lata repleto de papéis antigos. Era o que ainda restava com ela, três décadas depois da morte do autor de *Contos Gauchescos*, do disperso acervo de documentos do marido.

Reverbel examinou comovido o material que, por pouco, não havia virado cinzas. Eram fotografias, manuscritos, peças de teatro, discursos, conferências, recortes de jornal - nada que se mostrasse particularmente valioso à primeira vista. Ainda assim, Simões Lopes Neto parecia voltar à vida por meio daquela coleção de documentos desorganizados com pistas suficientes para ocupar um pesquisador diligente por anos a fio.

De volta a Porto Alegre, Reverbel reconta essa visita em uma reportagem publicada na *Revista do Globo* em 25 de agosto de 1945, sob o título “Tu és a minha estrela do sol posto” (REVERBEL, 2006, p.21). Naquele que seria o primeiro registro impresso de suas pesquisas sobre a vida de Simões Lopes Neto, investigação que daria origem, quase 40 anos mais tarde, à biografia *Um Capitão da Guarda Nacional* (1981), Reverbel refere-se ao conteúdo do baú de lata como “tumultuário” - palavra pouco usada nos dias de hoje que define o caráter desordenado daquele acervo de memórias que era, ao mesmo tempo, um desafio e um presente para o futuro biógrafo.

Pouco mais de 50 anos depois daquele inverno de 1945 em que abriu pela primeira vez o baú de lata contendo pistas sobre o seu biografado, Reverbel começou a preparar a sua própria arca de memórias. Ao contrário de Simões Lopes Neto, que ainda estava dando expediente no jornal *Opinião Pública* quatro dias antes de morrer, em 1916, com apenas 51 anos, Reverbel não seria pego de surpresa pelo destino inevitável. Aos 84 anos, a ideia da morte já não era uma abstração, mas uma perspectiva concreta. Em setembro de 1996, o jornalista iniciou uma atividade que ocuparia várias horas dos seus dias pelos nove meses seguintes: compor o seu próprio “tumultuário”.

Em cadernos de espiral comuns, desses comprados em qualquer papelaria, Reverbel foi colando cartas, fotografias, recortes de jornal, memorabilia de viagens, recordações de família, laudas de jornal, anotações. Nenhuma ordem ou cronologia específica definia a distribuição

desse material pelas páginas dos cadernos. Não havia tempo ou disposição para organizar tanta coisa. Eram muitos os documentos e pouco o tempo que, ele intuía, ainda teria pela frente.

Para quem assistia à rotina de composição dos cadernos, o processo de revisitar papéis antigos parecia incluir algum aspecto terapêutico. Manusear os vestígios da própria trajetória era uma maneira de “guardar” (tanto no sentido de preservar quanto no de admirar, como sugere o poema de Antonio Cicero) o passado, mas também uma estratégia para não pensar no que lhe reservava o futuro. Em determinado momento, a rotina de colagens se transferiu para o quarto do hospital Moinhos de Vento, onde Reverbel morreria no dia 27 de junho de 1997 - menos de um mês antes de completar 85 anos e a algumas páginas de finalizar o trigésimo-primeiro caderno.

Eu havia conhecido Reverbel seis anos antes, em 1991, quando preparava meu trabalho de conclusão no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFRGS (Fabico) - sob orientação do mesmo professor Luís Augusto Fischer, incentivador e primeiro leitor desta dissertação. Naquela época, escolhi como objeto de estudo as crônicas que Reverbel publicava em *Zero Hora*, jornal onde eu trabalhava. Meu interesse foi despertado, inicialmente, por um estranhamento. Ao contrário de outros cronistas e articulistas do jornal, Reverbel raramente escrevia sobre temas do dia a dia nas suas colunas. Era como se o presente não lhe interessasse mais - ou já não lhe interessasse tanto.

Para uma estudante de Jornalismo de 25 anos, parecia muito insólito que um cronista se ocupasse de episódios da Revolução de 1893 ou de personagens como Borges de Medeiros e Assis Brasil em vez de tratar do que acontecia naquele momento na cidade ou no mundo. Não era para isso que serviam os jornais e os jornalistas? Para refletir sobre os acontecimentos do dia a dia e recorrer à História apenas como pretexto para iluminar as questões do presente? Em uma de nossas primeiras conversas, publicada na revista *Sextante*, laboratório de textos da Fabico, em fevereiro de 1992, perguntei a ele sobre o motivo desse recolhimento ao passado:

Esse é um fato que eu não recomendo a ninguém, muito menos aos mais jovens, mas num caso como o meu, talvez se justifique. Porque, de certa forma, eu já me sinto carta fora do baralho do ponto de vista da cidadania. Então eu posso tomar certas liberdades, dizer certas coisas como essa sem maiores consequências. Se eu fosse encarar verdadeiramente de frente isso que eu disse, eu teria que confessar que foi uma atitude de covardia. Eu me acovardei diante da atual situação brasileira, para a qual, infelizmente, eu não vejo saída. (REVERBEL, 1992, p. 4).

Um ano depois de formada e já trabalhando na redação do jornal *Zero Hora* como repórter, voltei a frequentar a casa de Olga e Carlos Reverbel com regularidade, desta vez para desenvolver um novo projeto: o livro *Arca de Blau* (1993), redigido a quatro mãos. Depois de

alguns encontros, minha impressão era que Reverbel parecia um pouco arrependido de ter me convidado para redigir seu livro de memórias. Nossas conversas eram longas e animadas, mas o memorialista não se sentia à vontade contando histórias da vida pessoal ou revelando inconfidências alheias que, segundo o seu ponto de vista, talvez pudessem avançar para o terreno da indiscrição. Não raramente, me contava com gosto uma anedota saborosa envolvendo algum personagem conhecido, muitas vezes morto muitos anos antes, para logo em seguida acrescentar: “Isto é para ti, não é para o livro”.

Depois da publicação de *Arca de Blau* (1993), continuei frequentando a casa do jornalista e acompanhei o momento em que os cadernos de colagens começaram a ser compostos. Com uma tábua apoiada sobre os braços de sua poltrona favorita, Reverbel passava horas sentado com tesoura e cola à mão. Recebia as visitas assim, sem interromper o trabalho, absorvido pela tarefa de transpor para um único espaço tudo aquilo que havia ficado espalhado em pastas e gavetas - disponível para consultas eventuais e protegido de um descarte impensado.

Embora um acervo desse tipo contemple a ideia de resgate no futuro, pela família ou por futuros pesquisadores, quem acumula documentos raramente encara a ideia de finitude como um dado objetivo. (Se não tivéssemos alguma fantasia de eternidade, a vida cotidiana talvez fosse insuportável). A maioria das pessoas, enquanto é possível, evita pensar seriamente a respeito do destino das coisas que lhe são caras, inclusive as próprias memórias. O que esperamos que aconteça com recortes de jornais, fotografias antigas e cartas de amigos quando não estivermos mais por perto para salvá-los do fogo ou do esquecimento? Os cadernos foram a resposta de Reverbel a uma pergunta que talvez ele mesmo não soubesse responder. Em linhas gerais, este trabalho busca responder a seguinte pergunta, talvez também impossível de responder: que história estava sendo contada naqueles cadernos desordenados, sem cronologia ou qualquer outra lógica que ajudasse um futuro pesquisador, ou mesmo membros da família, a ter acesso às suas memórias?

Em abril de 2019, viajei até Santa Maria, cidade onde mora a única filha de Reverbel, Beth Reverbel de Souza, com o objetivo de trazer os cadernos de volta para Porto Alegre. Eu havia ficado com o material logo depois da morte dele, mas já há alguns anos os cadernos tinham sido devolvidos à família. A responsabilidade de guardá-los era grande, assim como a culpa por não saber como dar àqueles papéis a devida atenção e o merecido destino. Quem havia acompanhado a composição dos cadernos sabia que muita coisa interessante estava guardada ali, mas eram muitas páginas e muitos volumes para examinar. Nem mesmo a jornalista que o próprio Reverbel havia escolhido para confiar suas memórias parecia ter tempo

para analisar com calma todo aquele material. Em 2018, quando me aposentei e decidi retomar o Mestrado em Literatura Brasileira abandonado 25 anos antes, aqueles cadernos fechados se impuseram como o trabalho de pesquisa que havia me escolhido antes mesmo que eu o escolhesse.

Em casa, cercada por uma pequena montanha de cadernos coloridos amarrados por barbantes, abri o primeiro volume talvez ainda mais comovida do que o próprio Reverbel ao mexer no baú de papéis velhos de Simões Lopes Neto. Os gestos têm algumas semelhanças, mas as circunstâncias eram diferentes. O envolvimento do biógrafo com um biografado que ele nunca encontrou pessoalmente não é apenas intelectual, mas a emoção de quem topa com uma descoberta biográfica importante não é a mesma de quem mexe nas coisas de uma pessoa querida depois de sua morte. Reverbel podia apenas imaginar a voz de Simões Lopes Neto, não sabia como ele contava uma história, como sorria, como as pessoas reagiam a ele quando o cumprimentavam na rua. Reverbel também não corria o risco de encontrar, em meio aos papéis de seu biografado, seu próprio nome estampado em um recorte de jornal ou em um convite de casamento.

A primeira referência ao meu nome aparece na página 11 do primeiro caderno, acompanhada de uma lista manuscrita de colunas publicadas por Reverbel no jornal *Folha da Tarde* entre 1977 e 1979: “Crônicas selecionadas para a Editora Artes e Ofícios, aos cuidados de Cláudia Laitano”. A última referência é póstuma. Alguém da família guardou, entre as páginas do último caderno, a reportagem sobre Reverbel que escrevi no dia seguinte à sua morte. Entre o primeiro e o último caderno, aparecem reportagens minhas, convites de autógrafos, retratos. Em uma dessas fotografias, enviada para o jornalista em maio de 1996, durante uma viagem a Paris, apareço sorrindo diante de um prédio na Rua Hamelin, 44 - endereço ocupado por Carlos Reverbel nos anos 1940 e por Marcel Proust, o mestre da reconstrução de memórias, nos anos 1920. Como o escritor e o jornalista, a jovem que sorri na foto também foi capturada pela passagem do tempo e é hoje uma mulher de meia-idade.

Figura 2 - Página do caderno com uma foto da autora



Fonte: Acervo da família Reverbel

Foto de 1996, trechos de reportagem antiga e detalhes gráficos compõem o “tumultuário”

Salto cronológico atravessa todas as páginas do tumultuário. Personagens, lugares e épocas diferentes se cruzam o tempo todo, emprestando um caráter vertiginoso à experiência de viajar, por exemplo, da Paris de 1947 (que ele visitou) à Paris de 1996 (onde posei para a foto colada no caderno). Seja qual for a história, ou histórias, que estão sendo contadas naqueles cadernos, faço parte desse cruzamento de experiências. A frase “aos cuidados de Cláudia Laitano”, referência a uma coletânea de crônicas que acabou não sendo publicada, ganha novo sentido quando volto aos cadernos 22 anos depois da morte do meu amigo. O que está aos “meus cuidados” agora não é mais um conjunto de textos e o projeto de um livro de crônicas que nunca chegou a ser publicado, mas o quebra-cabeças de uma narrativa de memórias muito diferente do volume que tínhamos produzido juntos quatro anos antes de sua morte. Uma vida inteira, aos pedaços, sem ordem, sem cronologia, sem mapa. Folheando os cadernos, começo a me perguntar se esse tumultuário sem ordem ou cronologia não seria uma narrativa de memórias mais genuína do que *Arca de Blau*, um livro cujo formato e a redação final, ambos igualmente convencionais, haviam sido determinados pela inexperiente e bem intencionada coautora - com a gentil aprovação do memorialista.

Naquelas conversas em que o jornalista aposentado e a jovem repórter tentavam colocar em pé a ideia de um livro de memórias, não eram apenas as óbvias diferenças de idade e de experiência profissional que nos separavam. O tempo - e a passagem do tempo - eram percebidos de formas essencialmente diferentes. O livro de memórias que eu imaginava traçava um caminho reto entre A e B, através de uma coleção de episódios narrados em ordem cronológica, com um evento levando naturalmente a outro. Para Reverbel, em seus últimos anos de vida, o passado abarcava todas as épocas, todos os personagens, todos os rastros deixados pelos caminhos entrecruzados que percorreu. Não era uma história com começo, meio e um fim que se aproximava, mas um conjunto de experiências nem sempre evocadas de forma linear - o que dificultava, para mim, o trabalho de ordenar ou mesmo priorizar informações. O fio da meada me escapava das mãos.

No ensaio *A Ilusão Biográfica*, Bourdieu (2002) aponta a tendência que os biógrafos têm de buscar uma “razão de ser” nos seus personagens. Encadeando os acontecimentos em ordem cronológica, como um historiador, o biógrafo é levado a acreditar que uma sucessão de episódios pode originar um sentido, ou seja, produzir uma trajetória lógica que “organiza” os fatos.

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que ‘se entrega’ a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os

investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido* da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). (BOURDIEU, 2002, p. 184).

Citando uma expressão atribuída ao escritor francês Alain Robbe-Grillet, Bourdieu defende no ensaio a tese de que “o real é descontínuo” - assim como os elementos, muitas vezes aleatórios, que compõem uma existência - e que apenas uma “formidável abstração” nos leva a considerar que a identidade de uma pessoa se apresenta de forma única e imutável como o nome próprio que ela exhibe nos documentos.¹

Percebo agora que ao redigir *Arca de Blau* (e, em parte, também este trabalho), eu buscava a ordem, ou a “ilusão biográfica”, na qual o memorialista e seus leitores conseguiriam reconhecer o “postulado do sentido” de sua vida. Ao compor seu “tumultuário” sem ordem ou cronologia, Reverbel, por sua vez, abraçava “o som e a fúria” de uma trajetória múltipla. Como biógrafo de Simões Lopes Neto, porém, sua atitude não foi muito diferente da minha. É interessante notar que, ao escolher o título da biografia, *Um Capitão da Guarda Nacional* (expressão extraída de uma frase conhecida do escritor: “Eu tive campos, vendi-os. Frequentei uma academia, não me formei. Mas, sem terras e sem diplomas, continuo a ser... um capitão da Guarda Nacional”), Reverbel colocou em destaque exatamente a informação que menos importa na trajetória de Simões Lopes Neto - ou seja, uma “ilusão biográfica”, a do biografado que parecia subestimar a própria obra, sobreposta à outra, a do biógrafo, que atribuía à frase uma chave de compreensão.

Na espiral de tempos cruzados do tumultuário há um ponto de partida e um ponto final bem definidos. A primeira imagem da primeira página do primeiro caderno é o retrato de um bebê de menos de um ano. Abaixo da foto, uma legenda manuscrita: “Uma de minhas primeiras fotografias”. A última anotação do último caderno, aquele que estava com Reverbel no quarto do Hospital Moinhos de Vento quando ele morreu e que foi completado pela família com recortes dos seus obituários, é breve, pungente e coberta de senso prático: “Escrevo aqui meu último caderno”. Alguém anotou ao lado a data, “22 de junho de 1997” - cinco dias antes de sua morte. Abaixo da anotação, a última crônica publicada em jornal, datada de alguns dias antes.

¹ Marcel Proust, segundo Bourdieu, teria percebido a natureza fracionada do sujeito ao usar em sua obra expressões como “o Swann de Buckingham Palace” ou “a Albertine encapotada dos dias de chuva”.

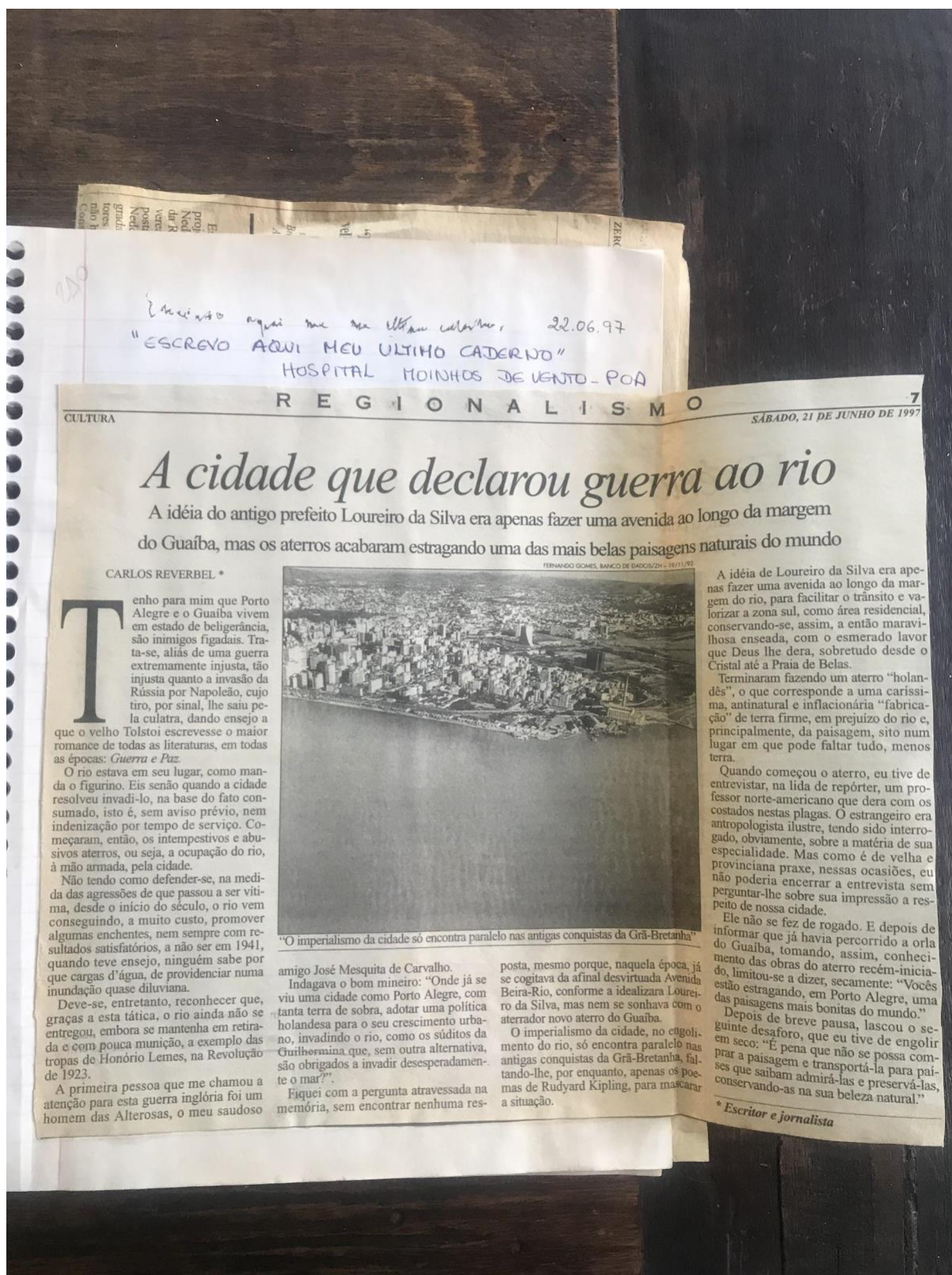
Figura 3 - Primeira página do primeiro caderno



Fonte: Acervo da família Reverbel

Retratos de família: infância, pai, mulher, filha e o filho de Justino Martins, Carlos

Figura 4 - Última anotação do último caderno



Fonte: Acervo da família Reverbel

Última crônica publicada e última anotação: “Escrevo aqui meu último caderno”

Entre o início e o fim, uma vida - e nenhuma preocupação em dar ordem ou continuidade aos materiais arquivados. Um recorte do jornal do dia era colado ao lado de uma foto antiga de família. Cartas de escritores, jornalistas e historiadores com os quais ele se correspondeu dividem espaço nas páginas com bilhetes de metrô, programas de teatro, artigos, reportagens, crônicas suas e dos amigos, desenhos dos netos, notas fiscais.

Graficamente, o “tumultuário” evoca as discontinuidades e anacronismos da concepção de História proposta pelo historiador da arte alemão Aby Warburg em seu *Atlas Mnemosyne* e em sua biblioteca. Ao justapor imagens e textos de épocas e contextos diferentes, Warburg buscava extrair novas possibilidades de sentido que não pareciam óbvias ao primeiro olhar.

A possibilidade de associar, constelar, corresponder, tensionar e opor imagens permitiu-lhe uma forma única de conduzir suas discussões, sobretudo em exposições e palestras. Mais ainda, trata-se de uma forma de pensar: podemos dizer que Warburg pensava com imagens consteladas e montagens, e seu Atlas deveria demonstrar essa possibilidade. (WALZBORT, 2015, p.9).

Ao contrário de Warburg, que compunha justaposições a partir de um princípio organizador estético, ainda que nem sempre muito claro para os leigos, Reverbel parecia menos interessado em sublinhar afinidades ocultas entre os elementos dispostos do que em agrupar seus papéis em único lugar. O que os cadernos e o *Atlas Mnemosyne* têm em comum é resultarem em um percurso visual que coloca em diálogo diferentes elementos, dando origem a uma dinâmica própria, diferente daquela que seria percorrida se o caminho escolhido fosse uma narração linear convencional.

Warburg cunhou a expressão “vida póstuma” para falar sobre marcas do passado que reaparecem na posteridade. Todo memorialista ambiciona uma “vida póstuma” - se não para tudo que viveu, pelo menos para aquilo que escolheu salvar do esquecimento. Um conjunto formado por documentos de natureza e origem diversas agrupados sem ordem ou cronologia pode parecer aleatório à primeira vista, mas apenas se deixarmos de considerar que o “princípio organizador” aqui é o próprio memorialista e sua constelação única de interesses e relações afetivas e profissionais.

Reflexões sobre a forma como protegemos o passado do risco de desaparecer ou perder o sentido estão no centro da obra do filósofo alemão Walter Benjamin, assim como a ideia de uma memória construída de forma não linear. Em suas teses *Sobre o Conceito de História* (BENJAMIN, 2016), a “rememoração” é representada como um compromisso com a redenção dos que foram derrotados pela História. O passado não é algo a ser contemplado passivamente, mas uma força viva com potencial para agir e modificar o presente. Emerge desses textos breves e muitas vezes enigmáticos uma noção de tempo que, como a memória, é

descontínuo e não linear. Passado e presente são ligados por “constelações” de fragmentos que se conectam, mas essas conexões não são dadas: precisam ser construídas.

O termo “rememoração”, no contexto de uma obra de arte, volta a aparecer em *A Imagem de Proust* (BENJAMIN, 2016), outro ensaio benjaminiano que reflete sobre a ressignificação do passado e o entrecruzamento de perspectivas temporais diversas. Ao examinar a obra do autor de *Em Busca do Tempo Perdido*, Benjamin pergunta-se o que o escritor realmente procurava recuperar ao esquadrihar a própria vida - não como ela de fato foi, mas como sua memória a reconstituiu, atravessada por camadas de sentido marcadas pela própria experiência da passagem do tempo.

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo, sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta de maneira mais direta na rememoração (internamente) e no envelhecimento (externamente). Acompanhar a interação entre envelhecimento e rememoração significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo do entrecruzamento. (BENJAMIN, 2016, p. 47).

Os ensaios de Benjamin ajudam a iluminar dois aspectos do “tumultuário” composto por Reverbel: o compromisso com um passado ameaçado pelo esquecimento, com o memorialista se posicionando no vértice de uma constelação que se estende para frente e para trás no eixo da História, e o tempo entrecruzado, materializado na justaposição de lembranças de diferentes épocas chamadas a compor a totalidade de uma vida - não exatamente como se deu, mas como foi arquivada e lembrada.

Esse trabalho é uma tentativa de extrair dos cadernos elementos que ajudam a iluminar a trajetória profissional de Reverbel. Partiu de uma catalogação completa dos documentos ali guardados, o que permite visualizar mais facilmente a rede de conexões estabelecidas pelo memorialista. Dividido em duas partes, “Vida” e “Recortes de uma Vida”, recupera elementos biográficos assim como destaca temas e personagens presentes nos cadernos. No capítulo “Vida”, o foco é a trajetória profissional e intelectual do memorialista. Em “Recortes de uma Vida”, apresento uma tentativa de sistematização dos temas e personagens que formam a maior parte do material arquivado nos cadernos.

2 VIDA: ORIGENS E PERCURSO PROFISSIONAL

2.1 Período de formação (1912-1934)

Mais velho dos quatro filhos de Marieta de Macedo e Carlos Reverbel, Carlos Macedo Reverbel nasceu em Quaraí no dia 21 de julho de 1912. Seu antepassado francês mais próximo, Antoine Celestin Charles Reverbel (1799-1871), desembarcou em Montevideú no início do século 19. Trabalhou primeiro com exportação de couro e mais tarde comprou terras no departamento de Santo Eugênio, hoje Artigas, na fronteira entre o Uruguai e o Brasil, onde se tornou estancieiro. Casado com uma rio-grandense, acabou por se estabelecer no lado brasileiro da fronteira.²

Em Quaraí, o ramo brasileiro da família Reverbel manteve-se próspero até pelo menos o início do século 20. Beneficiando-se de leis que garantiram o livre trânsito de mercadorias pela fronteira e uma cobrança maior de impostos dos produtos importados de outras regiões do Brasil, Carlos Reverbel pai, em sociedade com os irmãos e o uruguaio Carlos Mendive, fundou em Quaraí, em 1910, o Saladeiro São Carlos, que produzia charque e derivados.

Os charqueadores da fronteira souberam, portanto, aproveitar as condições que estavam dadas: grandes reservas de gado num amplo território conformado por três distintos países; livre passagem desse gado pelas fronteiras; apoio do estado para manutenção dos mercados e melhor colocação dos produtos. (VOLKMER, 2007, p. 104).

O negócio, porém, acabaria consumindo boa parte do patrimônio da família. Em 1914, um grupo de criadores do município, com apoio de pecuaristas de Alegrete e Uruguaiana, organizou uma sociedade anônima para a compra do saladeiro e dos campos pertencentes à charqueada (VOLKMER, p. 136), o que garantiria mais alguns anos de funcionamento para a empresa antes da falência definitiva, em 1928. Com uma participação minoritária no saladeiro enquanto ele continuou operando, Carlos Reverbel pai ficou sem terras e sem dinheiro.

Do lado dos Macedo, o avô materno - outro herdeiro de terras que morreu mais pobre do que nasceu - seria uma figura fundamental na infância de Reverbel. Francisco Pereira de Macedo era descendente de um imigrante açoriano que chegou a Rio Pardo no final do século

² Um de seus filhos, Ulysses Reverbel, tio-avô de Carlos, faria o caminho inverso. Político e chefe militar durante a Revolução de 1893, Ulysses Reverbel lutou ao lado dos maragatos na tropa liderada pelo Almirante Saldanha da Gama. Com a derrota dos federalistas, se mudou para o país vizinho, dando início ao ramo uruguaio da família. Um dos seus netos, Ulysses Pereira Reverbel (1917-2001), político do Partido Colorado e braço direito do presidente uruguaio Jorge Pacheco Areco, ficaria conhecido no país por ter sido sequestrado duas vezes pelos tupamaros - em 1968 e 1971.

18 e neto do Barão e Visconde de Cerro Formoso (1806-1888), seu homônimo, um dos maiores proprietários de terras da região da Campanha ao longo do século 19.

Fundada por volta de 1830, com o nome de Fazenda São Francisco das Chagas, a Estância do Cerro Formoso estendia-se entre os atuais municípios de Lavras do Sul, Caçapava do Sul, São Sepé e São Gabriel. Os títulos nobiliárquicos foram concedidos (em 1872 e 1885, respectivamente) em reconhecimento a serviços prestados durante a Guerra do Paraguai. O futuro Visconde de Cerro Formoso hospedou D. Pedro II e sua comitiva no início do confronto, em 1865, quando o imperador se dirigia a Uruguaiana, e colaborou no esforço de guerra enviando quatro filhos e 50 escravos recém-alforriados para unirem-se às tropas imperiais.

Quando de sua chegada, (o imperador) foi recepcionado pelo Cel. Francisco Pereira de Macedo ao som do Hino Nacional executado por uma banda formada por alguns de seus escravos, instruídos por Tomás do Patrocínio, irmão de José do Patrocínio. A partir da presença do Imperador a propriedade passou a se chamar Estância do Cerro Formoso, nome dado pelo próprio monarca, referenciando a paisagem local. (PRAZ, 2017).

Amigo de infância daquele que seria o fundador do Partido Libertador, Joaquim Francisco de Assis Brasil, o avô materno de Reverbel viajava muito ao Rio de Janeiro e mantinha boas relações no meio político. Entre seus amigos próximos estavam Bento Ribeiro, gaúcho que foi prefeito do Distrito Federal entre 1910 e 1914, e Vitorino Monteiro, deputado federal, senador e vice-presidente do Estado durante um breve período, em 1892. Macedo chegou a ser sócio do senador Pinheiro Machado, criando mulas que eram vendidas depois no centro do país. Ao longo da vida, porém, acabou perdendo quase tudo que herdou.

Quando os negócios do genro começaram a ir mal, na segunda década do século 20, restava muito pouco da fortuna do Visconde de Cerro Formoso para que Francisco de Macedo pudesse sair em auxílio da filha. O socorro acabou vindo de um primo seu, Manuel Antônio de Macedo, pai biológico de Marieta, mãe de Reverbel. A menina havia sido dada como filha de criação a Francisco e à mulher - pela boa e simples razão de que Manuel Antônio tinha muitos filhos e o primo não tinha nenhum. Foi com a ajuda de Manuel, o avô biológico de Reverbel, que a família conseguiu arrendar o campo em São Gabriel onde o jornalista cresceu. A herança que Manuel Antônio deixou para a filha biológica, um lote de terras dividido mais tarde entre os quatro filhos de Marieta, garantiu a Reverbel a renda complementar que permitiu que ele se dedicasse quase que exclusivamente ao jornalismo - em uma época em que a maioria dos jornalistas precisava recorrer a um segundo ou terceiro emprego para complementar o salário.

O menino Carlos foi alfabetizado na fazenda de um tio por uma professora contratada para ensinar as primeiras letras às crianças da família. Completou o Ensino Fundamental em uma pequena escola de São Gabriel e foi encaminhado a seguir para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Bagé, fundado por padres salesianos egressos de Montevidéu. Na escola, os alunos ainda se dividiam entre republicanos e libertadores, conforme a orientação política da família nos conflitos de 1893 e 1923.

O que eu não percebia, no ambiente de radicalização política do Rio Grande daqueles anos, era que tanto libertadores quanto republicanos no fundo partilhavam da mesma ideologia. A divisão se dava entre indivíduos da mesma classe que não tinham o menor interesse em mudar esta ou aquela situação social. A massa guerreira mobilizada, fundamentalmente os empregados das estâncias, seguia a orientação do caudilho que os comandava, sem saber ao certo o que significava ser assisista ou chimango. (REVERBEL, 2006, p. 679).

Duplamente ligado ao lado libertador, pela relação do avô materno com Assis Brasil e pelos veteranos maragatos da família paterna, Reverbel não teve dificuldade para encontrar sua turma - o que não ajudou a tornar menos penosa a experiência de trocar a liberdade desfrutada na estância, onde o ensino religioso praticamente inexistia, pela disciplina rigorosa do colégio salesiano e sua “pedagogia do inferno”: a ameaça constante de castigo eterno para os alunos que não se comportassem (REVERBEL, 2006, p. 678). A solução encontrada para melhorar seu desempenho escolar foi transferi-lo para um colégio marista em Santa Maria. A temporada entre os maristas, porém, também não seria longa. A eclosão de uma revolta militar, em novembro de 1926, com mortes e disparos de canhões no centro da cidade, tornou-se um bom pretexto para o aluno abandonar a escola e não voltar mais.

Em casa, o hábito da leitura era cultivado - o que, segundo Reverbel, não era tão comum entre as famílias da vizinhança. Formado em Farmácia em uma das primeiras turmas do curso em Porto Alegre, seu pai costumava encomendar livros e jornais da Capital. Do avô materno, Reverbel herdou boa parte da formação política e o interesse por História. Em suas memórias, conta que tinha 12 anos, em 1924, quando encontrou Assis Brasil pessoalmente pela primeira vez. O líder libertador estava exilado em Melo, no Uruguai, onde continuava exercendo alguma influência política e recebendo visitas de aliados e amigos - entre eles, o avô de Reverbel. Em uma dessas visitas, Francisco Pereira de Macedo levou o neto para conhecer Assis Brasil.

Antes, ainda durante a Revolução de 1923, avô e neto tinham sido escalados para cumprir uma missão “conspiratória” em Quaraí. Essa viagem também deixaria marcas na memória do futuro jornalista:

Lá fomos nós, avô e neto, na garupa de um Ford Bigode, preparar a revolução na cidade onde eu tinha nascido. Eu ainda não entendia a importância da missão em que estava envolvido, mas a lembrança daquela expedição é uma das mais marcantes da minha infância, e a proximidade de alguns dos homens que fizeram a história do Rio Grande se refletiu em tudo que eu fiz como jornalista. Hoje percebo que o propósito do meu avô era esse mesmo: contaminar o neto com o fascínio pela tradição política do Estado. O velho Francisco talvez quisesse ver o neto transformado um dia em um caudilho ilustrado, nos moldes de Assis Brasil, por exemplo, mas como o gênero já caminhava a passos largos para a extinção, acho que não se envergonhou ao saber que seu descendente trocou as coxilhas por uma máquina de escrever e uma boa biblioteca. (REVERBEL, 2006, p. 786).

Em 1927, Reverbel desembarcou em Porto Alegre com o objetivo de retomar os estudos no Colégio Anchieta, tradicional destino dos filhos da elite rio-grandense. A mudança para a Capital, além de não alterar seu já sólido desinteresse pelo ensino formal, multiplicou os atrativos para além dos muros da escola. Assistir às performances dos oradores no Tribunal do Júri, frequentar corridas de cavalo, passear de bonde ou apenas andar de elevador no Grande Hotel pareciam atividades bem mais interessantes do que as aulas dos padres jesuítas. Longe dos pais e morando na casa de um tio que não se esforçava em controlar seus hábitos, o menino criado no Interior aproveitava a liberdade recém conquistada para explorar a cidade grande.

Se não gostava de estudar, Reverbel mantinha o hábito de ler - principalmente jornais, livros de História e relatos de viagens. Em suas memórias, conta que naqueles anos atravessou com dificuldade a primeira parte de *Os Sertões*, mas reconheceu na linguagem de Euclides da Cunha o “rigor estilístico” que o distinguia dos jornalistas que ele estava acostumado a acompanhar. Pelas páginas literárias dominicais do *Diário de Notícias*, Reverbel já conhecia e admirava “a turma dos retardatários modernistas gaúchos” - entre eles Augusto Meyer, Theodemiro Tostes e Athos Damasceno Ferreira, os três apenas 10 anos mais velhos do que ele.

Como boa parte da população masculina do Estado com idade para se aventurar em um confronto armado, Reverbel empolgou-se com a ideia de “fazer a revolução” em 1930. Com 18 anos recém completados, tentou se alistar na coluna de estudantes comandada pelo general Ptolomeu de Assis Brasil, militar nascido em São Gabriel, mas chegou atrasado. “Achei que teria oportunidade de ir mais tarde, mas como as escaramuças duraram apenas 21 dias, acabei perdendo a chance de me tornar um revolucionário”, conta em suas memórias. Mesmo permanecendo em Porto Alegre, conseguiu tirar proveito da agitação política do momento: naquele ano, ficou decretado que nenhum aluno seria reprovado por mau desempenho em sala de aula.

Reverbel perdeu aquele trem da História, mas não as mudanças que começaram a transformar a paisagem da Capital a partir do final dos anos 1920. Dentro do espírito de austeridade positivista, cujo lema era “conservar melhorando”, José Montauray, intendente municipal que ocupou o cargo de 1897 a 1924, era pouco afeito ao tipo de melhorias urbanas que poderiam dar algum ar de metrópole à capital da província. Seu sucessor, Otávio Rocha, ao contrário, assumiu a prefeitura disposto a colocar abaixo os becos e vielas do centro de Porto Alegre - inspirado pelas reformas urbanísticas que haviam transformado Paris (em meados do século 19) e o Rio de Janeiro (no início do século 20). Entre as suas realizações, estão avenidas largas como a Borges de Medeiros e a Mauá, a construção do primeiro Auditório Araújo Vianna (junto à Praça da Matriz) e a reforma do Parque da Redenção, até então um descampado que havia sido usado como pastagem para o gado que abastecia a cidade.

Otávio Rocha não chegaria a ver a inauguração do viaduto que começou a ser construído em 1926, durante sua gestão, e que levaria seu nome: morreu em 1927, antes de concluir o mandato. Alberto Bins assumiu em 1928, com o duplo desafio de finalizar as obras que haviam sido iniciadas no mandato anterior e deixar sua própria marca na paisagem da cidade. Em 19 de abril de 1930, não por acaso data do aniversário de Getúlio Vargas, então presidente do Estado, foi inaugurada a Galeria Chaves, um dos marcos da modernidade urbana da cidade. A primeira galeria de Porto Alegre estava instalada em um edifício de seis andares, com lojas refinadas no térreo e andares superiores reservados a apartamentos e consultórios.

No ensaio *A Revolução de 1930 e a Cultura*, Antonio Candido menciona a “atmosfera de fervor” que tomou conta da cultura brasileira depois dos eventos de outubro de 1930, apontando o caráter catalisador do movimento liderado por Getúlio Vargas e sua capacidade de unificar elementos dispersos que já estavam operando em diferentes esferas desde a década anterior. (CANDIDO, 1987).

Em Porto Alegre, o “fervor cultural” foi igualmente evidente e se potencializou com a presença de um gaúcho no Palácio do Catete. No caso da capital do Rio Grande do Sul, porém, a agitação cultural que se deu em paralelo à revolução política talvez tenha sido ainda mais notável, tão acanhadas eram as ambições da cidade alguns anos antes e tantos fatores se uniram para torná-la culturalmente mais dinâmica e relevante na década que se seguiu à Revolução de 30: modernização da gestão nas esferas local e regional, bons índices de alfabetização (potencializados pela ênfase na educação imposta pelas administrações positivistas de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros), uma imprensa forte, não exclusivamente partidária, com destaque para o *Correio do Povo* (1895) e seu principal concorrente, o *Diário de Notícias* (1925), um sistema literário com produção, distribuição e público leitor estabelecidos e uma

editora com expressão nacional que, a certa altura, conseguiu romper com a hegemonia editorial do centro do país.

Enquanto a família talvez imaginasse que o filho se encaminhava para a Faculdade de Direito, Reverbel, finalmente livre da escola, tinha outros planos para o futuro. A carreira de bacharel estava fora do seu radar - não apenas pela falta de vocação, mas também pelo mau desempenho no Colégio Anchieta. Contando com o incentivo de um professor que costumava elogiar seus textos e fascinado por uma atividade que parecia conciliar vida intelectual e boêmia, o garoto foi lentamente amadurecendo a ideia de tornar-se jornalista. A estreia foi no jornal gabrielense *O Imparcial*, com o qual começou a colaborar quando ainda frequentava o colégio.

No início dos anos 1930, a profissão de jornalista era uma ocupação em geral temporária e mal remunerada, não garantia independência financeira ou prestígio social imediato. Com a opção por um ofício considerado subalterno, Reverbel afastava-se da trajetória mais convencional de rapazes oriundos de famílias da oligarquia rural. Não era, porém, um salto sem rede, uma vez que sua família tinha recursos suficientes para oferecer algum apoio em caso de fracasso. Além disso, o capital cultural e social acumulado por sua origem familiar e as relações que estabeleceu nos colégios em que estudou sempre poderiam ser acionados.

Ao descrever o perfil dos letrados que atuavam durante a República Velha, ou seja, os da geração anterior à de Reverbel, Miceli (2001) identifica alguns traços recorrentes. São originários de famílias oligárquicas cuja situação material está em declínio, mas que ainda mantêm vínculos de parentesco ou compadrio com quem tem dinheiro ou poder. Em geral, são primogênitos (ou filhos únicos) e possuem algum tipo de *handicap* físico. Com exceção do último item, Reverbel se encaixa perfeitamente no perfil descrito por Miceli. À luz dessa análise, a opção pela carreira intelectual ganha novos sentidos, além da mera satisfação de uma vocação.

O acesso à posição de escritor aparece, nessa conjuntura, como o produto de uma estratégia de reconversão que se impõe por força do desaparecimento do capital de que a família dispunha outrora, ou ainda pela impossibilidade de herdar esse capital em toda sua extensão. Assim, o êxito maior ou menor desse gênero de estratégia depende da capacidade de utilizar a única espécie de capital disponível, a saber, o capital de relações sociais e de honorabilidade que, em certos casos e sob certas condições, os 'parentes pobres' da oligarquia poderão acionar a seu favor. (MICELI, 2001, p.23).

Em 1934, quando decidiu se mudar para Florianópolis para começar a vida profissional longe do olhar da família, Reverbel conseguiu, de graça, uma passagem no navio Comandante

Capela, por meio do amigo Marco Aurélio Flores da Cunha - filho do interventor do Estado e ex-colega de colégio em Santa Maria.

Eu havia decidido começar a trabalhar em Florianópolis movido por pelo menos dois motivos. Primeiro porque era longe, mas não muito, da casa dos meus pais, o que garantia a independência que eu procurava naquele momento. Eu ainda sofria a vergonha pelo meu fracasso na escola e não tinha certeza se essa ideia de virar jornalista iria dar certo. (...) Por outro lado, calculei que uma cidade pequena como Florianópolis deveria ser servida por uma imprensa provinciana, capaz de empregar até mesmo um garoto sem nenhuma experiência. (REVERBEL, 2006, p. 689).

As opções de Reverbel em Florianópolis limitavam-se a dois jornais: *Correio do Estado*, ligado ao governo, e *A Pátria*, de oposição. Foi no pequeno e deficitário *A Pátria*, dirigido por Gil Costa, opositor de Getúlio Vargas, que Reverbel começou a receber as primeiras lições práticas sobre jornalismo. A redação era composta de apenas três pessoas: um desembargador aposentado, responsável pelos artigos de fundo, um secretário, que fazia praticamente todo o jornal, e o jovem e inexperiente repórter encarregado do noticiário geral. Acostumado ao estilo beletista que ainda dominava nos jornais naquela época, Reverbel conta em suas memórias que foi apresentado ao conceito de objetividade quando, em uma de suas primeiras reportagens, definiu o entrevistado como “ilustre jurista baiano”. Gil Costa explicou que, em seu jornal, trabalhava-se com substantivo e verbo - e sem “nariz de cera”.

A contenção exigida por Gil Costa em seu pequeno jornal partidário sugere que, no início dos anos 1930, já começava a soar antiquado o estilo de texto que havia reinado nos jornais brasileiros até então. A linguagem “literária”, exercitada por homens de letras que consideravam o noticiário diário uma atividade menor e faziam questão de exibir seu lustro através do palavreado rebuscado, foi perdendo espaço à medida que a imprensa estritamente ideológica foi sendo substituída pelas grandes empresas de comunicação. O empreendimento que até então tinha dependido em grande medida dos favores do Estado ou de agremiações políticas de oposição passou aos poucos a ser financiado pela publicidade e pelas assinaturas - o que exigia um posicionamento editorial distante dos extremos e capaz de atrair um leitorado mais amplo em todos os espectros ideológicos. O *Correio de Povo*, de Porto Alegre, foi um dos primeiros jornais do país a perseguir esse modelo da suposta neutralidade política.

A primeira escola de Jornalismo do país, a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, seria fundada em 1947, em São Paulo - a segunda foi a Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, fundada em 1949. Na década de 1950, o *Diário Carioca* deu início ao processo que seria considerado o marco inicial da implantação do jornalismo profissionalizado no Brasil. Sob o comando de

Roberto Pompeu de Souza (MENDEZ, 2006), o jornal introduziu na imprensa brasileira novidades como o “lead” (abertura de texto que resume as informações mais importantes, em contraste com o beletismo do “nariz de cera”), os “copy desks” (equipe encarregada da padronização dos textos produzidos pelos repórteres) e o “style book” (manuais de redação). O vocabulário importado dos Estados Unidos assinala a origem do novo modelo.

Em 1934, porém, essas transformações ainda estavam apenas se desenhando no horizonte. Em Santa Catarina, *A Pátria* fazia um jornalismo de oposição à moda antiga, com articulistas políticos que trabalhavam de graça em troca da projeção e da oportunidade de atacar o governo Getúlio Vargas. Reverbel, por sua vez, fazia parte do time dos “ratos de redação”: os repórteres que trabalhavam em tarefas anônimas e traziam notícias para o jornal.

Quando se considerou pronto para voltar a Porto Alegre, Reverbel contou com outra conexão importante da família a fim de arranjar uma vaga no prestigiado *Correio do Povo*. Dolores Alcaraz, viúva de Caldas Júnior, fundador do jornal, era amiga de juventude de sua avó materna. Fundado em 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, o *Correio* já havia se firmado como o principal jornal do Estado, praticando um jornalismo informativo e independente de facções políticas. Breno Caldas, filho de Caldas Júnior, assumiria a direção do jornal em dezembro de 1935, aos 25 anos, acelerando o processo de modernização. Quando soube que o neto estava interessado em trabalhar no *Correio do Povo*, Maria Amália escreveu uma carta para Dolores explicando a situação. Com a carta no bolso, Reverbel fez uma visita à viúva e saiu de lá já empregado na empresa à qual ficaria ligado pelos próximos 50 anos.

2.2 Os primeiros anos na profissão (1935 - 1940)

O início da trajetória de Carlos Reverbel na Caldas Júnior e no jornalismo profissional coincidiu com aquela que se tornaria uma das primeiras grandes coberturas da imprensa local. Para acompanhar a programação ligada à Exposição do Centenário Farroupilha, realizada entre setembro de 1935 e janeiro do ano seguinte, no Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha, o *Correio do Povo* montou aquilo que no jargão jornalístico ficaria conhecido mais tarde como “força-tarefa”: uma equipe destacada para atender um único assunto durante determinado período de tempo. Em suas memórias, Reverbel narra a empolgação com que recebeu a notícia de que faria parte da primeira grande cobertura especial do jornal:

Eram tantos eventos acontecendo ao mesmo tempo, que o *Correio do Povo* foi obrigado a montar uma equipe de reportagem totalmente dedicada a cobrir as atividades da grande exposição. Até onde eu sei, foi a primeira vez na história do jornal

em que um grupo de repórteres foi destacado para atender um só assunto. Vibrei quando soube que faria parte dessa equipe. Não só porque sairia da rotina das notícias de todo dia, mas também porque explorar estandes de Estados tão distantes quanto Pará e Pernambuco era quase como viajar pelo Brasil sem precisar andar de trem. (REVERBEL, 2006, p. 710).

Organizada pelo governo do Estado com apoio da prefeitura de Porto Alegre e de associações de classe patronais, a exposição acentuava a identidade regional, celebrando os heróis farroupilhas, ao mesmo tempo em que buscava aproximar o Rio Grande do Sul do restante do país, reforçando o caráter nacional da sua tradição. Nascida de uma iniciativa de produtores rurais, a ideia da realização de uma grande exposição agrícola e industrial foi encampada e ampliada pelo interventor Flores da Cunha, que viu no evento uma oportunidade de exibir a capacidade produtiva do Estado para todo o Brasil. Além dos participantes locais, que eram maioria, havia pavilhões de Santa Catarina, Paraná, Pará, Amazonas, São Paulo, Minas, Pernambuco e Distrito Federal. A divulgação do evento nos jornais de Porto Alegre havia começado um ano antes, com a publicação quase diária de artigos e entrevistas (CERONI, 2009). Hotéis e pensões de Porto Alegre ficaram lotados e muitos moradores abriram suas casas para hospedar visitantes do Interior e de fora do Estado ao longo dos quatro meses da exposição.

Em paralelo à programação que se desenrolava nos estandes agroindustriais, Porto Alegre assistiu naqueles meses a uma efervescência cultural inédita, com atrações pensadas para atender a todos os públicos. Na Redenção, um pavilhão cultural, coordenado pelo historiador Walter Spalding, reunia exposições de livros, mostras de artes plásticas e apresentações musicais, entre outras atrações. Apreciador de óperas, Flores da Cunha bancou a realização de uma grandiosa temporada lírica, repleta de atrações internacionais que colocaram o Theatro São Pedro no mesmo patamar de teatros de Rio e São Paulo naquele ano. Foi também Flores da Cunha quem encomendou ao escultor Antônio Caringi o monumento em homenagem a Bento Gonçalves, inaugurado em 1936, que consolidaria o personagem como o herói a ser celebrado como símbolo máximo do gauchismo. Às vésperas do centenário farroupilha, a campanha de promoção de Bento Gonçalves a herói, que vinha desde o século 19, por influência dos positivistas, tornou-se mais intensa, com vários artigos na *Revista do Globo* contando a saga dos farroupilhas e fazendo alusão ao líder farrapo (SILVA e SABALLA, 2011).

A grandiosidade da Exposição do Centenário Farroupilha refletia as ambições e contradições do momento histórico. As divergências políticas entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha, que iriam culminar com a renúncia e o exílio do interventor dois anos mais tarde, já se

insinuavam no horizonte. Enquanto Flores da Cunha defendia o federalismo, Vargas representava a centralização política. A exposição acendia uma vela para cada santo: celebrava o federalismo, reforçando a identidade regional, ao mesmo tempo em que “nacionalizava” a Revolução Farroupilha e seus heróis.

Se, durante a República Velha, ressaltava-se o caráter separatista e a influência dos países do Rio da Prata, com o advento da República Nova percebe-se um esforço em mostrar o sentido brasileiro da Revolução Farroupilha. Paralelo às campanhas de nacionalização, diversos autores, quase todos identificados com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, passaram a combater a ideia de separatismo e a defender a ‘brasilidade’ da Revolução. A maioria dos estudos sobre a Revolução Farroupilha surgiu no período das Comemorações do Centenário Farroupilha com o viés de defesa do caráter brasileiro da Revolução e da exaltação aos republicanos.” (CERONI, 2009, p.59).

A cobertura da Exposição do Centenário Farroupilha ficaria marcada na memória de Reverbel não apenas porque foi uma das primeiras e mais importantes, mas porque, da concepção à execução, o evento encapsulava alguns dos seus principais interesses: a cultura rural, campeira, a que estava ligado por suas origens familiares, a pesquisa histórica, por meio da participação dos historiadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), do qual viria a fazer parte décadas mais tarde, a efervescência cultural da cidade naqueles dias, possibilitando o diálogo com intelectuais e jornalistas de outros Estados que estavam cobrindo o evento.

Um desses correspondentes viria a se tornar um dos amigos mais próximos de Reverbel pelas próximas seis décadas. Com apenas 22 anos, Rubem Braga já havia conquistado algum nome como cronista, mas foi enviado a Porto Alegre como repórter do jornal *Folha do Povo*, de Recife. Braga estava trabalhando no *Diário de Pernambuco* quando foi convidado para assumir a chefia de reportagem da *Folha do Povo*, jornal fundado por simpatizantes da Aliança Nacional Libertadora, frente popular liderada pelos comunistas. A trajetória do jornal, porém, seria breve: em novembro de 1935, com a repressão à Intentona Comunista, a redação seria ocupada por agentes da Diretoria de Ordem e Política Social (DOPS). Naquela altura, Braga já havia deixado o diário que, anos mais tarde, ele definiria como “o jornal mais quebrado do mundo” (LIRA, 2007) - nos sentidos figurado e literal da expressão.

Rubem Braga voltaria a Porto Alegre quatro anos depois, em 1939, para uma temporada mais prolongada. Em suas memórias, Reverbel conta que foi esperar o amigo no cais do porto e acabou sendo preso junto com ele.

A polícia gaúcha tinha recebido ordens diretas de Filinto Muller para prender Rubem Braga assim que ele chegasse a Porto Alegre, recambiando-o imediatamente para o Rio de Janeiro antes de fazer qualquer contato em solo rio-grandense, Como o plano era mantê-lo incomunicável, o policial achou por bem me prender junto com o suposto subversivo a única pessoa que havia conversado com ele, ou seja, eu. (REVERBEL, 2006, p. 714).

Mais uma vez, as relações pessoais de Reverbel foram acionadas para resolver o problema. O encarregado do caso era Plínio Brasil Milano, cunhado de Breno Caldas, amigo de Reverbel - e delegado do DOPS. Ao encontrar o jornalista junto com Rubem Braga, o delegado liberou-o imediatamente. Reverbel pôde então ligar para Breno Caldas, que por sua vez ligou diretamente para o interventor Cordeiro de Farias, a única pessoa que poderia liberar o delegado de atender ao pedido de Filinto Muller, chefe da polícia política de Vargas. Problema resolvido, Rubem Braga foi solto e ainda conseguiu emprego na Caldas Júnior. Entre junho e outubro de 1939, o escritor trabalhou como repórter no *Correio do Povo* e escreveu crônicas para a *Folha da Tarde*.

A experiência na *Folha da Tarde* foi uma das mais marcantes do início da vida profissional de Reverbel. O jornal, que começou a circular em 27 de abril de 1936, foi o primeiro tabloide vespertino da Caldas Júnior. Walter Galvani conta que o projeto da criação do diário surgiu de uma sugestão do jornalista Alcides Gonzaga, gerente do *Correio do Povo* na época, que havia ficado empolgado com o sucesso do jornal portenho *Crítica* (GALVANI, 1996, p. 21). A ideia era contrabalançar a seriedade do *Correio do Povo* com a agilidade de um tabloide produzido por uma redação mais jovem, capaz de fazer frente à instantaneidade do rádio, que começava então a impor alguma concorrência aos grandes jornais, e inovar na linguagem.

Para dirigir o novo tabloide, Breno Caldas chamou o escritor Vianna Moog, que nunca havia trabalhado em jornal, mas já chamava a atenção no meio intelectual de Porto Alegre pelos artigos publicados no *Diário de Notícias* e por um livro sobre a Amazônia, *O Ciclo do Ouro Negro* (1936) - escrito durante o período em que o autor de *Um Rio Imita o Reno* (1938), então funcionário público, fora transferido compulsoriamente para Manaus por ter apoiado o movimento constitucionalista de 1932. Menos de sete meses depois do lançamento da *Folha da Tarde*, uma coluna com críticas a Osvaldo Aranha, amigo de Breno Caldas, precipitou a saída do escritor do jornal (GALVANI, 1996). Vianna Moog foi substituído então pelo jornalista Arlindo Pasqualini, que permaneceu na função de diretor de redação até 1964. Sob sua gestão, a *Folha da Tarde* consolidou uma trajetória de sucesso e acabou sendo responsável pela introdução no Rio Grande do Sul da tradição dos diários em formato tabloide.

Em suas memórias, Reverbel conta que rapidamente se estabeleceu uma rivalidade entre a redação experiente do *Correio do Povo* e os jovens da *Folha da Tarde*. Poucos, como ele, tiveram a chance de vivenciar o dia a dia de ambas as redações, usufruindo do prestígio da primeira e da liberdade da segunda. Ainda muito jovem, mas mais experiente que os colegas da *Folha*, Reverbel seria encarregado de escrever os editoriais do vespertino da Caldas Júnior, seguindo a orientação de “não criar problemas para o jornal” - tarefa que o jornalista, muito próximo de Breno Caldas, cumpriria sem muita dificuldade. Anos mais tarde, Reverbel publicaria crônicas na página 4 do jornal, algumas delas reunidas nas coletâneas *Barco de Papel* (1978) e *Saudações Aftosas* (1980). Para Walter Galvani, Reverbel “era uma espécie de talismã do jornal, e o então jovem Breno Caldas sabia disso.” (GALVANI, 1996, p. 1014).

A amizade com Breno Caldas era uma via de mão dupla. Se o dono do jornal contava com um colaborador em quem confiava plenamente, o jornalista tinha o apoio do patrão para conduzir a carreira, dentro e fora de Porto Alegre, com alguma liberdade.

Não tenho pruridos em confessar que uma das maiores vantagens da minha vida profissional foi ter trabalhado quase 50 anos em uma empresa dirigida por um amigo. Breno Caldas traduzia sua amizade em inúmeras deferências, mas o maior privilégio de que desfrutei na Caldas Júnior - e certamente o mais decisivo para o curso da minha carreira jornalística - foi sem dúvida nenhuma a facilidade com que entrava e saía do jornal conforme os meus interesses. (REVERBEL, 2006, p. 716).

A primeira dessas oportunidades para passar uma temporada fora de Porto Alegre surgiu em 1937. Em um período de férias, Reverbel viajou para São Gabriel e acabou fazendo uma parada em Santa Maria - onde, com a aprovação de Breno Caldas, acertou uma colaboração temporária no jornal *A Razão*, fundado em 1934. Em 31 de julho de 1938, Reverbel publicou ali um apaixonado desagravo da literatura gaúcha em relação à “supremacia do livro nortista” instalada, segundo seu ponto de vista, desde o lançamento de *A Bagaceira* (1928) - romance de José Américo de Almeida considerado um dos marcos iniciais do regionalismo brasileiro dos anos 1930.

Ao período do sucesso nacional de escritores como a cearense Rachel de Queiroz, o alagoano Graciliano Ramos e o paraibano José Américo de Almeida, três expoentes da chamada Geração de 1930, corresponderia um momento de produção rarefeita e de escassa qualidade no extremo meridional do país: “Na verdade, o Sul nada produzia que pudesse interessar. Tudo que aparecia era falso, sem raízes na vida social”. As exceções, para o jornalista, seriam Alcides Maya (“uma espécie de monstro, tal a enormidade da exceção”) e Augusto Meyer (líder local do “inteligente e heroico movimento modernista”). Para Reverbel, o jogo vira quando aparece em Porto Alegre o rapaz que traria de Cruz Alta “a maior vocação

de romancista de que há memória no Brasil, pelo menos depois do velho e espantoso Machado”. Em 1938, Erico Verissimo estava lançando seu quinto romance, *Olhai os Lírios do Campo*, o primeiro a conquistar repercussão nacional. Até ali, segundo Reverbel, os livros de Erico não haviam recebido a merecida atenção dos intelectuais do centro do país. E arrisca um motivo: uma não declarada secessão literária entre Norte e Sul do país.

Os artigos apresentavam o romance de Erico Verissimo (*Caminhos Cruzados*, 1935) como a resposta do Sul, mas sempre colocando o Norte em situação de superioridade, através de paralelos no geral impossíveis. Tanto foi que o caso virou competição. Formaram-se até partidos entre os leitores. Enfim, um grande e deplorável desastre do gênero humano, como o conde Afonso Celso e a vitória de Mussolini no campeonato de futebol. Felizmente as coisas estão melhorando. Os livros do Sul já são recebidos como livros do Brasil, apenas. E quando se registra o aparecimento desses livros, ninguém mais se lembra de trazer os livros do Norte para confrontos. (REVERBEL, 1938).

Para comprovar a tese de que o período de vacas magras da literatura gaúcha já havia passado, Reverbel oferece sua lista de autores locais que mereceriam mais atenção, além de Erico Verissimo. De “promessas valiosíssimas”, como Athos Damasceno Ferreira, Cyro Martins, Ovídio Chaves, Carlos Dante de Moraes, Dyonélio Machado, Manoelito de Ornellas, Hamilcar de Garcia, Pedro Wayne e Nilo Ruschel, além dos que “não nos pertencem mais”, como Theodemiro Tostes, Raul Bopp, Augusto Meyer, Álvaro Moreyra e Ernani Fornari. Em um tom entre o divertido e o provocador, encerra o artigo sugerindo que o sucesso e a repercussão nacional dos regionalistas nordestinos eram tributários de circunstâncias meteorológicas aleatórias: “Há ainda a grave e importante questão das chuvas. Se chover de uma hora para a outra no Nordeste, não acaba a seca nem a miséria - acaba a literatura”.

Do Interior para a metrópole: Reverbel voltou do estágio em Santa Maria já com outra viagem em mente. Através de contatos da pequena sucursal do *Correio do Povo* no Rio de Janeiro, conseguiu emprego no *Diário de Notícias*, fundado e dirigido pelo jornalista Orlando Ribeiro Dantas. Em 1934, o jornal havia feito uma forte campanha contra a reeleição de Getúlio Vargas, apoiando a candidatura derrotada de Borges de Medeiros na eleição indireta para a Presidência da República.

O jornal posicionava-se contra a polarização entre forças de direita e esquerda representada pelo confronto entre Ação Integralista Brasileira (AIB) e Aliança Nacional Libertadora (ALN), considerando que esses movimentos ameaçavam os valores liberais e serviam de pretexto para que Getúlio endurecesse o regime. As previsões pessimistas de que o país se encaminhava para uma ditadura foram confirmadas. Com a implantação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, o jornal ficou sob censura, como todos os outros, direta ou

indiretamente. No novo arranjo institucional, o golpe podia ser noticiado, mas as implicações políticas não podiam ser analisadas a fundo.

Reverbel estava no Rio de Janeiro quando o golpe foi deflagrado, mas não houve reação imediata, além da perplexidade, para acompanhar de perto.

A nação estava perplexa: apesar dos ânimos exaltados, tanto da parte da esquerda quanto da parte da direita, poucos esperavam que Getúlio chegasse àquele ponto. Não havia dúvidas de que estávamos diante de uma ditadura de direita, nos moldes da tendência que já se esboçava na Alemanha e na Itália. Essa constatação nos dava a terrível impressão de que o nazifascismo estava mesmo prestes a dominar o mundo. (REVERBEL, 2006, p. 716).

Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, Reverbel estreitou laços com dois jornalistas com os quais manteria relações pelos anos seguintes: Samuel Wainer e Carlos Lacerda. Do primeiro contato, originou-se uma colaboração eventual com a revista *Diretrizes*, publicação de conteúdo político e social fundada por Wainer que teve entre seus colaboradores alguns dos jornalistas e intelectuais mais importantes da época³. De Lacerda, ficou a admiração pelo carisma e pela versatilidade - e a impressão de que tratava-se de um homem imprevisível e incapaz de controlar as próprias emoções. Apesar das perspectivas profissionais que se abriam na Capital Federal, a temporada no Rio de Janeiro durou pouco mais de um ano. Reverbel retornou para o Rio Grande do Sul e para seu antigo emprego no final de 1938.

De volta a Porto Alegre, Reverbel continuou dividindo-se entre as redações do *Correio* e da *Folha* e assumiu colaborações eventuais com a *Revista do Globo*. Em breve surgiram mais duas oportunidades para complementar a renda de repórter - as duas ligadas ao governo do interventor Cordeiro de Farias. A primeira como repórter no *Jornal do Estado*, publicação que substituiu *A Federação* como órgão de imprensa do governo, em 1937, e que mais tarde daria origem ao *Diário Oficial*. O convite veio de Manoelito de Ornellas, amigo e futuro padrinho de casamento, que na época chefiava a Imprensa Oficial e era editor do *Jornal do Estado*. A segunda oportunidade foi na assessoria de imprensa da Secretaria de Educação e Cultura (SEC), a convite do secretário Coelho de Souza. No período em que trabalhou na SEC, de 1938 a 1942, além de assistir de perto ao projeto de nacionalização do ensino na colônia alemã implementado pelo Estado Novo, Reverbel conviveu com a poeta Lila Ripoll, nascida em Quaraí, como ele, e ligada à Frente Intelectual do Partido Comunista.

Apesar de católico convicto, Coelho de Souza era de um espírito de tolerância fora do comum, não fazendo qualquer discriminação em matéria de religião ou ideologia.

³ Na edição do dia 12 de junho de 1941, Reverbel publicou na revista *Diretrizes* uma longa e divertida reportagem intitulada “Erico Verissimo trouxe a América no coração”, sobre as impressões do escritor no retorno de sua primeira viagem aos Estados Unidos. Entre outras curiosidades, a reportagem narra encontros de Erico como Walt Disney e outras estrelas hollywoodianas.

Embora membro de um governo nomeado pelo Estado Novo, acolhia em seu gabinete pessoas ideologicamente cor-de-rosa pendendo para o vermelho, como Lila Ripoll, que além de poetisa era professora de música. Também acolhia agnósticos e, ainda por cima, egressos da Aliança Nacional Libertadora, como era o meu caso. (REVERBEL, 2006, p. 24).

Reverbel e Lila Ripoll não eram exceções. René Gertz (2013) cita Reverbel, ao lado de Athos Damasceno Ferreira, Augusto Meyer, Carlos Dante de Moraes, Mario Quintana e Walter Spalding, entre outros, como intelectuais que conviveram sem maiores dificuldades com o Estado Novo, alguns deles ocupando cargos públicos. Gertz usa Erico Verissimo como exemplo paradigmático “das posições e dos dilemas” dos intelectuais gaúchos diante do Estado Novo. Em 1935, Erico havia assinado um manifesto em que intelectuais brasileiros protestavam contra o fascismo e a invasão da Abissínia pelas tropas de Mussolini - documento em que apareciam também os nomes de Arlindo Pasqualini, Fernando Corona, Lila Ripoll, Mauricio Rosenblatt, Mem de Sá, Nelson Boeira Faedrich, Nilo Ruschel, Rivadávia de Souza e do próprio Reverbel. Apenas três anos depois, em 1938, Erico era citado no *Jornal do Estado* como um dos integrantes de um então recém criado Comitê de Propaganda do Estado Novo, ao lado de intelectuais como Moysés Vellinho e Dante de Laytano. Vivia-se um ambiente polarizado, mas a oposição à ditadura de Vargas era atenuada por uma política oficial que buscava atrair os intelectuais, mais do que silenciá-los. Muitos, com o fim do Estado Novo, sentiram-se confortáveis para criticar o regime com o qual haviam colaborado, direta ou indiretamente.

Mais ou menos como aconteceu no Brasil todo, também no Rio Grande do Sul a massa da intelectualidade não fez oposição cerrada ao regime ditatorial implantado em 1937, nem os detentores do poder regional promoveram uma repressão ou mesmo apenas uma pressão generalizada contra ela. Como mesmo regimes ditatoriais não são monolíticos, é óbvio que houve casos de perseguição à inteligência gaúcha, mas a orientação básica era a de tentar conviver sem grandes atritos e, se possível, cooptá-la. (GERTZ, 2013).

Em seu livro de memórias, Reverbel conta como surgiu o convite de Coelho de Souza para que fizesse parte do seu gabinete. Ele havia conhecido o então deputado estadual eleito pelo Partido Republicano Liberal (PRL) no *Correio do Povo*, chamando a atenção do futuro chefe por ter se apresentado como simpatizante do então extinto Partido Libertador (PL). Em sua primeira encarnação, entre 1928 e 1937, o Partido Libertador era composto por políticos ligados ao antigo Partido Federalista do Rio Grande do Sul, como Assis Brasil e Raul Pilla. Com a redemocratização, o PL voltou para sua segunda encarnação, que se estendeu de 1945 a 1965.

Nos anos 1930, o PL tinha como duas de suas principais bandeiras a oposição a Getúlio Vargas e a defesa do parlamentarismo. Após o Estado Novo, seu primeiro presidente foi Raul Pilla, que continuou defendendo o parlamentarismo. Com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, foi um dos defensores da ideia de trocar o regime presidencialista pelo parlamentarista, o que tornaria possível a posse de João Goulart. Em 1964, porém, Raul Pilla alinhou-se aos que defendiam a deposição de Jango. Dissolvidos os partidos e instalado o bipartidarismo, filiou-se à Arena, mas já em 1966 criticava o governo militar por ter instaurado eleições indiretas e um “superpresidencialismo”. Despediu-se da vida pública no mesmo ano, fazendo uma defesa do Congresso, que “embora abafado, paralisado, humilhado pelo poder dos poderes, é a grande caixa de ressonância, onde chegam e tomam voz as aspirações nacionais”.

A figura de Raul Pilla, personalidade a quem Reverbel costumava citar como exemplo de político que admirava, é interessante para compor o perfil ideológico do jornalista. A principal afinidade com Pilla é a visão crítica com relação ao legado de Vargas. Para Reverbel, a ditadura de 1937 havia sido tão “sórdida e cruel” quanto a de 1964.

Getúlio Vargas foi incrivelmente favorecido pelo juízo da posteridade. A memória nacional guardou a imagem das suas características pessoais positivas - idoneidade, honestidade, carisma - e esqueceu o ditador e o traidor das ideais da Revolução de 30. Apesar de o getulismo, em quase 20 anos de poder, não ter conseguido construir bases sólidas para a estabilidade da economia ou da democracia no país, o ex-presidente ainda é lembrado como o grande estadista que não foi. (REVERBEL, 2006, p. 717).

É possível especular que sua opinião, em um primeiro momento, sobre o Movimento de 1964, também se aproximasse da visão de Raul Pilla, que via na deposição de João Goulart um caminho para a instauração de uma nova ordem institucional, baseada no parlamentarismo e na força do Congresso Nacional. Não demorou muito, porém, para que o velho líder libertador, junto com boa parte da classe média, dos políticos de centro e da imprensa, percebesse que o regime que havia acabado de chegar ao poder não era uma simples pausa estratégica para o rearranjo do sistema, mas uma interrupção do regime democrático de consequências imprevisíveis.

2.3 Editora Globo

A colaboração de Reverbel com a *Revista do Globo* se intensificaria a partir de 1939, quando o jornalista Justino Martins assumiu o comando da publicação. Foi Martins o responsável pela modernização da revista, que havia sido criada em 1928, por sugestão de Getúlio Vargas, então presidente do Estado.

No final dos anos 1930, a Livraria do Globo, fundada por Laudelino Barcellos em 1883 como papelaria, já havia se tornado a segunda editora mais importante do país, chegando a responder por 6% dos lançamentos nacionais. Com a morte do fundador, em 1917, o antigo empregado José Bertaso assumiu o cargo de administrador, ampliando o espaço físico e as ambições da casa. Concluído em 1928, o novo prédio da Livraria do Globo, no centro de Porto Alegre, tornou-se ponto de encontro de intelectuais e um dos destaques da revitalização que vinha sendo implementada na cidade por Otávio Rocha.

Dois personagens foram centrais para o estabelecimento do perfil literário da Livraria do Globo: João Pinto da Silva, jornalista, poeta e crítico literário, e o italiano Mansueto Bernardi, que estruturou e dirigiu a *Revista do Globo* em seus primeiros anos. Bernardi foi quem sugeriu, nos anos 1920, que a empresa passasse a lançar traduções de literatura estrangeira. Autores locais, uma aposta comercial ainda mais arriscada, também foram incentivados.

Sob a direção de Mansueto Bernardi, a *Revista do Globo* manteve um perfil provinciano e alinhado ao líder que havia inspirado sua criação. A qualidade das ilustrações, porém, contribuiu para o sucesso da publicação, que contava em seu plantel com artistas como Sotero Cosme, Ernest Zeuner, Edgar Koetz, João Fahrion e Francis Pelichek, que deram impulso para a difusão do modernismo nas artes visuais locais. O apoio a Getúlio Vargas era sem reservas. Em 1930, a revista dedicou mais de um número ao movimento revolucionário. Na edição de 11 de outubro, a capa estampava Getúlio Vargas em pose heróica, sobre um cavalo branco, com a legenda: “Dr. Getúlio Vargas, presidente do Estado e comandante em chefe do Exército Revolucionário do Sul”. Na edição do dia 10 de novembro, a foto de capa apresentava a clássica imagem dos cavalos amarrados no Obelisco da avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Em 29 de novembro, uma ilustração de Francis Pelichek associava a Revolução Farroupilha à Revolução de 30, com a legenda: “Renovando e ampliando a epopeia farroupilha, os gaúchos marcham sobre o Rio de Janeiro”. (RAMOS, 2016, p. 164).

Mansueto Bernardi deixaria a Globo em 1931, abrindo espaço para três jovens que levariam a casa a um novo patamar de qualidade e influência: Erico Verissimo e Henrique Bertaso, na editora, e Justino Martins, na revista. Aos 25 anos, Erico havia recém chegado a Porto Alegre quando foi convidado pelo próprio Mansueto Bernardi para trabalhar na *Revista do Globo*, na qual já havia publicado alguns dos seus primeiros contos. Assumiu como diretor da publicação em 1932, ocupando o cargo até 1936 - mesmo sem manifestar qualquer vocação para o comando de uma redação. Paralelamente, desde 1932, Erico atuava também na Editora Globo, como tradutor e conselheiro editorial.

O consórcio Bertaso-Verissimo foi dos mais profícuos do ambiente editorial brasileiro: se Erico sabia quais títulos cativariam o segmento de público intelectualizado, Henrique, guiado pelo *Publishers Weekly*, aprimorava seu faro para os best-sellers. Segundo Hallewell, a presença do escritor como conselheiro editorial marcou um importante pioneirismo na indústria do livro do Brasil. (RAMOS, 2016).

Sob o comando de Justino Martins, por sua vez, a *Revista do Globo* passou a investir em grandes reportagens e no fotojornalismo. A inspiração direta eram as revistas americanas *Time* e *Life* - a primeira pela ênfase informativa, a segunda pelo apelo visual. A grande revista nacional durante o apogeu da *Revista do Globo* era *O Cruzeiro*, que chegou a vender 720 mil exemplares da edição que registrava o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Mesmo distante em números de exemplares vendidos, a *Revista do Globo* chegou a alcançar o posto de segunda em circulação entre as publicações do mesmo gênero. A qualidade da revista gaúcha e a fama de “revisteiro” talentoso chamaram a atenção de Adolpho Bloch, que em 1959 levou Justino Martins para dirigir a *Manchete*.

O prestígio da editora e o sucesso da *Revista do Globo* permitiram que fosse levado adiante o projeto da revista literária *Província de São Pedro*, que circulou entre 1945 e 1957, com interrupções eventuais. O principal nome por trás da publicação era Moysés Vellinho, que dirigiu a revista durante todos os seus 21 números.

Nascido em Santa Maria, Vellinho havia estreado como crítico literário no *Correio do Povo* em 1922, sob o pseudônimo de Paulo Arinos. Pouco depois, em 1925, ele e Rubens de Barcellos protagonizaram uma das mais célebres polêmicas literárias do período. Enquanto Vellinho criticava o regionalismo *dépassé* de Alcides Maya, Barcellos saía em defesa do escritor consagrado, já então membro da Academia Brasileira de Letras. O debate era ao mesmo tempo estético e político, ecoando disputas da recente Revolução de 1923, em que Vellinho havia se posicionado ao lado de Assis Brasil, enquanto Rubens de Barcellos havia ficado ao lado de Borges de Medeiros.

Entre 1928 e 1930, já formado em Direito, Vellinho atuou como oficial de gabinete de Oswaldo Aranha, secretário estadual de Interior e Justiça durante o período em que Getúlio Vargas governou o Rio Grande do Sul. Quando Vargas chegou ao poder na Capital Federal, Vellinho foi passar um período no Rio de Janeiro, mas em 1932 voltou para Porto Alegre, onde deu prosseguimento à sua trajetória intelectual, em paralelo à longa carreira como funcionário do Tribunal de Contas do Estado.

Em depoimento ao jornalista Antonio Hohlfeldt, Vellinho conta como nasceu a ideia da criação da revista *Província de São Pedro*:

A Província teve origem numa conversa um tanto casual do Henrique Bertaso com o Gilberto Freyre. Eles falavam na criação de uma revista que seria um eixo de ligação entre o Rio Grande e Pernambuco. Isso interessava-nos especialmente por ter Pernambuco sido um dos estados que mais desenvolvera a pesquisa cultural e regional. Isso seria lá por 1943, mas uma série de fatores acabará impedindo a concretização imediata da ideia. (VELLINHO, 1979).

A presença da palavra “província” no título da nova publicação, referência ao nome oficial da região durante o século 19, não era casual. Desde o primeiro editorial, Vellinho defende como projeto, seu e da revista, um “provincianismo cultural” - aberto para o Brasil e para o mundo - que ousa reconhecer-se como tal:

O que PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO deseja não é afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista. É uma publicação regional, sem dúvida, faz questão de sê-lo, mas não a animam exclusivismos localistas. Seu objetivo é o de fomentar, no Rio Grande do Sul, as obras de inteligência, através do ensaio, da crítica, da ficção, da poesia, de todas vastas zonas, dentro das nossas fronteiras humanas e geográficas, ainda não alcançadas pela morosa expansão das bandeiras culturais. (VELLINHO, 1945).

Carlos Reverbel trabalhou como secretário de redação durante mais da metade do período em que a revista circulou - entre as edições de número 2 e 12. Sua função, entre outras, era a de atrair colaborações que se enquadrassem na filosofia editorial ditada por Moysés Vellinho. Nesse sentido, buscava o equilíbrio entre novos talentos, autores consagrados (nacionais e internacionais) e figuras do passado que, na visão da revista, mereciam ser resgatadas do esquecimento. Os artigos não precisavam ser propriamente literários. Havia espaço para história, antropologia, política e mesmo ciência. Não havia expectativa de lucro, mas a Editora Globo encarava a *Província* como um veículo com potencial para divulgar nacionalmente seus autores. Segundo as pesquisas da jornalista e crítica de arte Paula Ramos:

A publicação acabou extrapolando as fronteiras gaúchas e conquistou leitores e apreciadores em várias partes do Brasil. Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, José Lins do Rego, Antônio Cândido, Gilberto Freyre, Sérgio Millet, Otávio Tarquínio de Souza e Vianna Moog não lhe poupavam elogios e também publicavam ensaios e artigos em suas páginas. Sobre a *Província*, assim se referiu Raquel de Queiroz: ‘(...) uma publicação do vulto da admirável *Província de São Pedro*, revista que é hoje o melhor cartão de visitas da literatura brasileira’. O poeta Carlos Drummond de Andrade também se manifestou: ‘Com esta revista, o Rio Grande do Sul ganha um instrumento cultural de primeira ordem, apto a exercer a sadia influência na vida literária do país. (RAMOS, 2016, p.108).

Em suas memórias, Reverbel conta que foi dele a ideia de publicar, na íntegra, a sátira política *Antônio Chimango*, que até então só havia tido edições clandestinas no Brasil. O

objetivo não era apenas literário. Reverbel estava preocupado com a baixa circulação da revista - sina de todas as publicações literárias no Brasil desde sempre. A ideia deu certo: pela primeira vez, a *Província* foi disputada nas bancas. Também foi dele a iniciativa de encomendar uma tradução do *Martín Fierro*, de José Hernández, ao poeta regionalista João Otávio Nogueira Leiria, seu colega no *Correio do Povo*. A encomenda daria origem, anos mais tarde, à primeira tradução completa do *Martín Fierro* para o português - publicada em 1972 pela Editora Bels, depois da morte do tradutor, em comemoração ao centenário do poema. Como autor, Reverbel publicou, além do esboço biográfico de Simões Lopes Neto, em 1945, outros dois ensaios: um sobre Rafael Pinto Bandeira (PROVÍNCIA, n. 4, 1946)⁴ e outro sobre Rubens de Barcellos (PROVÍNCIA, n. 7, 1946).

A passagem pela redação da *Província de São Pedro* responde por um período relativamente curto da longa trajetória jornalística de Reverbel, mas, nos anos seguintes, como repórter, editor e depois cronista, o “provincianismo cultural” de Moysés Vellinho permaneceria como uma espécie de linha mestra a orientar seu campo de interesses e atuação. Em linhas gerais, esse provincianismo aberto para o mundo aliava um profundo apego aos temas regionais, especialmente em suas manifestações historiográficas e literárias, ao diálogo permanente com interlocutores de dentro e fora da “província”, com o objetivo, mais ou menos explícito, de promover a projeção e o reconhecimento dos elementos da cultura local com os quais se identificava.

2.4 Simões Lopes Neto

“Província”, não por acaso, foi também o nome escolhido para batizar um produto editorial que, além de dialogar conceitualmente com a revista, dedicando-se a temas e autores regionais, publicaria muitos dos autores que costumavam frequentar suas páginas como articulistas. As duas Províncias foram concebidas dentro da Editora Globo no mesmo ano, 1945, mas a coleção de livros demoraria mais quatro anos antes de vir a público, em 1949. A ideia, desde o início, era inaugurar a Coleção Província com uma edição crítica de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto. O glossário encomendado a Aurélio

⁴ O ensaio sobre Pinto Bandeira foi analisado pelo historiador Luiz Henrique Torres, professor da FURG, no artigo “Luso-brasilidade em Carlos Reverbel” (2001). O autor afirma que o texto de Reverbel reflete o antagonismo, corrente nas décadas de 1940 e 1950, entre as experiências históricas luso-brasileira e platino-missionária, incorporando a interpretação de que o Rio Grande do Sul era uma terra de ninguém quando foi integrada à civilização pela organização político-administrativa luso-brasileira. (TORRES, 2001).

Buarque de Holanda para que o livro se tornasse mais palatável para leitores de fora do Estado, porém, acabaria evoluindo para uma análise formal mais detalhada, o que exigiu o prolongamento do prazo inicialmente acordado.

Os três envolvidos na concepção do projeto - os editores Henrique Bertaso e Erico Verissimo, além do crítico Augusto Meyer, principal articulador da revalorização da obra de Simões Lopes Neto naquele momento - concordavam que era necessário incluir na nova edição um estudo biográfico sobre o autor. Uma primeira edição de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* havia sido publicada pela Globo em 1926 (dois anos depois da inclusão do nome do autor na *História Literária do Rio Grande do Sul*, de João Pinto da Silva), despertando a atenção dos jovens Augusto Meyer e Darcy Azambuja, que na época saudaram a obra nas páginas do *Correio do Povo*. No início dos anos 1940, porém, pouco se sabia sobre sua vida e as outras obras que havia produzido em sua cidade natal.

Reverbel foi o repórter escalado para viajar a Pelotas com a missão de levantar material para o esboço biográfico a ser incluído na nova edição. Além da experiência na cobertura da área cultural, da amizade com Erico Verissimo e de já ter publicado uma reportagem sobre literatura regionalista na *Revista do Globo* (“O drama do gaúcho sem distâncias”, que destaca o fato de a cultura gauchesca do Rio Grande do Sul se alimentar principalmente de obras “contrabandeadas”, como o *Martín Fierro*⁵), deve ter contado a favor de Reverbel a afinidade com os temas regionais que vinha desde os tempos de garoto da Campanha.

Eu havia lido os *Contos Gauchescos* quando ainda estudava no Colégio Anchieta, levado pela saudade dos cenários e do tipo de personagens evocados pelos causos de Blau Nunes. Simões Lopes Neto já era naquela época o regionalista rio-grandense mais popular entre os que se interessavam por esse gênero literário. Contrariamente ao que acontecia com Alcides Maya, lido apenas por uma elite capaz de ultrapassar a barreira verbal da sua ficção, os *Contos Gauchescos* eram deletreados até mesmo por gente simples da Campanha, pouco chegada aos livros. (REVERBEL, 2006, p.747).

Em Pelotas, Reverbel encontrou ainda vivos vários contemporâneos do escritor - inclusive a viúva, Dona Velha, a filha adotiva do casal, Firmina, um primo, Francisco Simões, e o amigo e admirador Francisco Cardoso, um operário que havia passado os últimos 30 anos reunindo documentos relacionados à vida e à obra de Simões Lopes. Outra fonte importante para essas pesquisas iniciais foram as coleções de jornais de Pelotas com os quais o escritor havia colaborado.

⁵ “E por que então esse amor e esse culto pelos motivos alheios? Talvez pela ausência de realismo da maioria esmagadora dos nossos regionalistas.” (REVERBEL, 1940).

Por meio da viúva, Reverbel ficara sabendo que os originais inéditos de um livro que se chamaria *Casos do Romualdo* estavam perdidos, uma das razões pelas quais Dona Velha costumava receber com desconfiança os admiradores que ainda apareciam em sua casa em busca de informações sobre o escritor. Além de enfrentar dificuldades financeiras desde a morte do marido, a viúva parecia se sentir explorada pelos curiosos que batiam à sua porta - como, para ela, parecia ser o caso do próprio Reverbel.

Os originais de *Casos do Romualdo* haviam sido confiados ao escritor Artur Pinto da Rocha, que teria sido encarregado de redigir um prefácio para uma edição nunca publicada. Pinto da Rocha morreu em 1930, no Rio de Janeiro, e com ele sumiram os originais. O que a viúva parecia não lembrar é que os *Casos do Romualdo* haviam sido publicados em 1914, como folhetim, no jornal pelotense *Correio Mercantil*, que então já havia deixado de circular. Folheando jornais fora de circulação na Biblioteca Pública Pelotense, Reverbel encontrou o volume encadernado do *Correio Mercantil* que continha o folhetim.

Com a coleção do *Correio Mercantil* debaixo do braço, e mal conseguindo esconder a empolgação com a descoberta, rumei direto para a sede da Livraria do Globo em Pelotas. Minha tarefa agora seria datilografar, linha por linha, todos os episódios dos *Casos do Romualdo*, com o cuidado de fazer duas cópias do trabalho. Depois de dois ou três dias de datilografia, voltei à casa de Dona Velha, pronto para uma delicada vingança pela péssima recepção que ela havia me dispensado anteriormente. (REVERBEL, 2006, p. 750).

Feitas as pazes com Dona Velha, com quem se correspondeu até a morte dela, em 1965, poucas semanas antes das comemorações do centenário do escritor, e já de volta a Porto Alegre, Reverbel intercedeu junto a Henrique Bertaso para que a Globo cedesse à viúva os direitos autorais de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, que pertenciam à editora desde 1925, quando a Livraria Universal, de Pelotas, encerrou suas atividades.

Os primeiros resultados dessa viagem inicial a Pelotas começaram a ser publicados ainda em 1945: duas reportagens na *Revista do Globo* e um ensaio biográfico na *Província de São Pedro*. A primeira reportagem da *Revista do Globo*, intitulada “Tu és a minha estrela do sol posto” (REVERBEL, 2006, p. 21), foi publicada em 25 de agosto de 1945 e ilustrada com uma fotografia de Dona Velha - sentada à sua mesa de trabalho no Conservatório de Música de Pelotas, onde era secretária. Nesse texto, Reverbel apresenta uma das primeiras conclusões extraídas de entrevistas e consultas aos arquivos de jornais pelotenses: quando morreu, em 1916, Simões Lopes Neto era “um escritor abaixo de provinciano, era mesmo municipal”. Impressionou o repórter o fato de que o extenso obituário dedicado ao escritor pelo jornal *Opinião Pública*, onde ele trabalhava como redator quando morreu, não fazia qualquer

referência especial a *Contos Gauchescos* e nem sequer citava *Lendas do Sul*. O escritor era uma figura querida na cidade, mas não necessariamente reconhecida pelo talento literário. Fica clara na reportagem a empolgação do repórter não apenas com o personagem, mas com o vasto material de pesquisa a ser explorado no futuro. O papel de Augusto Meyer como intelectual que liderava o processo de revalorização da obra de Simões Lopes Neto naquele momento também aparece na reportagem, assim como a crítica aos “beatos”, não nomeados, do regionalismo:

Quem se detiver, embora de passagem, ou então fazendo reportagens assim apressadas, sobre a vida literária e a maneira de ser daquele que criou as páginas que dão vigor e, de certa forma, justificam o regionalismo rio-grandense, encontrará, sem dúvida, um campo aberto de surpresas e imprevistos e até mesmo de verdadeiros espantos. Excluindo naturalmente os grandes iniciados do culto simoneano, a começar por esse magnífico Augusto Meyer e pelos demais nomes aqui referidos a seu tempo, e também excluindo alguns beatos, sem maior importância sacerdotal, mas ótimos para carregar o andor, de pala gauchesco em lugar de opa - seria o caso de se sugerir uma incursão geral nos domínios de J. Simões Lopes Neto. (REVERBEL, 2006, p. 30).

A segunda reportagem publicada na *Revista do Globo*, intitulada “Blau Nunes existe”, saiu pouco mais de um mês depois, em 29 de setembro de 1945. O tema era a mudança do nome do município de Santa Bárbara para Blau Nunes, ocorrida no ano anterior e revertida em 1948. O repórter comemora a iniciativa - ilustração prática do estágio de engajamento no “projeto Simões Lopes Neto” já naquele momento.

Foi na verdade um belo ato, um ato de inteligência e amor. E originalíssimo. Talvez único nos quadros da toponímia brasileira. De minha parte, não sei de nenhum outro lugar que tenha sido batizado com o nome de um símbolo literário. (REVERBEL, 1945).

Na edição número 2 da *Província de São Pedro*, que chegou às bancas em setembro de 1945, sai o “Esboço biográfico em tempo de reportagem”, texto que, com modificações, seria publicado como posfácio na edição crítica de 1949. Além das informações biográficas recolhidas em Pelotas, há um esforço do jornalista de situar literariamente o personagem, com apoio das leituras anteriores de João Pinto da Silva e Augusto Meyer. No número 1 da revista, Meyer havia publicado o artigo que serviria de base para o prefácio da edição crítica. Quatro anos se passariam até o terceiro vértice do projeto finalizar sua colaboração. Em março de 1949, no décimo-terceiro número da revista, finalmente a *Província* publica trechos da introdução encomendada a Aurélio Buarque de Holanda - dedicada no livro a Augusto Meyer,

Henrique Bertaso e Maurício Rosenblatt, que havia feito a intermediação para sua colaboração na edição crítica, inicialmente concebida para ser apenas um glossário.

Na tese “A invenção de Simões Lopes Neto”, de 2018, Jocelito Zalla sustenta que as reportagens na *Revista do Globo*, os artigos na *Província de São Pedro* e os livros da Coleção *Província* faziam parte de um projeto, até certo ponto coordenado, que tinha por objetivo não apenas promover um autor da casa, mas estabelecer Simões Lopes Neto como o principal nome do regionalismo gaúcho. Uniam-se nesse esforço intelectuais como Augusto Meyer e Moysés Vellinho, os editores Henrique Bertaso e Erico Verissimo e jornalistas como Reverbel. Para Zalla, Simões Lopes Neto representava o regionalismo “tipo exportação”, literariamente chancelado por nomes de fora do Estado, como José Lins do Rego - que havia elogiado o escritor em um capítulo do livro *Gordos e Magros*, lançado em 1942.

A partir de 1943, a intelectualidade local passou sistematicamente a se ocupar de Simões. As divergências de avaliação, principalmente no que tocava à oposição a (Alcides) Maya, aos poucos foram deixadas de lado em favor de um projeto comum, que comportava, ainda, uma espécie de divisão do trabalho de memória, com a especialização das posições de críticos, biógrafos e editores, ainda que um ou outro membro do grupo ocupasse mais de um desses lugares ao longo dos anos. No plano da crítica literária, Augusto Meyer assumia o protagonismo, articulando sua rede de contatos no Rio Grande do Sul e na capital federal, em favor da divulgação do escritor. (ZALLA, 2018).

Nessa “divisão de trabalho”, cabia a Reverbel a função de biógrafo, mas também a de “setorista” de Simões Lopes Neto nas redações em que trabalhava, principalmente na *Província de São Pedro*, onde uma das atribuições do secretário de redação era exatamente a de encomendar colaborações. Com a chancela de Moysés Vellinho, Reverbel garantia um fluxo permanente de ensaios dedicados ao escritor, além de selecionar textos, inéditos ou já conhecidos, para publicação. No número 2 da revista, o primeiro em que Reverbel colaborou como secretário de redação, além do seu estudo biográfico, foi publicado o conto “O menininho do presépio”, encontrado por ele em Pelotas na coleção do jornal *Opinião Pública* de 1913 (ZALLA, 2018). No número 3, saiu um trecho de *Casos do Romualdo*.

Na *Revista do Globo*, além dos textos em que dava vazão a informações colhidas em Pelotas, Reverbel ajudava a promover a edição crítica que estava para sair. Em setembro de 1948, publicou uma reportagem com Aurélio Buarque de Holanda, intitulada “Um alagoano que se torna gaúcho”, em que, além de apresentar uma pequena biografia do professor e contar como foram seus primeiros contatos com a obra de Simões Lopes Neto, narrava como havia sido sua passagem por Porto Alegre e Pelotas, durante uma visita patrocinada pela Editora

Globo⁶. Em sua tese, Zalla recupera uma carta de Reverbel enviada a Augusto Meyer em que o “projeto Simões Lopes Neto” é discutido abertamente:

Em 1946, o jornalista Carlos Reverbel enviou ao crítico e poeta, então diretor do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, uma interessante carta. Entre notícias de suas recentes investigações em Pelotas, sobre a vida do nosso personagem, e agradecimentos pelos elogios aos textos publicados a esse respeito na imprensa gaúcha, havia uma menção à consolidação do projeto coletivo de resgate de Simões, com a adesão de novos membros: “O dr. Moysés [Vellinho] e o Carlos Dante de Moraes estão quase entrando para a turma. Serão ótimos ‘simoneanos’. O Athos [Damasceno] o é de primeira água. Fez uma bonita transposição poética do *Negrinho do Pastoreio*. (ZALLA, 2018).

Se não é possível discordar que o “projeto Simões Lopes Neto” era mesmo uma realidade, no sentido de que Reverbel compartilhava com Augusto Meyer a percepção de que o escritor pelotense era uma espécie de causa a ser encampada pelos iniciados - seja porque estavam genuinamente convencidos do seu valor literário, seja porque a projeção da melhor versão do regionalismo gaúcho, para o maior número possível de leitores era também a legitimação da cultura a que pertenciam e com a qual se identificavam - o fato é que o jornalista permaneceu engajado nessa missão pelo resto da vida.

A consolidação dessas pesquisas em livro, no entanto, demoraria mais de 30 anos: a biografia *Um Capitão da Guarda Nacional* foi publicada em 1981, pouco mais de 10 anos depois da morte de Augusto Meyer, quando Reverbel já estava aposentado. Mas o trabalho não se encerrou ali. Quando morreu, em 1997, o jornalista ainda estava atualizando um arquivo de referências bibliográficas relativas ao escritor.

Por motivos que talvez não sejam unicamente literários, novos leitores, críticos e biógrafos continuaram engajando-se, ao longo dos anos, ao “projeto Simões Lopes Neto” - alguns com a mesma diligência de Reverbel e o mesmo sentido de fidelidade ao autor que produziu uma obra capaz de sintetizar uma cultura. Houve novas descobertas, correções e avanços com relação ao seu trabalho, mas o mérito daquelas primeiras visitas a Pelotas, que apanharam tantos contemporâneos do escritor ainda vivos, e a dedicação ao mesmo personagem durante tantos anos permanecem indiscutíveis, como atesta o crítico Flávio Loureiro Chaves em artigo publicado no volume *Textos Escolhidos*, que reúne livros e reportagens de Carlos Reverbel:

⁶ De acordo com um levantamento produzido pelo próprio jornalista em 1992, em que estão incluídos reportagens, crônicas, artigos e livros, Reverbel publicou nove trabalhos com referências a Simões Lopes Neto nos anos 1940, 11 textos nos anos 1950, 18 nos anos 1960, 46 nos anos 1970, 50 nos anos 1980 e 13 nos dois primeiros anos da década de 1990.

Ele [Reverbel] construiu a biografia de Simões Lopes, pedra sobre pedra, e o resultado final reveste inatacável correção, digam o que disserem os outros biógrafos retardatários. Trata-se de um texto pioneiro e indispensável. (REVERBEL, 2006, p.19).

2.5 Paris

Em setembro de 1945, porém, não era apenas o “projeto Simões Lopes Neto” que andava ocupando o pensamento do jornalista quando ele não estava trabalhando. Com o final da Segunda Guerra Mundial, Carlos e Olga Reverbel, casados desde 1941 e ainda sem filhos, começaram a alimentar o sonho de passar uma temporada na França - “segunda pátria” do casal e de boa parte dos intelectuais brasileiros nos anos 1940. Reverbel calculou que, com a moeda desvalorizada do pós-guerra, não seria impossível sobreviver como correspondente em Paris com o salário do *Correio do Povo* e alguma colaboração extra para outros jornais e revistas.

Antes, porém, eles precisavam garantir o dinheiro da passagem. Para isso, Reverbel se desfez de todos os livros de sua biblioteca que encontraram comprador, inclusive a maior preciosidade até aquele momento: uma primeira edição, datada de 1835, do livro *Voyage à Buenos Ayres et à Porto Alegre par la Banda Oriental, les Missions de Uruguay et la Province de Rio Grande do Sul*, de Arsène Isabelle. Como Reverbel relembra em suas memórias, o livro havia pertencido a um médico de São Gabriel, Fernando Abbott, e tinha ido parar em suas mãos como presente de um neto do antigo dono, Fernando Coelho de Souza, seu amigo. Quem arrematou o livro foi Moysés Vellinho, que não apenas pagou uma quantia muito mais alta do que o livro valia como tratou de devolver a relíquia quando Reverbel voltou de Paris⁷.

Depois de 24 dias de viagem a bordo do vapor Philippa, Carlos e Olga desembarcaram em Marselha em maio de 1947, de onde partiram logo em seguida para Paris. As marcas da guerra ainda eram visíveis, nas ruas e nas pessoas, mas para dois brasileiros jovens e apaixonados pela França não havia melhor lugar para se estar naquele momento. Não por acaso, muitos outros tiveram a mesma ideia, como Reverbel narra em suas memórias:

Éramos uma turminha, formada basicamente por Tônia Carrero, Thiré, Rubem Braga, Zora, Olga e eu. Thiré era pintor e estava fazendo um curso de pintura. Tônia, no apogeu de sua beleza, estudava teatro. (...) Rubem Braga, por sua vez, trabalhava como correspondente do jornal *O Globo*. Ele e Zora moravam no mesmo hotel que nós, e às

⁷ Esse livro que vem viajando, de uma biblioteca para outra, há quase 200 anos, hoje está na minha casa. Presente de Reverbel, claro, que anexou ao volume um bilhete onde se lê: “Para que a história continue”.

vezes dividiam conosco o bife que Olga fritava em um pequeno fogareiro dentro do quarto. Incorporou-se também ao pequeno grupo Novais Teixeira, um português que fora encarregado do gabinete de imprensa de Manuel Azana, líder da Espanha republicana em momentos cruciais da guerra civil. (...) Andavam por lá também o Iberê Camargo (que tinha recebido um prêmio de viagem durante a guerra e só em 1947 conseguiu usufruí-lo), o Carlos Scliar (que fora pracinha e voltara para a França depois da guerra), o Jorge Amado (que, como o Scliar e nós, durante um certo período morava no Quartier Latin, no Hotel San Michel, de Madame Salvage, o preferido dos latino-americanos, de Raúl Castro a Pablo Neruda) e Celso Furtado (que também fez a guerra e voltou para estudar, sendo o estudante menos boêmio e mais responsável do Quartier Latin naquela época). (REVERBEL, 2006, p.764).

Reverbel enviava material para o *Correio do Povo*, quase diariamente, via aérea. Suas reportagens abordavam temas como as condições de vida no pós-guerra e as iniciativas que estavam sendo implementadas pelo governo da França para superar as dificuldades do país. O jornalista também atuava como representante da Globo junto a autores franceses traduzidos pela editora - o que permitiu que entrevistasse escritores como Roger Martin du Gard, Jacques de Lacretelle e Paul Claudel, além da viúva de Romain Rolland. Para a *Revista do Globo*, enviava com certa periodicidade reportagens sobre a área cultural.

Em suas memórias, Reverbel conta que ficou tentado a permanecer em Paris, principalmente depois que Olga começou a trabalhar na Unesco, o que garantiria alguma estabilidade financeira ao casal. Olga, porém, preferia voltar. Em 17 de março de 1948, enviou uma carta a Maurício Rosenblatt anunciando a data do retorno e pedindo que o amigo fosse buscá-los no porto.

2.6 Páginas literárias

Em 1954, Reverbel assumiu a responsabilidade de editar (ou “organizar”, como se dizia na época no jargão jornalístico) a seção cultural do *Correio do Povo* - duas páginas maciças, em tamanho standard, publicadas aos sábados. Em um período anterior à moderna especialização de funções (ao qual muitas redações acabaram regredindo nos últimos anos, com o objetivo de cortar custos), o editor não apenas selecionava colaboradores e encomendava textos como providenciava seu pagamento e diagramava as páginas. O norte editorial era muito parecido com aquele seguido pela *Província de São Pedro*, com ênfase na cultura local e colaborações regulares de nomes nacionais como Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai e Carlos Drummond de Andrade, além de autores gaúchos como Augusto Meyer, Mario Quintana, Herbert Caro e Walter Spalding. Respaladas pela influência e pelo prestígio da Caldas Júnior, as páginas literárias do *Correio do Povo* foram o mais importante espaço de divulgação cultural

do Rio Grande do Sul entre o início dos anos 1950 e meados dos anos 1960⁸. O historiador Sérgio da Costa Franco, que iniciou suas colaborações na imprensa na época, lembra a importância das páginas literárias do *Correio do Povo*:

Toda a atividade cultural do Rio Grande do Sul na década de cinquenta e início da década de sessenta refletiu-se nas colunas que Reverbel organizava com entusiasmo e justo critério. É difícil hoje escrever sobre qualquer tema rio-grandense - histórico, sociológico, folclórico ou literário - sem apelar para as coleções daquele tempo. (...) Carlos Reverbel fazia milagres, cumprindo um notável papel, tanto de animador de vocações jovens, como de mobilizador de escritores fatigados e inativos. (FRANCO, 1982).

Em 1955, Reverbel teve a ideia de promover aquilo que no jargão jornalístico da época era chamado de “inquérito” - termo que no futuro acabaria sendo substituído nas redações brasileiras pelo galicismo “enquete”. O objetivo do levantamento era chegar a uma lista com 10 obras fundamentais da literatura rio-grandense, de ficção e não ficção, a ser publicada no período em que ainda transcorriam as comemorações dos 120 anos da Revolução Farroupilha (1835-1845). Para tanto, intelectuais gaúchos de diferentes gerações e especialidades foram convidados a elencar títulos considerados essenciais. As respostas de cada um dos consultados foram publicadas semanalmente, aos sábados, entre 10 de setembro de 1955 e 28 de janeiro de 1956. A lista com as 10 obras mais votadas viria a público na edição do dia 31 de dezembro de 1955.

Embora esse tipo de levantamento já não fosse exatamente original no jornalismo, dentro e fora do Brasil, é possível rastrear pelo menos um “inquérito literário” que pode ter servido de inspiração para a enquete do *Correio do Povo*. Entre 1938 e 1939, a publicação carioca *Revista Acadêmica* (1933-1948) havia promovido uma consulta com o objetivo de apontar os 10 melhores contos da literatura brasileira até aquele momento. Na entrevista concedida a Reverbel em 1948, Aurélio Buarque de Holanda havia citado a enquete da *Revista Acadêmica* como a publicação em que ele havia lido a primeira referência a Simões Lopes Neto⁹.

O resultado final da enquete promovida por Reverbel foi publicado junto com um texto assinado por ele. O artigo dá conta de que o inquérito havia sido lançado no dia 3 de setembro

⁸ Em 1967, as páginas editadas por Reverbel foram substituídas pelo *Caderno de Sábado*. Idealizado por P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich, o *Caderno de Sábado* circulou semanalmente entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981, marcando época na imprensa cultural gaúcha.

⁹ Simões Lopes Neto não chegou à lista final, mas foi mencionado por vários entrevistados. O conto mais votado foi *O Negrinho do Pastoreio*, mas *Contrabandista* e *Boi Velho* também foram citados.

daquele ano, encerrando-se em dezembro. Durante esse período, foram publicadas as respostas de mais de 40 intelectuais e mais de cem livros diferentes foram citados. O texto destaca o fato de que, entre os livros mais votados, apenas quatro podiam ser encontrados nas livrarias: os três títulos de ficção mencionados (*Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, *O Tempo e o Vento* e *Antônio Chimango*) e *História das Missões Orientais do Uruguai*. Em ordem decrescente de indicações, a classificação final foi a seguinte:

- 1) *Viagem ao Rio Grande do Sul* (Saint-Hilaire)
- 2) *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (J. Simões Lopes Neto)
- 3) *História da Grande Revolução* (Alfredo Varela)
- 4) *Anais da Província de São Pedro* (Visconde de São Leopoldo)
- 5) *A Formação do Rio Grande do Sul* (Jorge Salis Goulart) e *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* (Pe. Balduino Rambo)
- 6) *História do Rio Grande do Sul* (Carlos Teschauer)
- 7) *Ruínas Vivas* (Alcides Maya)
- 8) *História das Missões Orientais do Uruguai* (Aurélio Porto)
- 9) *O Tempo e o Vento* (Erico Verissimo)
- 10) *Antonio Chimango* (Amaro Juvenal) e *História Literária do Rio Grande do Sul* (João Pinto da Silva)

João Cláudio Arendt (2003), em artigo sobre a enquete de 1955 publicado em uma edição especial da Revista do Curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) dedicada a Simões Lopes Neto, pergunta-se por que o escritor pelotense estaria entre os mais votados da lista junto a tantos autores de obras históricas e etnográficas - e tão poucos de obras literárias. Arendt sugere três possibilidades: o conhecimento dos intelectuais convidados a participar da enquete sobre a obra crítica já produzida sobre a obra simoniana, a situação editorial do autor naquele momento, sete anos depois da reedição de luxo lançada pela Editora Globo na Coleção Província, e o fato de o convite ter partido justamente de Carlos Reverbel, já então um simoniano com vários artigos e reportagens publicados sobre o tema.

É possível arriscar a terceira e última resposta para a presença de Simões Lopes entre os primeiros colocados: a presença de Reverbel na redescoberta da obra simoniana e na elaboração da enquete. Esse fato, certamente, pode ter desempenhado um papel importante na escolha das dez obras fundamentais da bibliografia sul-riograndense. Reverbel foi um jornalista que transitou livremente pelos principais meios de comunicação da capital gaúcha, como *Província de São Pedro*, *Revista do Globo*, *Correio do Povo* e, posteriormente, *Zero Hora*. A presença de um jornalista devotado

à crítica literária, de um modo geral, e à obra simoniana, em particular, poderia pré-definir a colocação de Simões Lopes no topo da lista, já que ele foi responsável pelo resgate do escritor e pela sua projeção no cenário das letras brasileiras. (ARENDDT, 2003).

Pouco menos de 10 anos depois do lançamento da enquete, Reverbel retornaria ao tema na seção Bibliografia Rio-grandense, publicada nas páginas literárias do *Correio do Povo* entre 19 de agosto de 1964 e 27 de fevereiro de 1966. Ao dar início a sua nova coluna no jornal, seu objetivo era retomar a enquete, de forma a atualizar a lista de 1955: “Pretendemos intercalar, de quando em vez, entre a matéria de informação e a divulgação bibliográfica, que aparece habitualmente nesta seção dominical, as respostas dadas pelos mais autorizados escritores gaúchos à seguinte pergunta: o que se deve ler para conhecer o Rio Grande?” (REVERBEL, 2006, p.397). Neste mesmo texto, Reverbel lamenta que naquele momento, da mesma forma que 10 anos antes, muitos títulos que poderiam fazer parte de uma bibliografia básica rio-grandense estavam fora de catálogo. Dar destaque às lacunas do mercado editorial, inspirando reedições de livros há muito esquecidos, parece ser um dos objetivos desse retorno à enquete: “Temos assim, logo na abertura deste novo inquérito, importante fato a considerar, qual seja a dificuldade de acesso, das novas gerações de estudiosos, às principais fontes bibliográficas da historiografia rio-grandense. Se acrescentarmos que diversas dessas obras não são encontradas nem na Biblioteca Pública, cresce de vulto a dificuldade a que vimos de aludir”. (REVERBEL, 2006, p.401).

Os resultados da enquete realizada em 1955 voltariam a ser lembrados por Reverbel, algumas décadas depois, ao ser convidado para participar de um levantamento parecido. Em 1996, a Câmara Rio-grandense do Livro pediu a 10 nomes de destaque do meio intelectual gaúcho - entre eles escritores, professores de literatura e jornalistas - que indicassem 10 obras consideradas fundamentais na literatura gaúcha. O enunciado é praticamente o mesmo da enquete realizada 40 anos antes, mas os resultados, no conjunto, acabariam sendo bastante distintos: se nos anos 1950 havia uma ênfase nos ensaios de História, na lista dos anos 1990 há um predomínio dos livros de ficção. *Os Ratos*, uma novela de 1935 que recebeu apenas um voto na enquete de 1955, foi o livro mais votado em 1996. *Contos Gauchescos* e *O Tempo e o Vento* aparecem nas duas enquetes. Reverbel, por sua vez, repete seis dos títulos mais votados de 1955 em seu ranking (títulos em destaque):

- 1) *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* (Pe. Balduino Rambo)
- 2) *Viagem ao Rio Grande do Sul* (Saint-Hilaire)
- 3) *A História da Literatura do RS* (Guilhermino César)

- 4) *A História Constitucional do RS* (Vitor Russomano)
- 5) *O Trabalho Alemão no RS* (Aurélio Porto)
- 6) *Memórias Econômico-Políticas sobre Administração Pública no Brasil* (Antônio José Gonçalves Chaves)
- 7) ***Contos Gauchescos* (Simões Lopes Neto)**
- 8) ***O Tempo e o Vento* (Erico Verissimo)**
- 9) ***Antônio Chimango* (Amaro Juvenal)**
- 10) ***História da Grande Revolução* (Alfredo Varella)**

A seleção de livros de 1996 ganha um significado especial quando levamos em conta que Reverbel morreria poucos meses mais tarde. Trata-se de uma lista definitiva, portanto, sem emendas, porque foi a última produzida pelo jornalista. Isso não significa que se trate de um testamento intelectual ou mesmo um retrato fiel dos seus gostos pessoais. Parece, antes, o trabalho de quem mais uma vez tenta trazer à luz títulos esquecidos, alguns já fora de catálogo, esforço que, de certa forma, marcou toda sua trajetória profissional como jornalista interessado na história e na cultura do Rio Grande do Sul.

Quarenta anos depois da enquete de 1955, o jornalista manteve não apenas mais da metade dos títulos destacados naquela época, como o espírito daquelas escolhas: a mesma orientação para os ensaios históricos em detrimento da literatura ou dos livros de memórias, a mesma ênfase em uma bibliografia que busca abarcar diferentes aspectos da formação do Estado, o mesmo recorte histórico fixado em determinado período - a primeira metade do século 20. O título mais recente é *O Tempo e o Vento* (1949-1962). O mais antigo, *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1823). Não entraram na lista autores que Reverbel costumava destacar com frequência em suas crônicas no *Correio do Povo* e mais tarde em *Zero Hora*, como Augusto Meyer, Alcides Maya, Álvaro Moreyra ou João Neves da Fontoura. Também nenhum trabalho produzido depois dos anos 1960. Por outro lado, há uma ênfase em autores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do qual ele fazia parte, entre eles Guilhermino César, Aurélio Porto, Vitor Russomano e Alfredo Varella. Apesar de ter passado boa parte da vida pesquisando sobre Simões Lopes Neto, o autor aparece em sua lista apenas na sétima posição. O ensaio *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, que figura na primeira posição, por sua vez, é um registro sobre a natureza que fixa a imagem do Estado como ela se apresentava na década de 1930 - não por acaso, a época da juventude de Reverbel.

Para quem se ocupou da história e da cultura do Rio Grande do Sul durante toda a vida profissional, não deve ter sido tarefa fácil produzir uma lista de apenas 10 livros, mas Reverbel atendeu à solicitação, talvez valendo-se do que estava mais à mão no momento: a estimada

enquete de 1955. Suas escolhas e os critérios que podemos apenas intuir acabam por expor os méritos e as fragilidades desse tipo de levantamento. Por um lado, os rankings são sempre parciais e imperfeitos. Poucos leitores são tão onívoros a ponto de dominarem todas as áreas do conhecimento. Mas mesmo que existissem leitores desse tipo imediatamente surgiria a questão da disparidade de critérios para decidir por que um livro é melhor ou mais importante do que o outro. Por outro lado, qualquer leitor é influenciado pelas ideias dominantes em sua época, com seus pontos cegos e vieses, e nem todos mantêm o mesmo interesse por novos lançamentos com a mesma avidez ao longo da vida, o que pode resultar em uma ênfase exagerada em determinada época e lacunas graves em outras - o que o ranking de 1996 de Reverbel, exageradamente inclinado para a primeira metade do século 20, ilustra muito bem. É comum, nesse tipo de levantamento, que o que está próximo no tempo e no espaço seja sobrevalorizado. Esses desequilíbrios, em vez de falhas, podem vir a se tornar preciosos documentos históricos a respeito do cânone vigente em determinada época.

Se as enquetes literárias são inevitavelmente tendenciosas, como, em geral, quase todos os concursos de literatura, qual a validade desse tipo de consulta? No texto em que apresenta os resultados do inquérito de 1955, Reverbel arrisca uma explicação que é também uma profissão de fé: “O objetivo deste inquérito, que não era outro senão despertar interesse pelas obras que tratam da nossa terra e da nossa gente, foi plenamente atingido”.

Em 1967, as páginas literárias do *Correio do Povo* foram substituídas pelo *Caderno de Sábado*. Antes disso, porém, Reverbel já havia se afastado da edição da seção de cultura do jornal. Em depoimento à *Revista do Globo*, em 1965, P. F. Gastal - que, junto com Oswaldo Goidanich, criaria o *Caderno de Sábado* - explica o projeto de renovação dos novos editores em relação ao trabalho desenvolvido na década anterior:

Antes de nós estarmos encarregados do material literário, era Carlos Reverbel quem o organizava, auxiliado por Mario Quintana. Naquela época, a página se caracterizava por reunir estudos rio-grandenses, mais do domínio histórico bibliográfico. Tais artigos estavam a cargo de nomes tradicionais do Rio Grande que já se haviam formado neste domínio. Logo que nós, o Goida e eu, assumimos a coordenação daquele trabalho, procuramos mudar a direção da mesma. Pareceu-nos adequado abrir a página para gente nova, para os críticos locais que estão surgindo. Desta orientação resultaram nomes que vão agora se firmando dentro do domínio da crítica, como Carlos Appel, Donald Schuler e Jefferson (*Barros*). São gente nova de nosso meio. (MEDINA, 1965).

Afastado da cobertura da área cultural e da função de editor, e com a liberdade que sempre desfrutou dentro da Caldas Júnior, Reverbel passou a conciliar a atividade de cronista com as colaborações eventuais no suplemento rural do *Correio do Povo*. Agricultura, pecuária,

criação de cavalos e turfe sempre foram temas que o jornalista acompanhou de perto - tanto por relações familiares quanto por nunca ter vendido o lote de terras que herdou da mãe. Como repórter do *Suplemento Rural*, fez suas duas últimas viagens como correspondente internacional, em 1974 e 1975. Nesse período, cobriu o Royal Show, a mais tradicional exposição rural europeia, realizada na Inglaterra, e também enviou reportagens de Paris e Bruxelas.

Em 1980, quando a crise que levaria Breno Caldas a vender a empresa em que Reverbel trabalhou durante 45 anos já se anunciava no horizonte, o jornalista se aposentou. O *Correio do Povo*, como ele havia conhecido, deixaria de circular em 1984.

Ao longo de quase 50 anos, fui mudando de área e de posto conforme os meus interesses: editorialista na *Folha da Tarde*, correspondente estrangeiro quando viajava, cronista eventualmente, repórter a maior parte do tempo. A única função da qual procurei me manter sempre afastado foi a de chefe de qualquer coisa. Exceto na Globo, onde exerci os cargos de secretário da editora, redator-chefe da *Revista do Globo* e secretário da *Provincia de São Pedro*, nunca assumi responsabilidades de chefia. O jornalismo que eu gostava de fazer era dinâmico e, até certo ponto, boêmio, e isso não combinava com a dedicação exclusiva que era exigida dos chamados jornalistas pé de boi. (...) Nunca pretendi ficar preso dessa forma ao jornal. Eu gostava das ruas de Porto Alegre e, principalmente, gostava de viajar. Já que nunca tive a pretensão de enriquecer com o jornalismo, tratei de extrair o máximo possível de prazer do meu trabalho. (REVERBEL, 2006, p. 778)

2.7 Uma arca de livros

Em uma crônica de 1978, Reverbel ironiza o fato de, aos 66 anos, ainda não ter publicado nenhum livro: “Como já tive a lealdade e a coragem de confessar, a minha bibliografia, por sinal bastante alentada, é constituída por obras não escritas” (REVERBEL, 2006, p. 621). Em outra, escrita dois anos antes, havia ensaiado uma explicação para a demora: “Continuo arrumando as armas e bagagens da aposentadoria. Faço parte de uma categoria de indivíduos que deixa a vida passar, acumulando projetos para quando estiver aposentado. Não há melhor maneira de jamais realizá-los” (REVERBEL, 2006, p. 778). Em breve, porém, a rotina na redação do jornal não serviria mais de desculpa para adiar indefinidamente, por exemplo, a biografia de Simões Lopes Neto que vinha sendo preparada havia mais de 30 anos. Uma nova etapa de sua carreira profissional estava para começar: a da publicação de livros.

Antes mesmo da aposentadoria, o jornalista já havia começado a preparar uma seleção de crônicas publicadas no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde* naqueles que seriam seus últimos anos na Caldas Júnior. Em 1979, sai pela Editora Globo a coletânea *Barco de Papel*, com textos escritos entre 1976 e 1977. Com a boa recepção do primeiro volume, publica no

ano seguinte, pela Martins Livreiro, a coletânea *Saudações Aftosas*, com crônicas escritas entre 1977 e 1979.

Um livro é praticamente a continuação do outro, mas há um discreto deslocamento, nesses últimos anos antes da aposentadoria, para temas mais distantes do presente. A impressão é que o cronista vai se sentindo cada vez mais desobrigado do compromisso de buscar inspiração em assuntos da atualidade, sentindo-se à vontade para escrever sobre temas e personagens garimpados na memória ou na História.

A tabela a seguir propõe uma classificação das 59 crônicas de *Barco de Papel* e das 39 de *Saudações Aftosas* segundo seis grandes linhas temáticas: atualidades, Porto Alegre, agropecuária, nostalgias (aqui incluídos tanto episódios biográficos quanto fatos históricos), bibliografia do RS (qualquer referência a livros e autores gaúchos) e Simões Lopes Neto. Muitas crônicas, evidentemente, nascem de cruzamentos desses temas centrais: uma notícia de política ou economia evoca um personagem histórico, um episódio biográfico emenda com uma descrição da Porto Alegre do passado. Por esse motivo, algumas crônicas pontuam em mais de uma coluna.

	Atualidades	Porto Alegre	Agropecuária	Nostalgias	Bibliografia RS	SLN
<i>Barco de Papel</i> (1979)	14	8	4	30	11	2
<i>Saudações Aftosas</i> (1980)	8	3	11	24	7	-

Fonte: elaborado pela autora

As “atualidades” raramente incluem assuntos nacionais (a votação da Lei do Divórcio, a política econômica do governo federal), centrando-se em geral em temas locais (a rivalidade entre Gramado e Canela, o cercamento dos parques, os assaltos no Centro de Porto Alegre). As “nostalgias” do cronista, além de episódios biográficos, podem envolver objetos (a galocha, o chapéu), iguarias (a galinha de trem, a empada), amigos próximos (Justino Martins, Augusto Meyer, Athos Damasceno Ferreira), personagens históricos (Borges de Medeiros, Getúlio Vargas) e figuras da cidade. Analisando esse aspecto das crônicas de Reverbel, Flávio Loureiro Chaves destaca a unidade do conjunto de textos reunidos nas duas coletâneas:

A solda se faz pelo fio da memória, que aí adquire uma inflexão à maneira de Marcel Proust. O passado funciona como a contradição do presente para resgatar uma Porto Alegre outrora provinciana e hoje desfigurada pela violência das alterações urbanas. No entanto, não encontraremos nenhum saudosismo reacionário nesse paradoxo imposto pelo tempo. Prevalece o sentimento que, fazendo referência ao cronista, Luís Fernando Veríssimo qualificou de ‘ceticismo afetoso’. É sob esse prisma que ele faz transparecer uma pluralidade impressionante de tipos e cenários preservados na sua recordação. (CHAVES, 1999).

No item “bibliografia rio-grandense”, que engloba crônicas que giram em torno de recomendações de livros, os volumes de memórias (João Neves da Fontoura, Vivaldo Coaracy, João Daudt Filho) ganham destaque. Não faltam também sugestões de campos de pesquisa a serem explorados. Quando o livro que o cronista gostaria de ler ainda não foi escrito, há indicações de autores que poderiam assumir a tarefa.

Questões “agropecuárias” (a febre aftosa, a praga dos carrapatos, o preço da carne) expõem o lado menos urbano do cronista que, por afinidade e relações familiares, nunca deixou de ser um pequeno produtor rural - além de, nos últimos anos de redação, ter se dedicado a cobrir essa área.

Curiosamente, Simões Lopes Neto, o tema que Reverbel pesquisou mais profundamente ao longo de toda a vida, aparece pouco nas crônicas selecionadas para os dois livros: duas vezes no primeiro e nenhuma no segundo. É possível que esse material já estivesse sendo reservado para a biografia ainda a ser escrita.

Com relação ao estilo, as crônicas de Reverbel parecem combinar a coloquialidade trazida para o jornalismo brasileiro pelos cronistas da sua geração - especialmente Nelson Rodrigues e Rubem Braga - com rastros de um vocabulário que poderíamos chamar de “passadista”, do qual ele lançava mão não sem alguma ironia. Formado, como leitor, por um tipo de jornalismo que ainda tinha um pé no século 19 e testemunha de uma modernização que apenas começaria a ganhar força na imprensa brasileira a partir da década de 1950, quando ele já tinha mais de 40 anos, Reverbel era um cronista entre dois mundos: não empregava um clichê ou apelava para um vocabulário já em desuso sem apontar, de alguma maneira, o anacronismo da fórmula. Dessa autoconsciência a respeito de um estilo de jornalismo que então já soava antiquado, pelo menos para leitores mais jovens, surge o toque de humor presente em boa parte de suas crônicas.

O trecho a seguir da crônica “Nostalgia do lugar-comum”, incluída no livro *Barco de Papel*, é um bom exemplo dessa justaposição de “passadismo” (no assunto e no vocabulário) e autoironia:

O desenlace fatal ocorreu ontem, a tantas horas, em tal lugar, assim e assado. Era como se faziam os necrológicos, antigamente. Por sinal, a expressão ‘desenlace fatal’

funcionava muito bem, como, de resto, os demais lugares-comuns que ornamentavam o noticiário de então. O charme do velho jornalismo eram as frases feitas, havendo um chavão para cada situação do cotidiano, assim como para as ocorrências mais escalafóbicas. Fui procurar esta palavra no Aurelião, não a encontrei. Lembro-me, entretanto, de que a empreguei muitas vezes, vai para uns 40 anos. Ela teve regular consumo na gíria daquela época. Mas terminou caindo do galho e depois morrendo, como a camélia. Não chegou sequer a ser dicionarizada. Teve o melancólico destino das crianças que morrem pagãs, com o píffio consolo de irem diretamente para o limbo, uma espécie de berçário celestial, com o relógio parado no tempo. Salvo melhor juízo, tenho para mim que cheguei a adquirir certa desenvoltura no manejo do lugar-comum, assim como no uso e abuso do adjetivo. (REVERBEL, 2006, p. 509).

Depois das duas coletâneas de crônicas, Reverbel partiu para aquele que era seu projeto mais antigo e ambicioso. Em 1981, 36 anos depois da primeira reportagem e 32 anos após a edição crítica da Editora Globo, finalmente vem a público a prometida biografia de Simões Lopes Neto, *Um Capitão da Guarda Nacional*. A título de prefácio, o livro reproduz a carta que Augusto Meyer havia enviado ao autor em janeiro de 1946, saudando o ensaio biográfico publicado na revista *Província de São Pedro* quatro meses antes. Ao homenagear Augusto Meyer, que havia morrido 11 anos antes, Reverbel reconhece a importância do escritor como referência intelectual e também incentivador de primeira hora das pesquisas sobre Simões Lopes Neto.

Na primeira parte da biografia, Reverbel apresenta os anos de formação do escritor pelotense - do nascimento, em 1865, na estância do avô, até o regresso do Rio de Janeiro, onde teria completado os estudos. O período em que o escritor permaneceu fora de Pelotas, na adolescência, era nebuloso. Reverbel consegue desfazer o boato de que Simões Lopes Neto havia sido aluno da Faculdade de Medicina, mas avança pouco nas razões que o teriam levado a abreviar o período de estudos. O biógrafo toma como certa, porém, a versão de que o escritor frequentara o Colégio Abílio, o que nunca foi comprovado. Nessa parte, a biografia se ressentiu do fato de Reverbel não ter colhido pessoalmente as informações sobre o período no Rio de Janeiro, como havia feito em Pelotas.

A atuação de Simões Lopes na imprensa é o foco da segunda parte da biografia. As pesquisas nos jornais de Pelotas haviam sido um dos pontos de apoio das primeiras reportagens de Reverbel e embasaram muitas de suas descobertas - a começar pelos originais de *Casos do Romualdo*. O nível de detalhamento do capítulo parece revelar o interesse do biógrafo pelo tema da história da imprensa, o que o leva a alongar a conversa sobre cada um dos jornais em que o escritor colaborou. Menos destaque ganha a produção teatral de Simões Lopes, assinada com o pseudônimo Serafim Bemol, tema da quarta parte da biografia. Os empreendimentos comerciais fracassados e os projetos “cívicos” são o foco dos dois capítulos seguintes. Reverbel

dedica os três últimos capítulos à carreira propriamente literária de Simões Lopes Neto: a bibliografia conhecida até então, o ressurgimento editorial e a valorização póstuma pela crítica, “ampliada e aprofundada a cada ano”.

Em “A invenção de Simões Lopes Neto”, Jocelito Zalla dedica algumas páginas à análise de *Um Capitão da Guarda Nacional*. A biografia escrita por Reverbel seria um produto tardio do esforço de valorização da obra de Simões Lopes Neto promovido por escritores gaúchos identificados com o modernismo - notadamente Augusto Meyer. Reverbel, como biógrafo, estaria imbuído da missão de salvaguardar a memória e promover a glória póstuma do escritor.

Para o historiador, as pesquisas de Reverbel, desde as primeiras reportagens publicadas na *Revista do Globo*, estabeleceram alguns lugares comuns que seriam reproduzidos ao longo dos anos. Zalla contesta, por exemplo, a ideia de que Simões Lopes seria um “escritor municipal”, expressão cunhada por Reverbel na primeira reportagem publicada na *Revista do Globo*, em 1945, e a noção de que o autor teria morrido sem ter seu talento literário devidamente reconhecido.

A tese também critica os métodos de pesquisa e priorização de informações do biógrafo, apontando uma tensão entre “uma identidade profissional mais próxima ao periodismo, pautada pelo registro em superfície e pela multiplicidade de informações, e outra especializada na escrita da vida, favorável a interpretações em profundidade” (ZALLA, 2018). Em outras palavras, Zalla traz à tona a repisada discussão a respeito da legitimidade de jornalistas que atuam no campo da História - embate que, se ainda não era tão agudo na época em que Reverbel publicou a biografia, tornou-se corriqueiro, nos últimos anos, a cada novo best-seller lançado por jornalistas como Ruy Castro, Laurentino Gomes, Elio Gaspari, Jorge Caldeira ou Eduardo Bueno - para citar apenas os mais conhecidos.

Mesmo apontando falhas no livro, Zalla reconhece o esforço descritivo de Reverbel e o mérito no levantamento de fontes em Pelotas:

O papel das narrativas de Carlos Reverbel na construção da biografia pública do autor é fundamental, tanto para o bem como para o mal. Seus sucessores mencionavam o pioneirismo e a importância de sua caçada à biografia do pelotense, sempre asseverando sua autoridade maior na mesma empresa. Também reproduziam seus preconceitos de época, anacronismos, deliberados ou não, e projeções pessoais. Ao publicar uma notícia com mais detalhes da vida de Simões, Manoelito de Ornellas teve o cuidado de não fazer seu texto parecer emenda ao trabalho precedente, mas seu complemento. (...) Apoiado nessas primeiras narrativas, portanto, o grupo de simonianos construía uma espécie de repertório biográfico comum, acessível ao grande público ou à nova crítica especializada, coerente com a depuração modernista de sua literatura de imaginação. (ZALLA, 2018, p. 289).

Depois de se desincumbir da “missão Simões Lopes Neto”, Reverbel manteve uma rotina regular de lançamentos nos anos seguintes, dando início à “missão Assis Brasil”, composta de três títulos: a organização e seleção dos textos de *Diário de Cecília de Assis Brasil: período 1916-1928* (1983) e *Pedras Altas: a vida no campo segundo Assis Brasil* (1984), e o perfil, encomendado pelo Instituto Estadual do Livro (IEL), *Assis Brasil* (1990). Os dois primeiros livros nasceram de um mergulho nos arquivos do castelo de Pedras Altas, de onde extraiu documentos até então inéditos. Ligado ao personagem por laços familiares, o jornalista não escondia sua admiração pela figura do “caudilho ilustrado”. Além de liderança política regional, escritor e diplomata, Joaquim Francisco de Assis Brasil era também um produtor rural atento aos métodos mais modernos de produção agropecuária em sua época. De certa forma, Assis Brasil representava o seu ideal de gauchismo: raízes profundas na terra natal e diálogo aberto com o mundo.

Por encomenda da editora L&PM, que dava início naquela época à coleção de livros de bolso Universidade Livre, Reverbel publicou dois pequenos ensaios introdutórios sobre temas regionais: *Maragatos e Pica-paus - Guerra civil e degola no Rio Grande* (1985) e *O Gaúcho - Aspectos de Sua Formação no Rio Grande e no Rio da Prata* (1986).

Ainda nos anos 1980, Reverbel colaborou com duas publicações sob encomenda editadas pela L&PM. Em 1984, organizou a antologia *Entrevero*, composta por contos de escritores gaúchos de diferentes épocas e textos de autores nacionais consagrados que haviam atuado em publicidade. Para essa edição de luxo, encomendada pela MPM Propaganda para a coleção Adão Juvenal de Souza, distribuída como brinde a clientes, ele redigiu também um pequeno glossário de termos gauchescos e uma bibliografia sobre regionalismo. Em 1989, no livro *Sombras e Luzes - Um Olhar sobre o Século*, em que autores como Luis Fernando Verissimo, Lya Luft, João Gilberto Noll e Tabajara Ruas, entre outros, foram convidados a escrever sobre diferentes décadas do século 20, Reverbel assinou o capítulo dedicado aos anos 1940.

Em 1992, Reverbel escreveu uma pequena biografia do escritor Caldre Fião para a edição do romance *Divina Pastora*, lançada naquele ano pela L&PM, com patrocínio da RBS. Publicado originalmente em 1847, o romance era considerado perdido desde os anos 1950, quando o crítico Guilhermino César tentou, sem sucesso, localizar o livro enquanto escrevia sua *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Reverbel fez a intermediação com a RBS e a L&PM que permitiu a publicação do romance perdido, localizado pelo livreiro pelotense Adão Monquelat em um sebo em Montevidéu. A edição contou com ensaio crítico, notas e fixação de texto de Flávio Loureiro Chaves.

No dia 5 de janeiro de 1993, o jornal *Zero Hora* publicou uma nota a respeito dos projetos de Reverbel para o ano que se iniciava:

Estou trabalhando há bastante tempo numa bibliografia sobre Simões Lopes Neto, espero publicar este ano. Já tenho 1.300 fichas e 518 autores. Só se escreveu um único artigo sobre a obra dele enquanto estava vivo. Foi José Paulo Ribeiro, em 1913, com o pseudônimo de Antônio de Mariz. Simões Lopes Neto morreu em 1916. A obra dele foi editada em 1910 e reeditada em 1926. Aí começaram a valorizá-lo. Em 1993, eu gostaria de viajar, mas na minha idade é praticamente impossível porque eu iria para a Europa e teria que me locomover muito. Sem poder caminhar, não se deve ir à Europa. Também gostaria de escrever algumas memórias. Mas só farei se a jornalista Cláudia Laitano ajudar, porque acho que ela tem um grande talento literário e é muito minha amiga. Estou disposto quando ela quiser.

Os planos de organizar uma bibliografia de Simões Lopes Neto e de viajar para a Europa não foram adiante, mas o volume de memórias começou a nascer naquele dia mesmo, quando o editor Sérgio Ludtke, depois de ler a nota, me ligou para dizer que a editora Artes & Ofícios teria interesse em publicar o livro se ele viesse a ser escrito. Aos 26 anos e com apenas alguns meses de experiência como jornalista, eu não tinha ideia de como se produz um livro de memórias ou como poderia colaborar em um trabalho desse tipo, mas evidentemente aceitei o convite. Graças à intermediação do jornalista Lauro Schirmer, amigo de Reverbel e então ex-diretor de redação de *Zero Hora*, o jornal concedeu uma licença remunerada de quatro meses para que eu me dedicasse exclusivamente ao projeto.

Durante esses quatro meses, frequentei a casa de Reverbel quase todos os dias. Meu plano inicial era fazer uma longa entrevista, ordenando mais ou menos cronologicamente os episódios na hora da transcrição. Logo percebi que não seria tão simples. As conversas eram longas e divertidas, mas o memorialista pulava de um assunto para o outro e costumava se alongar em anedotas sobre esse ou aquele personagem que pouco ou nada dizia respeito a sua vida ou experiência profissional. Reverbel parecia gostar mais da ideia do livro do que do processo de organizar as memórias que gostaria de deixar registradas.

Depois de algumas semanas, eu tinha muitas horas de gravação, mas pouco encadeamento de assuntos. A certa altura, percebi que o melhor caminho era garimpar o vasto acervo de crônicas do jornalista em busca de relatos de corte memorialístico que pudessem dar forma ao livro. Funcionou. Não foi difícil encontrar textos sobre o *Correio do Povo*, a Editora Globo ou sobre as pesquisas sobre Simões Lopes Neto. Para assuntos mais pessoais (a infância em São Gabriel, as viagens, o casamento com Olga), as entrevistas foram fundamentais. Além de revisar e corrigir o que eu ia escrevendo, Reverbel fez questão de redigir pessoalmente as

notas finais do livro, idealizadas para situar os leitores mais jovens em relação a episódios históricos e locais da Porto Alegre que ele havia conhecido na juventude. O título, referência ao vaqueano criado por Simões Lopes Neto, foi escolhido por mim e aprovado na hora. Assinado em coautoria com Elmar Bones¹⁰, o último livro de Reverbel é dedicado à história do jornalismo gaúcho. Em *Luiz Rossetti: o Editor sem Rosto & Outros Aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul* (1996), Bones escreve sobre Rossetti, ativista italiano que dirigiu *O Povo*, jornal oficial da República Rio-grandense durante a Guerra dos Farrapos. Reverbel assina o ensaio de abertura, *Aspectos da Formação da Imprensa Rio-grandense*, que cobre o período que se estende da fundação do *Diário de Porto Alegre* (1827), primeiro jornal do Rio Grande do Sul, até a época dos ferrenhos embates entre *A Federação* (1883), órgão de propaganda republicana em que brilhava a pena de Julio de Castilhos, e *A Reforma* (1869), comandado pelo líder federalista Gaspar da Silveira Martins¹¹.

2.8 Últimos anos

No final dos anos 1980, Reverbel colaborou regularmente como cronista com o jornal *A Razão*, de Santa Maria, e com a revista *Moinhos de Vento*, de Porto Alegre. Em 1987, a convite do jornalista Lauro Schirmer, começou a publicar crônicas no jornal *Zero Hora*. Além de restabelecer um canal de comunicação com antigos leitores, essas colunas semanais apresentaram seu nome para uma geração que não havia acompanhado seu trabalho na Caldas Júnior. A essa altura, o jornalista costumava ser ouvido com frequência em reportagens sobre os mais diferentes assuntos, que tratavam da história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Usando a conhecida imagem criada por Walter Benjamin, Reverbel havia se tornado um legítimo “camponês”: o narrador que conhece profundamente o lugar em que viveu - em oposição ao “marinheiro”, que percorreu o mundo.

No clássico ensaio *O Narrador*, Benjamin usa a obra do escritor russo Nikolai Leskov como pretexto para refletir sobre a crise na arte de narrar, no sentido não apenas de contar uma história, mas de passar adiante uma experiência. Por trás do gesto de dar um conselho, repassar um conhecimento adquirido ou transmitir uma tradição, destaca Benjamin, existe a convicção

¹⁰ Em 2006, Elmar Bones e eu organizamos *Carlos Reverbel: Textos Escolhidos, publicação* encomendada e financiada pela Copesul. O livro reúne quatro livros de Reverbel (*Barco de Papel, Saudações Aftosas, Um Capitão da Guarda Nacional e Arca de Blau*), além de crônicas, reportagens e textos sobre o autor.

¹¹ Os artigos de Reverbel sobre a história da imprensa gaúcha foram analisados no ensaio “A contribuição de Carlos Reverbel à construção historiográfica acerca da imprensa sul-rio-grandense”, do historiador Francisco das Neves Alves, publicado em 1998 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

de que tudo isso pode ser útil para a geração seguinte. Num mundo em que as pessoas não se sentem mais conectadas ao seu passado, a narrativa é substituída pela informação - a história que já chega a nós acompanhada de uma explicação e um sentido prévios. A narrativa, ao contrário, é o relato que ganha amplitude na medida em que estabelece uma corrente que entrelaça passado, presente e futuro. (BENJAMIN, 2016).

Mnemosyne, a que rememora, era a musa da poesia épica, a musa da narração. Para os gregos, portanto, o fundamento da cadeia de transmissão da tradição era a memória do narrador, que conta a história de um herói, uma peregrinação, uma guerra. Em oposição ao romance, que abarcando diferentes acontecimentos busca encontrar “o sentido da vida”, a poesia épica apontava “a moral da história”.

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 2016, p. 240).

Reverbel não chegou a essa posição apenas por sua atuação como jornalista. A movimentação de Reverbel no campo intelectual - no sentido proposto por Bourdieu (2002) de rede de relações circunscritas a um espaço social em que ocorrem disputas de poder e posição - estendeu-se para além das redações em que trabalhou, através da participação em diferentes instituições.

Em 1935, com pouco mais de um ano de profissão, fez parte da assembleia que criou a Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI) - com Erico Verissimo, na época redator-chefe da Revista do Globo, escolhido como primeiro presidente. Em 1966, foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), reduto da tradicional historiografia gaúcha. O parecer de aprovação ao seu nome (ANEXO A) concede a Reverbel o estatuto de pesquisador reconhecido por seus pares:

Escritor brilhante, consciencioso cultor da história pátria, cujos trabalhos revelam, a par de estilo escorreito e elegante, pesquisador cuidadoso, senso de historiador, capacidade de interpretação dos fatos históricos e dos dados sociológicos, cultura, erudição, enfim, os dotes necessários para que mereça vir conosco colaborar na ingente tarefa que há quase meio século nosso sodalício em prol da grandeza do nosso torrão gaúcho.

Em 1984, por proposição do vereador Brochado da Rocha, Reverbel recebeu o Prêmio Literário Erico Verissimo, instituído pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre em 1979.

Escritores como Lya Luft, Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Luiz Antônio de Assis Brasil e Tabajara Ruas receberiam a mesma distinção, criada para homenagear autores locais já consagrados pelo “conjunto da obra”. A presença de um jornalista em meio a escritores de ficção e poesia era um tipo de preito público que Reverbel não havia conhecido antes da aposentadoria e da publicação dos seus primeiros livros.

Fazem parte dessa etapa de reconhecimento de sua trajetória intelectual os dois suplementos especiais - com depoimentos de amigos e colegas sobre a personalidade do homenageado e a relevância do seu trabalho - publicados nos jornais de Porto Alegre nos aniversários de 70 e 80 anos (em 1982 e 1992, respectivamente). O primeiro, no *Correio do Povo*, reuniu textos de Guilhermino César, Rubem Braga, Rivadávia de Souza, Adail Borges Fortes da Silva, Sérgio da Costa Franco, Newton Freitas e Breno Caldas. O segundo, em *Zero Hora*, trazia artigos de Luis Fernando Verissimo, Lya Luft, Sérgio da Costa Franco¹², Lauro Schirmer, Eunice Jacques, Paulo Autran e Tânia Carvalhal, além de republicar o texto de Rubem Braga, morto dois anos antes, sobre a convivência com Reverbel em Paris.

¹² Em seu depoimento de 1992, o historiador Sérgio da Costa Franco destaca dois ensaios de Reverbel sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul publicados em obras coletivas: a *Enciclopédia Rio-grandense* (1956), organizada por Klaus Becker, e o volume 3 da série *Fundamentos da Cultura Rio-grandense* (1957), publicação da Faculdade de Filosofia da UFRGS organizada por Luiz Pilla. Guilhermino César, em texto sobre Reverbel publicado 10 anos antes, no especial dos 70 anos, menciona os mesmos dois artigos, intitulados *Evolução da Imprensa Rio Grandense - 1827 a 1945* (1956) e *Tendências do Jornalismo Gaúcho* (1957), respectivamente.

Figura 5 - Recorte do suplemento em homenagem aos 70 anos



Fonte: Acervo da família Reverbel

Depoimento de Rubem Braga publicado em 1982 do *Correio do Povo* e republicado em Zero Hora em 1992

Em 1985, Reverbel ingressou em outra agremiação tradicional de intelectuais da sua geração, a Academia Rio-grandense de Letras (ARL). A cadeira era a de número 7, cujo patrono é Carlos Augusto Ferreira, poeta romântico que dedicou-se também ao jornalismo e escreveu crônicas. Dante de Laytano, presidente da ARL naquele ano, Guilhermino César e Flávio Loureiro Chaves participaram da cerimônia de posse. O discurso de saudação coube ao escritor Hélio Moro Mariante, que atribuiu a Reverbel a “redescoberta de Simões Lopes Neto”. O novo acadêmico, por sua vez, aproveitou a ocasião para denunciar “o drama da preservação do nosso acervo bibliográfico”.

A última grande homenagem viria em 1993, quando Reverbel foi escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre. A ideia partiu do jornalista Flávio Alcaraz Gomes, colunista do *Correio do Povo* e primo de Breno Caldas, que teria sugerido seu nome ao editor Roque Jacoby - na época, o presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, entidade que realiza o

evento¹³. Naquela edição da Feira, Reverbel autografou seu livro de memórias, *Arca de Blau*, que chegou a figurar na lista de títulos mais vendidos.

Nos quatro anos seguintes, o jornalista manteve sua coluna semanal no jornal *Zero Hora* (até a semana anterior à sua morte), publicou seu último livro, *Luiz Rossetti: O Editor sem Rosto & Outros Aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul* (1996), continuou colecionando referências bibliográficas à vida e à obra de Simões Lopes Neto e iniciou a composição dos seus cadernos de memórias, acervo que examinaremos mais de perto no próximo capítulo.

¹³ Flávio Alcaraz Gomes conta o episódio em coluna publicada no *Correio do Povo* em 15 de novembro de 1992, anexada por Reverbel nos seus cadernos de memórias.

3 RECORTES DE UMA VIDA: OS CADERNOS DE MEMÓRIAS

3.1 Coleção

Carlos Reverbel era um colecionador. De livros, principalmente, mas também de memórias “coleccionáveis”: um ticket de metrô, o bilhete de um amigo, um artigo que chamou sua atenção no jornal, fotografias, recibos, laudas datilografadas de jornal, poemas, cartas. Ao contrário da biblioteca, que, mesmo dispersa, reúne objetos com algum valor intrínseco, a coleção de memórias depende do gesto do colecionador e da chancela da posteridade para adquirir - e manter - um significado próprio. A linha que separa o papel velho dos documentos históricos e os itens descartáveis da memorabilia disputada por museus muitas vezes é tênue e subjetiva.

Baudrillard (1993) compara as coleções a espelhos que refletem a individualidade do colecionador: “Colecionamos sempre a nós mesmos”. Abstraído de sua função original, o objeto colecionado passa a adquirir o significado estritamente subjetivo atribuído a ele por quem o seleciona e protege do esquecimento. Para um colecionador de objetos aparentemente sem valor, como Reverbel, a passagem de trem usada deixa de ser um item descartável para tornar-se a memória de uma viagem.

É a paixão que distingue a simples acumulação de objetos da coleção, afirma Baudrillard. O colecionador “se abisma” em pura fascinação pelos seus mementos queridos. Prolongando-se e sobrevivendo neles, extrai prazer não apenas da posse desse objeto e daquilo que ele representa, mas da sua inclusão em um discurso e em um sistema único: a própria coleção.

O que o homem encontra nos objetos não é a garantia de sobreviver, é a de viver a partir de então continuamente em uma forma cíclica e controlada o processo de sua existência e de ultrapassar assim simbolicamente essa existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa. (BAUDRILLARD, 1993, p. 104).

Para Pomian (1984), todas as coleções estabelecem um intercâmbio entre o visível (os objetos) e o invisível (seu significado). O autor usa o termo “semióforo” para qualificar objetos que não têm utilidade, mas, dotados de um novo significado, representam o que não pode ser visto. Esses objetos, intermediários entre aqueles que os olham e o mundo que representam, são capazes de estabelecer uma espécie de comunicação entre experiências e tempos diversos. O ticket de metrô já não é apenas a memória de uma viagem do colecionador, mas também a representação de uma viagem imaginada pelo observador - uma jornada invisível e particular.

A coleção estabelece, dessa forma, a linguagem que coloca em diálogo dois viajantes que nunca se encontraram.

É a linguagem que engendra o invisível. Fá-lo porque permite aos indivíduos comunicarem reciprocamente os seus fantasmas, e transforma assim num ato social a íntima convicção de ter tido um contato com algo que jamais se encontra no campo do visível. (...) A linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se estivessem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. (POMIAN, 1984, p. 68).

A primeira impressão de quem abre qualquer um dos 31 cadernos compostos por Carlos Reverbel durante seus últimos meses de vida é a de que não há nenhum tipo de ordem no material guardado ali. A disposição de correspondências, fotografias, recortes de jornal e memorabilia por centenas de páginas (cada volume tem em torno de 300 páginas) não parece obedecer a qualquer lógica a não ser à da justaposição aleatória de documentos. Ainda assim, obviamente existe ali um princípio organizador central: o recorte do colecionador. Cada elemento selecionado, guardado durante décadas e posteriormente colado nos cadernos relaciona-se, de alguma forma, com a trajetória do jornalista e com o que ele considera que tem valor não apenas para ser preservado como documento de uma época, mas para situá-lo como indivíduo com experiências, valores e interesses únicos. Não surpreende, portanto, que personagens, temas e o local de onde o memorialista fala - lugar geográfico, mas também social, histórico e pessoal - constituam regularidades em meio ao aparente caos do “tumultuário”. Tomados em conjunto, os itens ali reunidos refletem a imagem do próprio Reverbel.

Para a elaboração deste trabalho, percorri, com o auxílio de uma bolsista, todas as páginas de todos os cadernos. O objetivo era produzir um levantamento dos documentos ali arquivados, deixando de lado apenas os recortes que pareciam ter sido incluídos no conjunto não pelo conteúdo em si, mas pelo efeito estético na composição das páginas¹⁴. Os documentos foram classificados então segundo cinco grandes eixos: Memorabilia, Manuscritos, Textos de e sobre Reverbel, Artigos e Correspondência.

O conjunto **Memorabilia** inclui fotografias (pessoais e profissionais), recordações de viagens, folhetos, memórias familiares e outros itens de origens diversas. **Manuscritos** são as anotações do memorialista feitas diretamente nas páginas dos cadernos - às vezes esclarecendo algum detalhe sobre um item anexado na mesma página, outras como forma de registro

¹⁴ Alguns desses itens usados para preencher espaços (logomarcas, fotografias, pequenos desenhos, manchetes) eram extraídos dos jornais do dia ou de uma correspondência recém-chegada e dispostos nas páginas dos cadernos de forma a compor um conjunto mais harmonioso graficamente. O gesto lembra o trabalho realizado, nas redações, pelo diagramador.

independente (um poema, a cópia de um documento, uma observação biográfica). **Textos de e sobre Reverbel** agrupam artigos, reportagens, entrevistas, resenhas de livros, recortes de crônicas e originais datilografados de reportagens publicadas mais tarde em jornal. O item **Artigos e Reportagens**, que corresponde à maior parte dos documentos arquivados, reúne recortes de jornal de outros autores. O item **Correspondência** inclui pequenos bilhetes, cartões-postais, cartas manuscritas e datilografadas e algumas poucas cópias da correspondência ativa do memorialista.

3.2 Memorabilia

Os itens classificados como **Memorabilia** dividem-se basicamente em dois grandes grupos: o das memórias pessoais ou familiares e o dos registros profissionais. Os dois conjuntos são igualmente vastos e dispersos ao longo de todas as páginas.

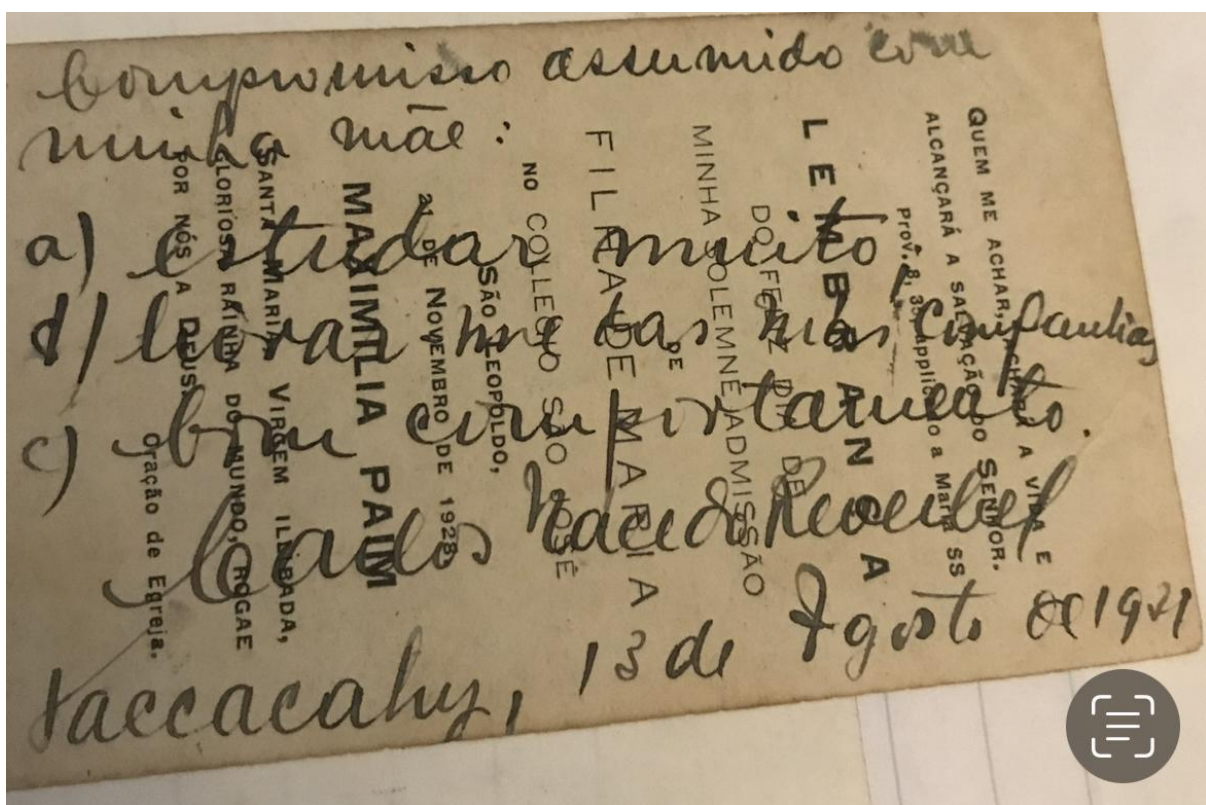
À primeira vista, parece haver nesse trecho dos cadernos alguma sobreposição do colecionador com o “acumulador”. Itens com valor afetivo evidente, como fotos antigas e recordações dos netos, dividem espaço com notas fiscais, recibos, contratos e outros documentos aparentemente banais. Da perspectiva de um pesquisador como Reverbel, no entanto, pode-se assumir que não há documentos desimportantes. Consciente ou inconscientemente, Reverbel reuniu nos seus cadernos um conjunto robusto de elementos que ajudam a montar o quebra-cabeças de sua própria biografia.

Cronologicamente, o álbum das recordações pessoais se estende da infância, em Quaraí e São Gabriel, até seus últimos dias de vida. Geograficamente, contempla diferentes pontos do seu mapa afetivo. Há memórias da casa paterna, do sobrado na rua Coronel Bordini, em Porto Alegre, onde morou com a mulher, Olga, durante mais de 50 anos, da casa de Gramado, onde passava as férias, e das viagens dentro e fora do Brasil. Há retratos dos antepassados (os que conheceu e aqueles de quem cresceu ouvindo falar), mas também da filha, Beth, e dos netos. Há fotografias em que aparecem seus amigos mais próximos (Justino Martins, Erico Veríssimo, Maurício Rosenblatt, Rubem Braga, Rivadávia de Souza), assim como referências no jornal a esse círculo mais íntimo. São muitas as fotografias e de todas as épocas: retratos de família, dos colegas de escola, do “footing” da Rua da Praia, das sessões de autógrafos, de reuniões sociais. Carteirinhas, certidões e diferentes tipos de contratos circunscrevem datas e registram as associações e clubes dos quais fez parte. A paixão por cavalos, que se estendeu da juventude à velhice, é registrada em recortes de jornal, folhetos de corridas e fotografias de animais.

Era comum, até os anos 1950, que os fotógrafos registrassem a presença do repórter no momento da reportagem - o que servia como prova de que a apuração havia sido feita “in loco”. Muitas dessas imagens do jornalista em ação compõem o conjunto de materiais ligados diretamente às suas atividades profissionais. Há também laudas datilografadas, convites para palestras e material gráfico relacionado aos lançamentos dos seus livros.

Memórias afetivas e profissionais cruzam-se nas muitas referências às duas grandes viagens que Reverbel fez à Europa, em 1947 e 1975: bilhetes de trem, programas de espetáculos, notas de hotel, recortes de jornais estrangeiros, cartões-postais... A quantidade de itens coletados durante essas viagens torna evidente a centralidade dessas experiências na narrativa biográfica que se desenha nos cadernos. Para Reverbel, Paris e São Gabriel são igualmente importantes para estabelecer seu lugar no mundo e sua vocação intelectual. “Camponês” em tempo integral, o jornalista criou oportunidades para viver como “marinheiro” durante períodos limitados de tempo. A chance de observar o Rio Grande do Sul e o Brasil a distância, além de reforçar a sensação de pertencimento ao lugar onde nasceu e escolheu viver, ajudou a inserir o localismo em uma perspectiva mais ampla - mesmo tendo dedicado boa parte de sua energia a valorizar temas e personagens regionais.

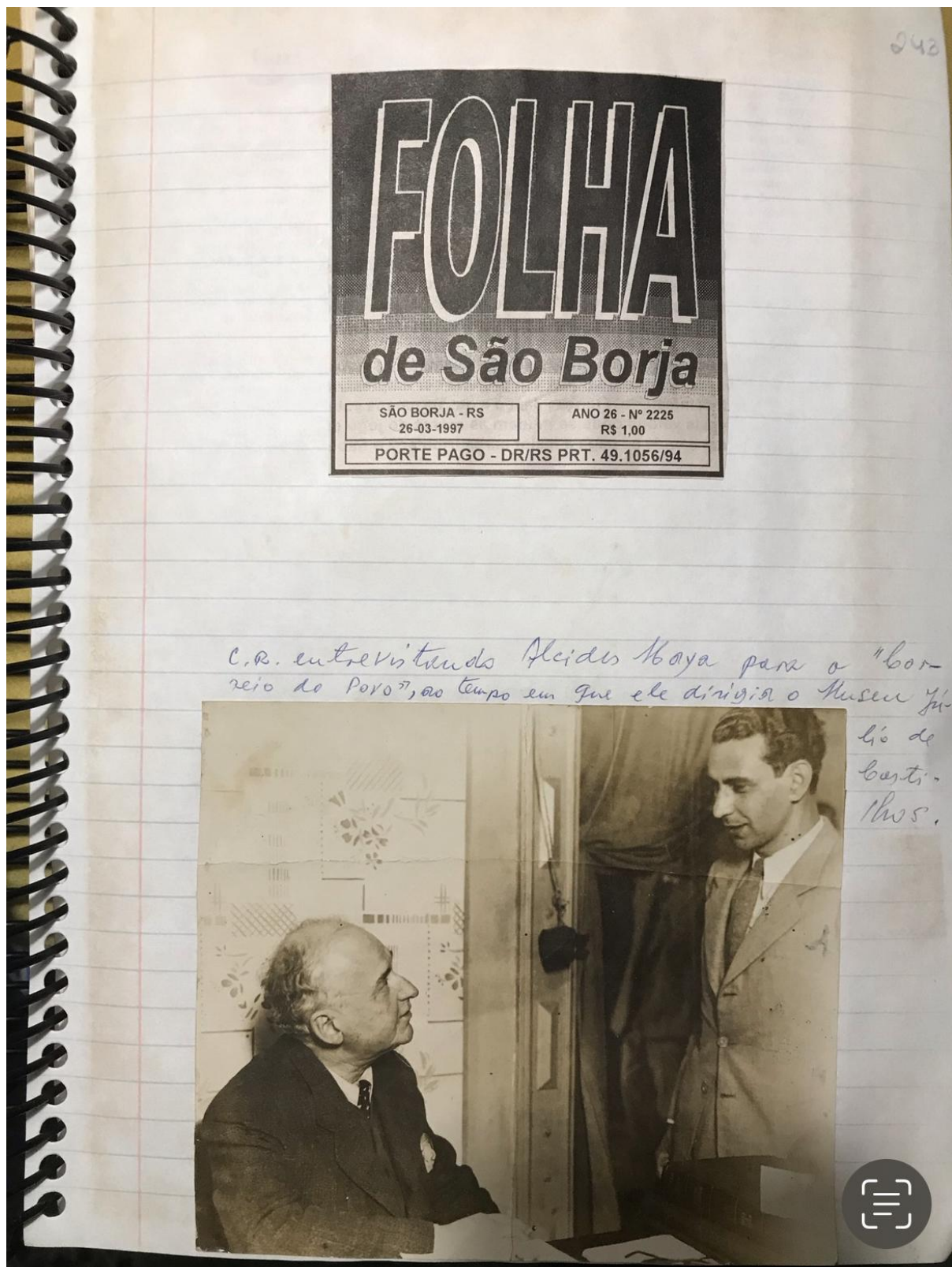
Figura 6 - Lembrança da Primeira Comunhão



Fonte: Acervo da família Reverbel

Compromissos assumidos com a mãe aos nove anos: estudar muito, livrar-se das más companhias e ter bom comportamento

Figura 7 - Repórter em ação



Fonte: Acervo da família

Entrevistando o escritor Alcides Maya

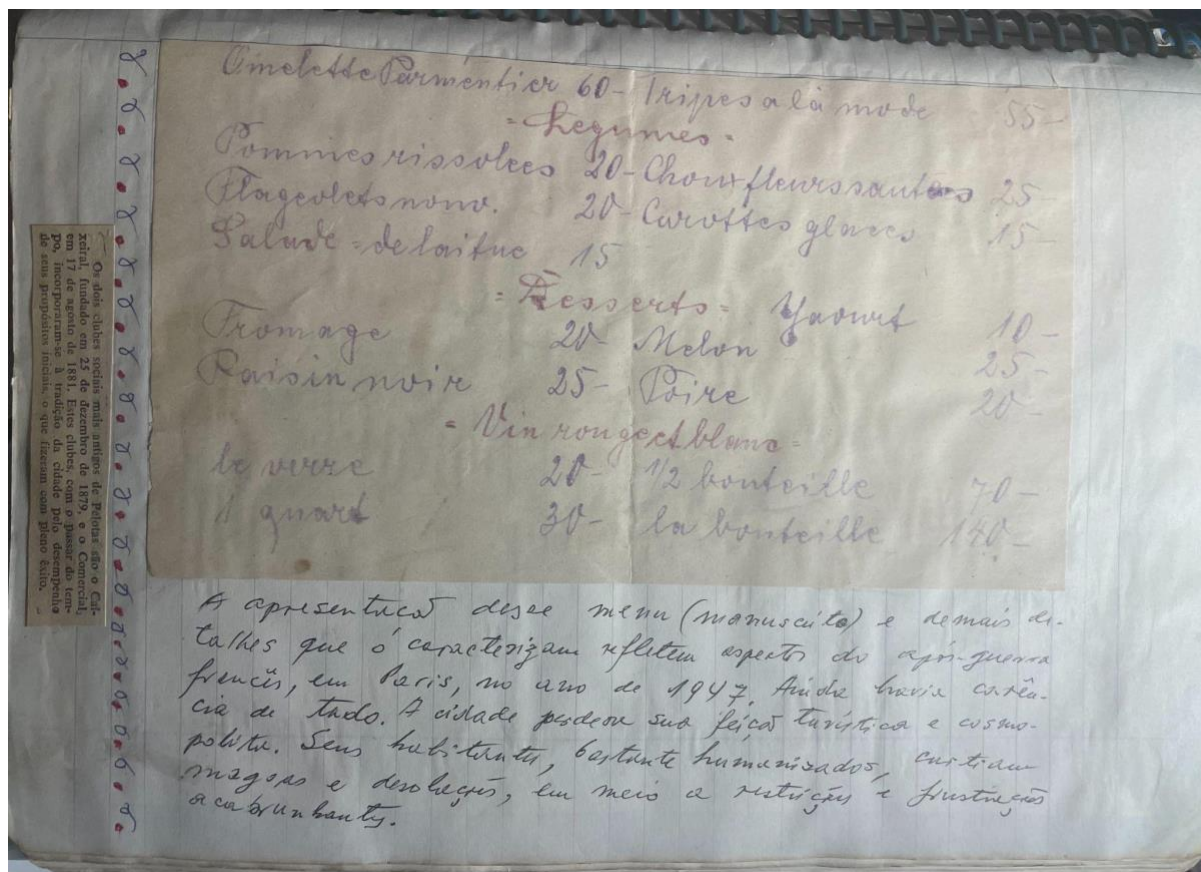
Figura 8 - Memorabilia



Fonte: Acervo da família

Fotografias de diferentes épocas e lembranças de viagens

Figura 9 - Recordação de viagem



Fonte: Acervo da família Reverbel

“A apresentação desse menu (manuscrito) e demais detalhes que o caracterizam refletem aspectos do pós-guerra francês, em Paris, no ano de 1947. Ainda havia carência de tudo. A cidade perdera sua feição turística e cosmopolita. Seus habitantes, bastante humanizados, curtiam mágoas e desolação, em meio a restrições e frustrações acabrunhantes”, anota Reverbel

3.3 Manuscritos

Além do grande conjunto de itens previamente arquivados que foram recortados e colados nas páginas dos cadernos, o “tumultuário” contém diversas anotações diretas do memorialista: identificação de personagens que aparecem em fotografias, o nome do autor de uma correspondência, o contexto de uma imagem ou de um artigo de jornal, observações sobre alguma nota biográfica.

A maioria das intervenções manuscritas são curtas e informativas. Há, porém, anotações mais longas, muitas delas se estendendo ao longo de várias páginas. Quando levamos em conta o esforço manual envolvido no trabalho de transcrever um poema, uma carta ou um discurso, fica claro que, através desses manuscritos, o memorialista envia um recado ainda mais direto sobre os temas que lhe são especialmente caros e os aspectos da sua biografia que ele gostaria de deixar registrados para a posteridade.

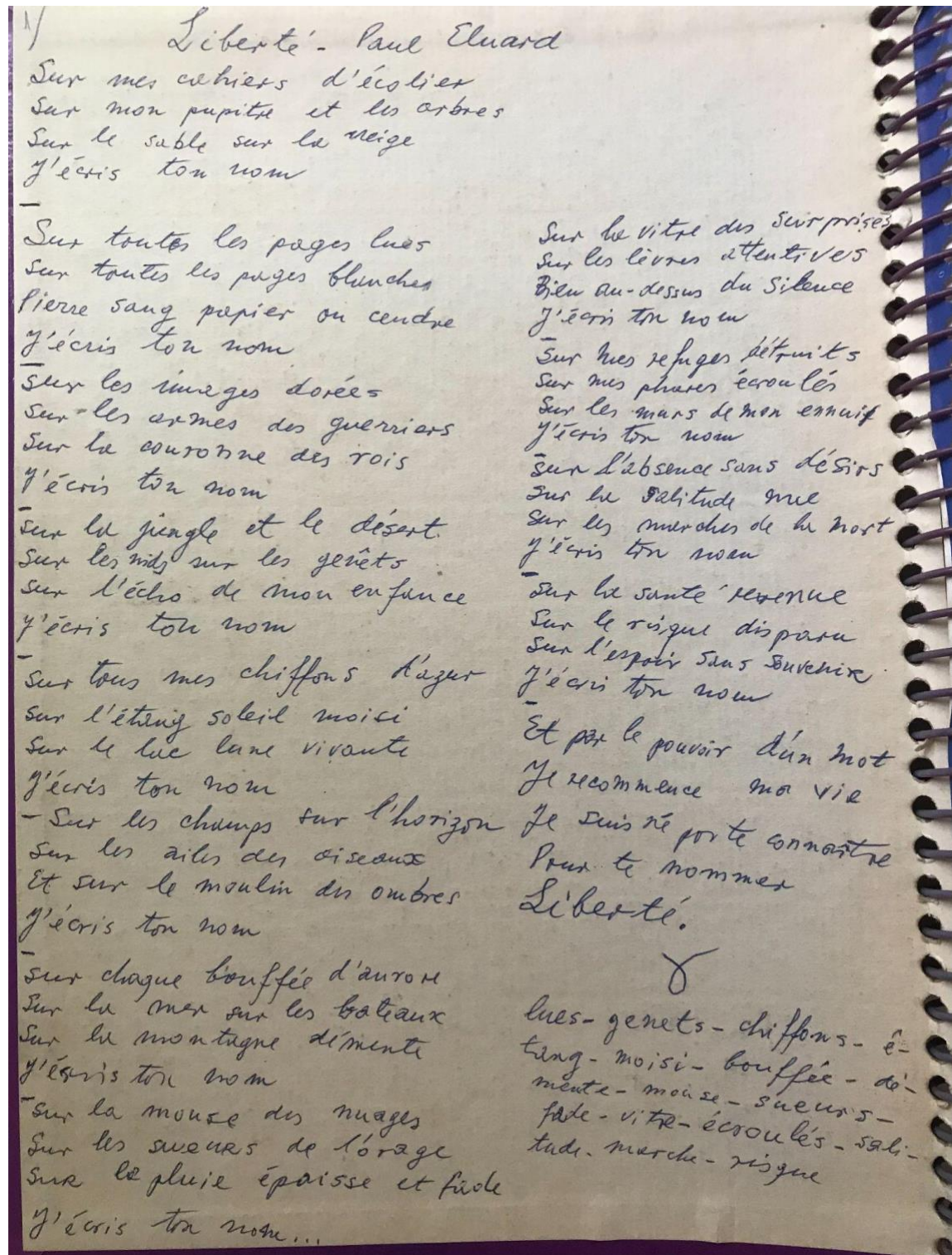
Nesse sentido, há anotações que parecem ter o objetivo de oferecer dados concretos sobre sua biografia: lista dos livros que escreveu, relação de prefácios e de trabalhos alheios em que seu nome é citado, colaborações em publicações fora de Porto Alegre, rol de crônicas. Há também esclarecimentos menos óbvios, como, por exemplo, a anotação que acompanha um conjunto de recortes antigos assinados por um certo “Bento Manoel”, informando que esse era um pseudônimo usado pelo memorialista.

O amor pela língua e pela cultura francesas se faz presente na transcrição de letras de canções (como a romântica *Celui que J'aime*, de Charles Aznavour, e as engajadas *Le Déserteur*, de Boris Vian, e *Ma Liberté*, de Serge Reggiani) e poemas (como *Liberté*, de Paul Éluard, e *Le Pont Mirabeau*, de Guillaume Apollinaire).

Com o objetivo de renovar o ânimo dos membros da Resistência que arriscavam a vida combatendo os nazistas, aviões ingleses lançavam cópias de *Liberté* sobre a França durante a Ocupação. No poema, Éluard lista nomes de lugares, reais e imaginários, onde ele gostaria de escrever a palavra “liberdade”. Não é difícil imaginar que, apenas três anos depois da libertação, quando Reverbel visitou Paris, o poema ainda mobilizasse a emoção e o espírito cívico de franceses e francófilos do mundo todo. Pode-se entender também que, 50 anos depois, a ode à liberdade composta por Paul Éluard transportasse Reverbel não apenas para a vibração da Paris do pós-guerra, mas também para a própria juventude. *Le Pont Mirabeau*, por sua vez, faz uma evocação ainda mais clara da passagem do tempo: “Vienne la nuit sonne l'heure / Les jours s'en vont je demeure / Passent les jours et passent les semaines / Ni temps passé / Ni les amours reviennent / Sous le pont Mirabeau coule la Seine”. Raros são os momentos em que o

memorialista permite-se a expressão da sua sensibilidade mais íntima de forma tão direta quanto na seleção dos poemas e canções transcritos à mão para os seus cadernos.

Figura 10 - Poema



Fonte: Acervo da família Reverbel

Transcrição do poema "Liberté", de Paul Eluard

O interesse pelas conexões entre o Modernismo paulista e o Rio Grande do Sul - estabelecido provavelmente através da mediação de Augusto Meyer e reforçado pelo breve encontro pessoal com Mário de Andrade, no período em que Reverbel morou no Rio de Janeiro, em 1937 - ganha uma nova dimensão quando se encontra, nos cadernos, a exaustiva transcrição das cartas trocadas entre o escritor paulista e alguns dos intelectuais gaúchos mais importantes da primeira metade do século 20. São páginas e páginas dedicadas à transcrição da correspondência ativa de Mário de Andrade com autores como Dyonélio Machado, Athos Damasceno Ferreira, Enio de Freitas e Castro, Carlos Dante de Moraes, Moysés Vellinho, Álvaro Moreyra e o próprio Augusto Meyer.

Outras duas transcrições chamam a atenção pela extensão e pela semelhança no conteúdo: a mensagem do interventor Flores da Cunha à Assembleia Legislativa renunciando ao governo do Estado depois do rompimento com Getúlio Vargas, em 1937, e a carta de demissão de Luiz Fernando Cirne Lima, então ministro da Agricultura, dirigida ao presidente Médici, em 1973. Flores da Cunha, político que Reverbel admirava, afastou-se de Vargas antes que este se tornasse um ditador. Luiz Fernando Cirne Lima, por sua vez, era um amigo próximo¹⁵ que havia sido escolhido, ainda jovem, para ocupar um ministério importante no regime militar. Além da transcrição manuscrita da carta, Reverbel anexou nos cadernos o original do documento enviado a ele pelo próprio Cirne Lima.

No verbete dedicado ao período em que Cirne Lima foi ministro da Agricultura da ditadura militar, entre 1969 e 1973, no site da Fundação Getúlio Vargas, o jornalista Mauro Malin narra a repercussão do episódio:

O episódio da renúncia de Cirne Lima marcou um dos momentos culminantes da censura à imprensa no Brasil. Além da publicação da carta pelos órgãos não submetidos à censura prévia, como o *Jornal do Brasil*, pouco se escreveu na época sobre o assunto. O jornal *O Estado de São Paulo*, que adotara a prática de assinalar a intervenção da censura mediante a publicação, no lugar das matérias vetadas, de versos de Camões, cartas de leitores e receitas culinárias, publicou no dia seguinte, abaixo da manchete referente à demissão, uma publicidade de estação de rádio onde se lia: “Agora é samba”. A revista *Veja*, em vez de comentar o fato em matéria de seus próprios redatores, citou o jornal *Guaru News*, de Guarulhos (SP), para dar a entender que a demissão de Cirne Lima decorreria de divergências com Delfim Neto. A Presidência da República divulgou apenas uma nota de seis linhas, três das quais usadas para anunciar o nome do novo ministro da Agricultura, José de Moura Cavalcanti. (MALIN, 2022).

¹⁵ Foi de Luiz Fernando Cirne Lima, na época presidente da empresa, a ideia de propor que a Copesul patrocinasse um livro em homenagem a Reverbel, *Textos Escolhidos*, publicado em 2006.

Figura 11 - Discurso

5/

Palavras proferidas na inauguração
da Feira do Livro de 1993, da qual fui pa-
trono

Até a anunciar a abertura desta Fei-
ra, o jornalista Jerônimo Teixeira, de Zero
Hoje, empregou a palavra que melhor a de-
fine e singulariza: única. É a pura verda-
de. Porto Alegre é recordista brasileira em
Feira do Livro.

Outra figura igualmente firme e bri-
lhante da profissão - Rose Fonseca, do "Cor-
reio do Povo" - dissolheu dúvidas que confir-
mam a primazia.

Foram armados, nesta Praça, 90 estan-
des. Serão promovidas 204 sessões de autógra-
fos. A programação paralela consta de 185
eventos culturais. Aos livros argentinos e ur-
uguaios, já costumeiros na Feira, vie-
ram juntar-se editores de Portugal, Méxi-
co e Cuba. E, como grande inovação, pro-
jetando a visão editorial e a capaci-
dade administrativa de Roque Jacobi, na
Câmara Rio-Grandense do Livro, foi estabe-
lecida conexão com as promoções congêne-
ras de Pelotas, Rio Grande, Uruguaiana,
São Borja, Cruz Alta, Passos Fundo e Caxias
do Sul.

Vaqueano deste acontecimento, como
reporter desde a sua inauguração, em
1955, jamais me passou pela cabeça

Fonte: Acervo da família Reverbel

Transcrição do discurso de patrono na Feira do Livro de Porto Alegre de 1993

3.4 - De e sobre Reverbel

Como boa parte dos jornalistas, Reverbel mantinha o hábito de recortar e guardar reportagens e colunas que levavam a sua assinatura. Os recortes de textos de sua autoria arquivados nos cadernos estendem-se dos anos 1930 às últimas colunas publicadas em *Zero Hora*, seis décadas mais tarde. O recorte mais antigo, uma enquete publicada em 17 de julho de 1936, na *Folha da Tarde*, leva o título “Quais os romancistas novos do Brasil mais lidos em Porto Alegre?”.

Nos primeiros anos na empresa Caldas Júnior, Reverbel fazia de tudo um pouco. Além de reportagens sobre assuntos locais e literatura, escrevia com regularidade sobre cinema, ocupando a vaga de “chronista cinematographico” da *Folha da Tarde*. Durante um determinado período, Reverbel foi o responsável, também na *Folha*, pela seção A Assembleia em Revista, em que relatava os debates do poder legislativo com a liberdade de estilo que a juventude e o jornal recém-criado permitiam. Como podemos observar na coluna em que comenta a estreia do deputado Oscar Karnal, publicada em 21 de agosto de 1936:

No Brasil, quase toda estreia de deputado é muito mais teatral do que mesmo parlamentar. O estreante anuncia amplamente o acontecimento. No dia, até claque leva. Mas o espetáculo culmina durante o discurso. Gestos ensaiados. Palavras decoradas. Frases feitas. Atitudes intencionalíssimas. E as consagradas tremedeiras de garganta. A gente, como os demais míseros frequentadores das galerias, até se lembra da marchinha malandra: ‘o balão vai subindo, vem caindo a garoa’. Porque discurso de deputado é quase sempre balão: muito bonito, muito vistoso, muito ‘rempli’, mas, por dentro, aquela fumacinha insignificante, nada mais. (REVERBEL, 1936).

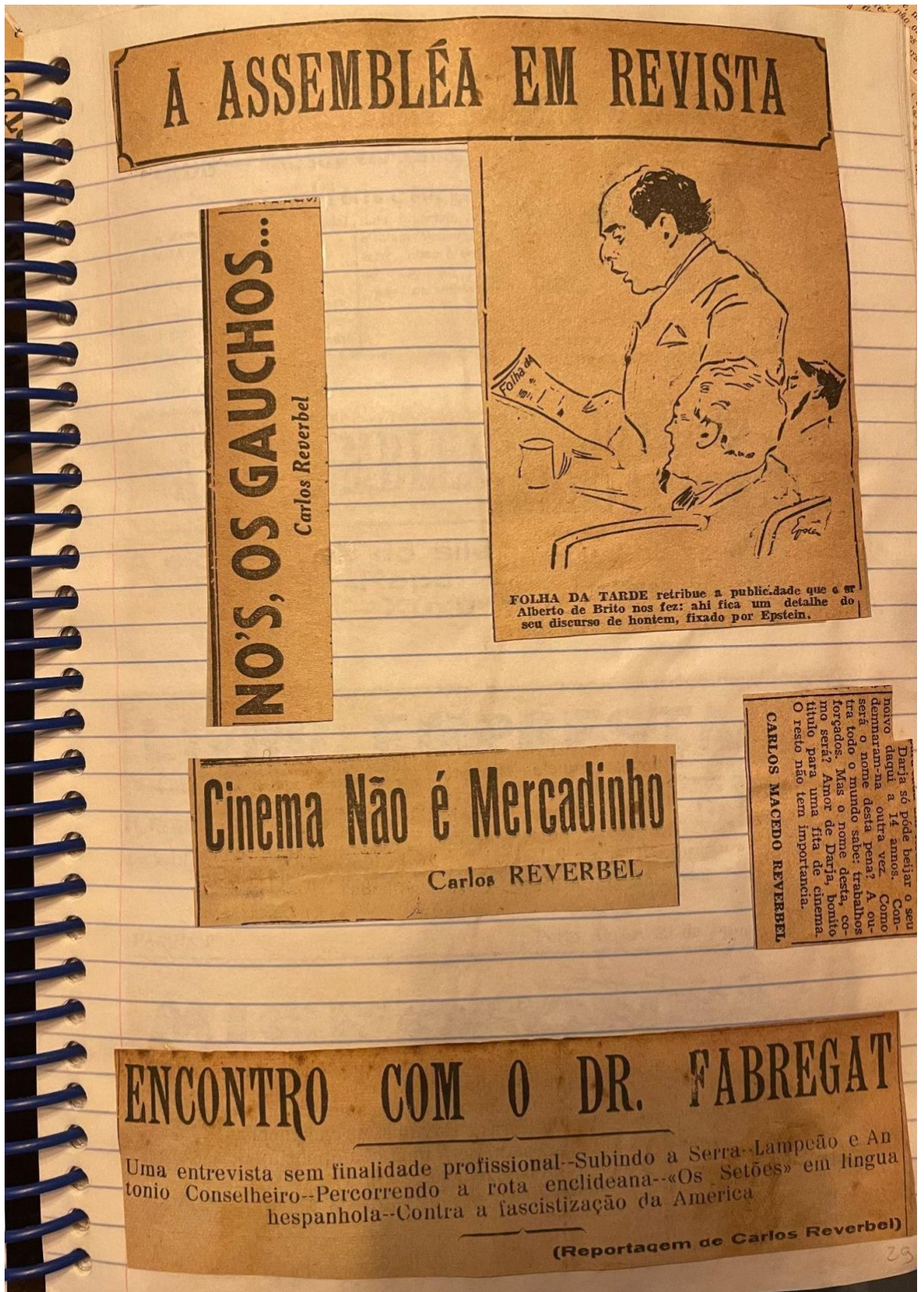
Em 1955, a cobertura da Assembleia Legislativa da *Folha da Tarde* tem o título de “Nota à Margem dos Debates”. Reverbel atua ali menos como repórter do que como cronista político, comentando os assuntos do dia, mas também se permitindo digressões eventuais na história política do Estado.

Mais ou menos na mesma época, ele assinava a seção “Altos e Baixos” com o pseudônimo Bento Manoel. As colunas tratam de assuntos cotidianos variados - de um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a pobreza no planeta à criação de javalis. Escrita em forma de tópicos com poucos parágrafos, a seção parece composta de pequenas crônicas.

A partir dos anos 1960, os recortes ficam cada vez mais circunscritos ao formato crônica, com poucas exceções para reportagens. Há, ao longo dos anos, uma visível inflexão

para temas históricos. Como, se a medida em que envelhecesse, o jornalista ficasse cada vez mais interessado pelo passado.

Figura 12 - Manchetes



Fonte: Acervo da família Reverbel

Títulos de artigos, reportagens e colunas

Figura 13 - Cronista cinematográfico

Fonte: Acervo da família Reverbel

Acima, foto do dia do casamento de Carlos e Olga Reverbel; abaixo, repórter em ação



Ele, no dia do casamento, com Marcelito de Ornellas, Casemiro Fernandes, João Soares (de olhos escuros), Dr. Cesar Pestana (o juiz), o escrivão e uma pessoa do juizado, encoberta pelo escrivão.

CONVERSA SOBRE CINEMA

Iniciando uma série de palestras com os cinematographistas locais, FOLHA DA TARDE ouve o sr. João dos Santos Galvão, distribuidor da Internacional Films



Um detalhe da palestra do sr. João dos Santos com o cronista cinematográfico de FOLHA DA TARDE

Nos meus dias de cronista cinematográfico do jornal "Folha da Tarde".

Assim como arquivava diligentemente os próprios trabalhos, Reverbel não deixava escapar nenhuma referência ao seu próprio nome em textos de outros autores. São muitos os

itens arquivados nesta categoria. Durante toda sua trajetória profissional, nunca deixou de ser, além de autor, assunto. Em seus últimos anos de vida, era um entrevistado frequente em jornais e revistas de Porto Alegre, mas os cadernos demonstram que, com regularidade espantosa, Reverbel também era tema de outros cronistas - não apenas porque suas crônicas convidavam ao diálogo, mas porque sua personalidade e seus interesses pareciam inspirar outros autores.

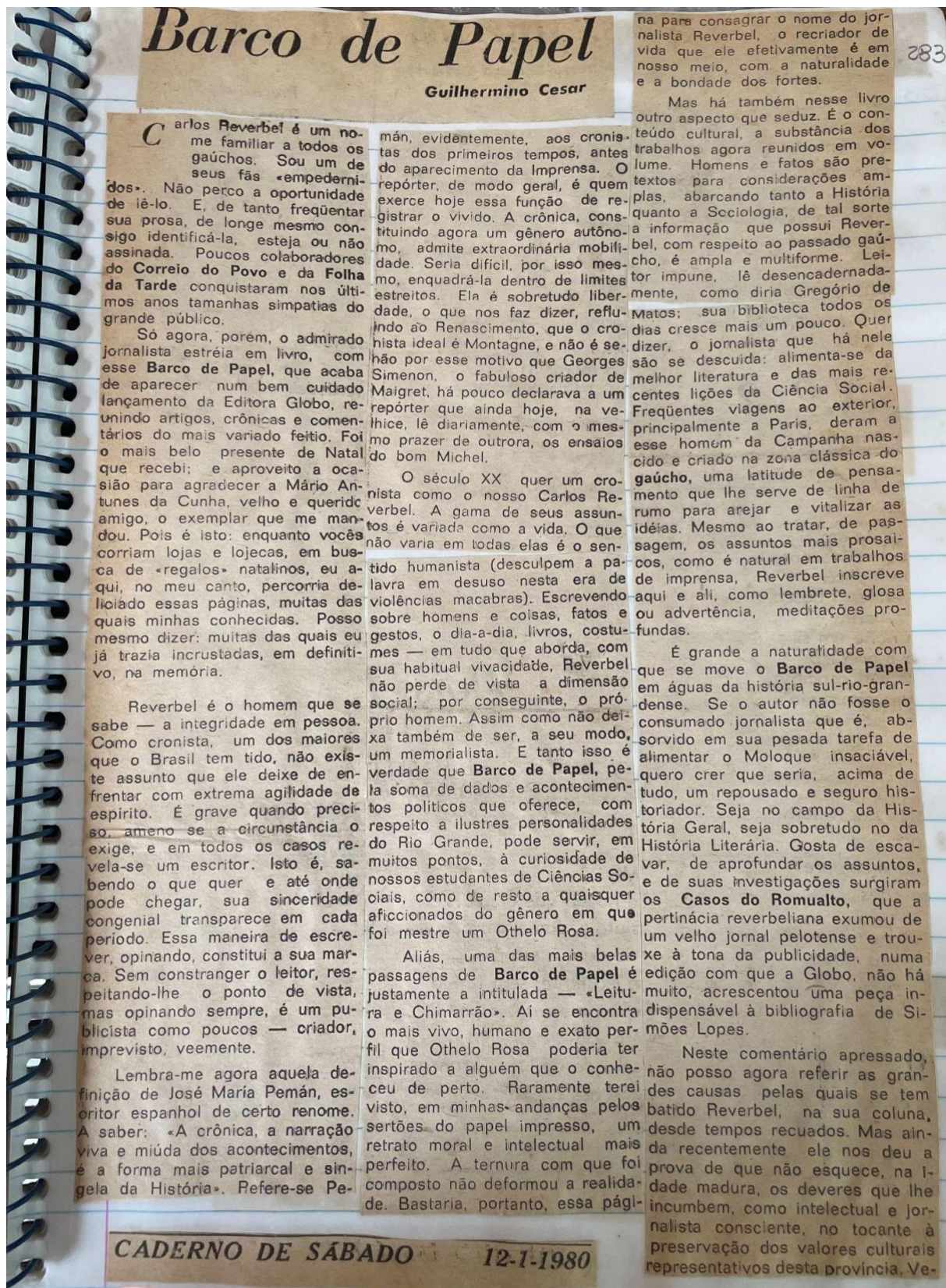
Adil Borges Fortes da Silva, que assinava com o pseudônimo Hilário Honório e chegou a ser um dos cronistas mais populares de Porto Alegre nos anos 1970 e 1980, era um dos que mais citava Reverbel, suas crônicas e seus hábitos em coluna no *Correio do Povo*. Mas a lista de admiradores que o citava com frequência é longa e inclui boa parte dos cronistas locais em atividade no período: Luis Fernando Veríssimo, Paulo Sant'Ana, Ivete Brandalise, Liberato Vieira da Cunha, Eunice Jacques, Cândido Norberto, Flávio Alcaraz Gomes, Sergio da Costa Franco e Danilo Ucha, entre outros. Na década de 1990, chamou a atenção de jornalistas mais jovens também, como Juremir Machado da Silva, Cida Golin e Eliane Brum, que recorreram a ele como entrevistado em reportagens sobre temas locais.

Quando, além de jornalista bem relacionado e cronista comentado por outros cronistas, Reverbel se torna também autor, multiplicam-se as referências ao seu nome na mídia. Todos os seus livros foram extensamente resenhados. Não apenas em jornais de Porto Alegre, mas também no interior do Estado e em publicações do centro do país. Com a experiência de quem trabalhou a vida toda do outro lado do balcão, Reverbel parece ter acionado sua rede de relações para que seus livros fossem lidos e comentados¹⁶.

Intelectual da mesma geração de Reverbel e crítico literário reconhecido dentro e fora do Rio Grande do Sul, Guilhermino César publica um artigo sobre *Barco de Papel* no *Correio do Povo*, em 12 de janeiro de 1980, saudando a estreia do jornalista em livro: “O século 20 quer um cronista como Carlos Reverbel. A gama de seus assuntos é variada como a vida. O que não varia em todas elas é o sentido humanista”. Mesmo quando o tema é eminentemente local, como os diários de Cecília de Assis Brasil e os ensaios sobre história do Rio Grande do Sul, autores como Rachel de Queiroz, Rubem Braga e Moacir Werneck de Castro publicam resenhas sobre seus livros em jornais do centro do país.

¹⁶ Estão arquivadas nos cadernos algumas cartas enviadas por indivíduos e bibliotecas em agradecimento ao envio dos livros por Reverbel.

Figura 14 - Guilhermino Cesar



Barco de Papel

Guilhermino Cesar

Carlos Reverbel é um nome familiar a todos os gaúchos. Sou um de seus fãs «empedernidos». Não perco a oportunidade de lê-lo. E, de tanto frequentar sua prosa, de longe mesmo consigo identificá-la, esteja ou não assinada. Poucos colaboradores do *Correio do Povo* e da *Folha da Tarde* conquistaram nos últimos anos tamanhas simpatias do grande público.

Só agora, porém, o admirado jornalista estreia em livro, com esse *Barco de Papel*, que acaba de aparecer num bem cuidado lançamento da Editora Globo, reunindo artigos, crônicas e comentários do mais variado feitio. Foi o mais belo presente de Natal que recebi; e aproveitei a ocasião para agradecer a Mário Antunes da Cunha, velho e querido amigo, o exemplar que me mandou. Pois é isto: enquanto vocês corriam lojas e lojeças, em busca de «regalos» natalinos, eu aqui, no meu canto, percorria deliciado essas páginas, muitas das quais minhas conhecidas. Posso mesmo dizer: muitas das quais eu já trazia incrustadas, em definitivo, na memória.

Reverbel é o homem que se sabe — a integridade em pessoa. Como cronista, um dos maiores que o Brasil tem tido, não existe assunto que ele deixe de enfrentar com extrema agilidade de espírito. É grave quando preciso, ameno se a circunstância o exige, e em todos os casos revela-se um escritor. Isto é, sabendo o que quer e até onde pode chegar, sua sinceridade congenial transparece em cada período. Essa maneira de escrever, opinando, constitui a sua marca. Sem constranger o leitor, respeitando-lhe o ponto de vista, mas opinando sempre, é um publicista como poucos — criador, imprevisível, veemente.

Lembra-me agora aquela definição de José María Pemán, escritor espanhol de certo renome. A saber: «A crônica, a narração viva e miúda dos acontecimentos, é a forma mais patriarcal e singela da História». Refere-se Pe-

mán, evidentemente, aos crônicas dos primeiros tempos, antes do aparecimento da imprensa. O repórter, de modo geral, é quem exerce hoje essa função de registrar o vivido. A crônica, constituindo agora um gênero autônomo, admite extraordinária mobilidade. Seria difícil, por isso mesmo, enquadrá-la dentro de limites estreitos. Ela é sobretudo liberdade, o que nos faz dizer, referindo ao Renascimento, que o cronista ideal é Montagne, e não é senão por esse motivo que Georges Simenon, o fabuloso criador de Maigret, há pouco declarava a um repórter que ainda hoje, na velhice, lê diariamente, com o mesmo prazer de outrora, os ensaios do bom Michel.

O século XX quer um cronista como o nosso Carlos Reverbel. A gama de seus assuntos é variada como a vida. O que não varia em todas elas é o sentido humanista (desculpem a palavra em desuso nesta era de violências macabras). Escrevendo sobre homens e coisas, fatos e gestos, o dia-a-dia, livros, costumes — em tudo que aborda, com sua habitual vivacidade, Reverbel não perde de vista a dimensão social; por conseguinte, o próprio homem. Assim como não deixa também de ser, a seu modo, um memorialista. E tanto isso é verdade que *Barco de Papel*, pela soma de dados e acontecimentos políticos que oferece, com respeito a ilustres personalidades do Rio Grande, pode servir, em muitos pontos, à curiosidade de nossos estudantes de Ciências Sociais, como de resto a quaisquer aficionados do gênero em que foi mestre um Othelo Rosa.

Aliás, uma das mais belas passagens de *Barco de Papel* é justamente a intitulada — «Leitura e Chimarrão». Ai se encontra o mais vivo, humano e exato perfil que Othelo Rosa poderia ter inspirado a alguém que o conheceu de perto. Raramente terei visto, em minhas andanças pelos sertões do papel impresso, um retrato moral e intelectual mais perfeito. A ternura com que foi composto não deformou a realidade. Bastaria, portanto, essa pági-

na para consagrar o nome do jornalista Reverbel, o recriador de vida que ele efetivamente é em nosso meio, com a naturalidade e a bondade dos fortes.

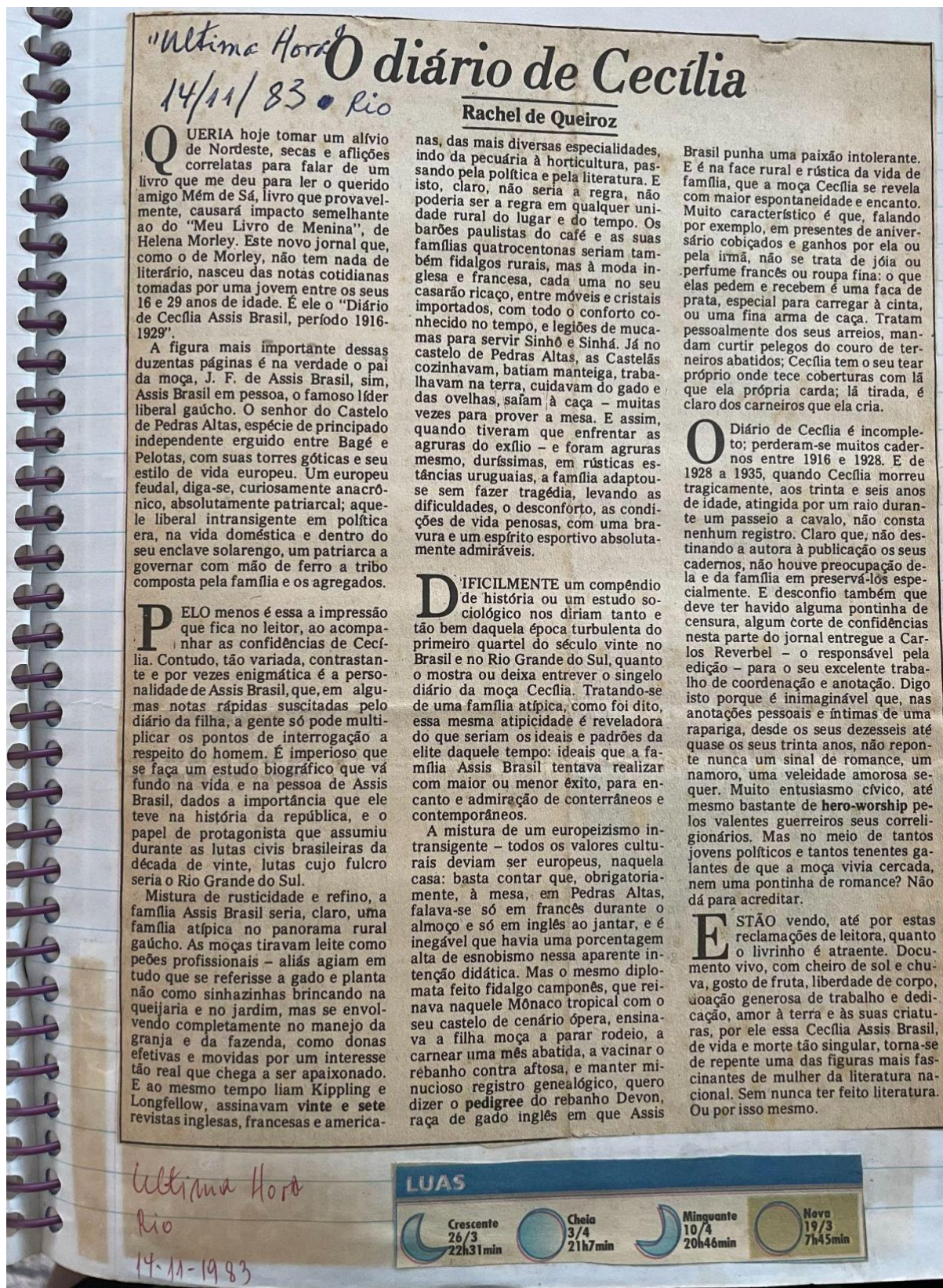
Mas há também nesse livro outro aspecto que seduz. É o conteúdo cultural, a substância dos trabalhos agora reunidos em volume. Homens e fatos são pretextos para considerações amplas, abarcando tanto a História quanto a Sociologia, de tal sorte a informação que possui Reverbel, com respeito ao passado gaúcho, é ampla e multiforme. Leitor impune, lê desencadernadamente, como diria Gregório de Matos; sua biblioteca todos os dias cresce mais um pouco. Quer dizer, o jornalista que há nele são se descuida: alimenta-se da melhor literatura e das mais recentes lições da Ciência Social. Frequentes viagens ao exterior, principalmente a Paris, deram a esse homem da Campanha nascido e criado na zona clássica do gaúcho, uma latitude de pensamento que lhe serve de linha de rumo para arejar e vitalizar as idéias. Mesmo ao tratar, de passagem, os assuntos mais prosaicos, como é natural em trabalhos de imprensa, Reverbel inscreve aqui e ali, como lembrete, glosa ou advertência, meditações profundas.

É grande a naturalidade com que se move o *Barco de Papel* em águas da história sul-rio-grandense. Se o autor não fosse o consumado jornalista que é, absorvido em sua pesada tarefa de alimentar o Moloque insaciável, quero crer que seria, acima de tudo, um repousado e seguro historiador. Seja no campo da História Geral, seja sobretudo no da História Literária. Gosta de escavar, de aprofundar os assuntos, e de suas investigações surgiram os *Casos do Romualto*, que a pertinácia reverbeliana exumou de um velho jornal pelotense e trouxe à tona da publicidade, numa edição com que a Globo, não há muito, acrescentou uma peça indispensável à bibliografia de Simões Lopes.

Neste comentário apressado, não posso agora referir as grandes causas pelas quais se tem batido Reverbel, na sua coluna, desde tempos recuados. Mas ainda recentemente ele nos deu a prova de que não esquece, na idade madura, os deveres que lhe incumbem, como intelectual e jornalista consciente, no tocante à preservação dos valores culturais representativos desta província. Ve-

CADERNO DE SÁBADO 12-1-1980

Fonte: Acervo da família Reverbel
Resenha do livro “Barco de Papel”
Figura 15 - Rachel de Queiroz



Fonte: Acervo da família Reverbel

Resenha do livro "Diário de Cecília de Assis Brasil"

Figura 16 - Moacir Werneck de Castro

Da degola à tortura

Journal (24-8-1985)
Brasil - Rio

Moacir Werneck de Castro

DE Raízes do Brasil, livro que “se tornou um clássico de nascença” (Antônio Cândido), sobrou para o trivial a definição do brasileiro como o homem cordial. Sérgio Buarque foi perseguido por essa qualificação, como se fosse um estigma. Logo ele, um homem intelectualmente (e em tudo o mais) sem mácula. Em vão Sérgio tentou explicar que o adjetivo “cordial” refletia a acepção literal do vocábulo; que o coração tanto pode ser a sede dos bons como dos maus sentimentos etc. Permaneceu ao longo dos anos o renitente clichê; e, com o clichê, para muitos, a injustiça de supor que alguém tão profundamente conhecedor da nossa história pretendesse lançar uma cortina de fumaça sobre a parcela de crueldade que ela encerra.

Estive pensando nisso ao ler nos últimos dias um livro onde é abordado frontalmente um capítulo da história brasileira que ainda suscita calafrios de horror. Chama-se **Maragatos e Picapaus — Guerra Civil e Degola no Rio Grande**, de Carlos Reverbel (L&PM, Porto Alegre, 1985). O autor é um gaúcho de boa cepa, velho jornalista, erudito pesquisador da história e da literatura rio-grandenses. Explica ele que a denominação de maragatos dada aos revolucionários federalistas de 93 tinha um sentido pejorativo: seriam aliciadores de mercenários de além-fronteira, pois foi do Uruguai que partiram as tropas do famoso caudilho Gumerindo Saraiva, para se juntar ao comandante do exército federalista, General Joca Tavares. Os rebeldes, cujo símbolo era um lenço vermelho, assumiram o apelido, adotando-o como título de seu jornal. Já os governistas não absorveram a alcunha de pica-paus, derivado do topete desse pássaro, que lembrava as divisas brancas usadas pelos soldados de Júlio de Castilhos.

Esse “confronto armado entre elementos das classes dominantes” iria dividir o Rio Grande do Sul até a formação da Frente Única liberal de 1930. Teve de permeio outro momento de guerra civil, em 1923, quando os herdeiros dos maragatos, sob a chefia de Assis Brasil, se sublevaram contra o governo de Borges de Medeiros, continuador de Castilhos. Reverbel conta a história com lucidez de visão e espírito crítico. Sobretudo com coragem no enfrentar “essa espécie de tabu” que tem sido o banditismo praticado em 1893.

A degola, ou “gravata colorada” (vermelha) — esclarece Reverbel — era usual em ambos os lados. Criouse “todo um ambiente, cujo folclore, incluindo até episódios de aterrorizar crianças, impregnou a psique dos rio-grandenses, povoando-as de fantasmas sanguinários”, como está documentado no romance *O Louco do Catí*, de Dionélio Machado. “Degolar requeria ciência”, observa o escritor regionalista gaúcho Alfredo Jacques, citado por Reverbel. Havia duas maneiras de degolar: uma, à brasileira, dois talhinhos seccionando as carótidas; e outro, à criolla, de orelha a orelha. Durante a Revolução Federalista, que fez umas 10 mil vítimas, mais de mil gargantas teriam sido cortadas, segundo um cálculo “por baixo”.

Isso pode dar idéia de uma resenha de horrores, mas é preciso dizer que o livro de Carlos Reverbel não tem essa dimensão restrita. Em todo caso, vale resumir ainda o “caso das chapeleiras”, contado por ele — um caso que mostra a que requintes macabros chegava a instituição da degola. Morto e sepultado num cemitério campeiro o caudilho Gumerindo Saraiva, por lá passou, no dia seguinte, o coronel Firmino de Paula, da Divisão do Norte, governista, que mandou abrir a cova e exumar o cadáver. As tropas foram postas a desfilar diante do corpo do “bandido” para todos se certificarem de que ele estava

mesmo morto. O coronel teve, porém, outra idéia: dar a cabeça de Gumerindo de presente a Júlio de Castilhos. Recolheu mais outra cabeça, de quebra, e levou as duas para Porto Alegre, onde fez questão de entregá-las em pessoa ao presidente do Estado. Arranjou duas caixas de chapéus, acondicionou nelas as cabeças dos rebeldes e tocou-se para o palácio. Reverbel narra o desfecho: “Ao tomar conhecimento da natureza dos troféus que lhe estavam sendo entregues, Castilhos, possuído de violenta cólera, cortou a palavra do sinistro visitante. E, aos gritos, mandou que se retirasse.”

Essa orgia de sangue nos põe diante de um mistério da psicologia social brasileira. Como entender que, numa região habitada por gente tão afável, chã, comunicativa e hospitaleira, explodissem lutas fratricidas de tamanha violência? A explicação mais simplista, nascida de idiosincrasias políticas, associa a esses paroxismos sanguinários outros fenômenos afins, próprios do Rio Grande, como o caudilhismo, para efeito de excluir o gaúcho da comunidade nacional: seria portador de uma “mentalidade fronteiriça”, alheia à nossa índole pacífica... Interessa observar que essa teoria não encontra sequer arrimo no mais autorizado pensamento da direita, a julgar por um de seus pontífices, Oliveira Viana, que tece loas às virtudes do gaúcho típico, e inclusive ao caudilhismo pampeiro.

É triste mexer nesses desvãos da história, mas não se pode passar por cima deles e do que revelam. No sombrio capítulo das atrocidades, Capistrano de Abreu cita o caso dos paulistas que tocaram fogo numa igreja onde estavam refugiados índios de uma redução jesuítica; à medida que estes saíam, como um rebanho de ovelhas, os bandeirantes e outros indígenas a seu serviço, “com espadas, machetes e alfanjes, lhes derribavam ca-

beças, trancavam braços, desjarretavam pernas... e rachavam os meninos em duas partes, abrindo-lhes as cabeças e despedaçando-lhes os membros...” Pergunta, perplexo, Capistrano: “Compensará tais horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?”

Nem se diga que a decapitação é privilégio do Sul. A cabeça de Antônio Conselheiro foi decepada a faca. Entre cangaceiros e volantes houve, a certa altura, uma emulação macabra nessa prática. Lampião, Maria Bonita e outros tiveram suas cabeças expostas por longo tempo, como troféus, no então chamado Museu Nina Rodrigues, de Salvador: serviam de atração turística. A diferença em relação às degolas dos pampas era de método. No Nordeste, em vez de matar degolando, matava-se primeiro a tiro ou a faca, para decapitar em seguida.

Por influência da Revolução Federalista, o termo degola entrou no jargão político da República Velha (a primeira). Naquele tempo, antes da Justiça Eleitoral, os mandatos parlamentares eram submetidos ao crivo arbitrário de comissões de verificação, que “degolavam” sistematicamente os opositoristas. As vésperas da revolução de 30, por exemplo, a degola abateu toda a bancada paraibana e parte da mineira, num golpe feroz contra a representação da Aliança Liberal.

Depois de 1964, a degola tomara o nome de cassação de mandatos parlamentares e direitos políticos. E, novidade maior, setores da máquina do Estado passaram a adotar como norma a prática de torturar prisioneiros indefesos, às vezes matando-os — atrocidade que deixa longe, pela covardia, as abomináveis façanhas dos guerreiros de 1893. Esses podiam ser bárbaros; mas eram, incontestavelmente, bravos, e pelo menos arriscavam suas vidas nos entreveros sangrentos.



Fonte: Acervo da família Reverbel

Resenha do livro “Maragatos e Picapaus”

Figura 17 - Otto Maria Carpeaux

Trato com o futuro

LIBERATO VIEIRA DA CUNHA

No outono de 80, estando na Europa, recém refeito de um golpe destroçante, fiz um trato com o futuro. Os termos eram simples. Tendo por testemunha um cálice de Muscadet d'Alsace, deliberei que tentaria resgatar dois sonhos da adolescência: aparacer em livro e fazer longas viagens. Não era nenhum tipo de solene compromisso. Quem conhece o Muscadet sabe que é um vinho leve, pouco amigo de promessas graves.

Desde então, muito chão pisei, das margens do Pacífico às do Báltico. Já quanto aos livros, me achava algo relapso. O primeiro, *Miss Falklands*, só foi lançado em 83, por iniciativa de Martins Livreiro. Para minha surpresa, transformou-se num sucesso de público, tanto que a tiragem se esgotou em quatro meses. Outra corajosa editora desta praça, a Sulina, publicou em 85 *Um Hóspede na Sacada*, e imprimiu tamanha quantidade de exemplares, que só posso compará-la com a fé que Leopoldo Boeck Filho deposita nos novos autores. Mas não posso dizer que ele tenha exagerado, pois os boletins de vendagem até hoje atestam que essa coletânea de contos e crônicas nunca cessou de ter boa procura. Na mesma época saiu *Rodízio de Contos*, uma antologia da Mercado Aberto constelada de astros da grandeza de Dyonélio, Quintana, Cyro, Josué, Lya, Luis Fernando, Scliar, Assis Brasil, dentre vários outros, mais este satélite que vos fala.

Por esse tempo julguei que era hora de partir para uma empreitada de fôlego: escrever um romance. Imaginei que o veria nas prateleiras lá por 87. Ledo engano. Faço parte da legião de brasileiros que se divide em dois empregos, estendidos por três turnos, classe pela qual o Leão vota especial apetite. Resultado: me sobrando apenas os domingos para ir tocando a trama — tarefa aliás interrompida pelas viagens e por uma seleção de contos ainda inédita, *A Mulher de Violeta*, — já me resignei com a perspectiva de que só vou colocar ponto final no romance em dia incerto e não sabido. Em verdade, nem cogito de datas; me basta o prazer de dar forma à trama, de ir compondo personagens que frequentam meus pensamentos como se fossem pessoas reais, e não meros produtos da alquimia de meu inconsciente.

Mas se a correria diária retarda esse projeto, surgem às vezes compensações inesperadas. A mais recente atende pelo nome de *Sombras e Luzes — Um Olhar sobre o Século*. Falei, dias atrás, em outro local de ZH, do enorme desafio a mim proposto pela Samrig e a MPM: participar dessa obra coletiva com um estudo do comportamento dos jovens no mundo inteiro e ao longo de todo o século XX, nada menos. Tremi nas bases, mas topei. O ensaio abocanhou boa parcela de umas recentes férias, durante manhãs, tardes e noites. Ao receber porém meu exemplar, há pouco mais de uma semana, me senti inteiramente recompensado da maratona. Estar ao lado de Cyro, Reverbel, Luis Fernando, Pinheiro, Lya, Noll, Tabajara, Juarez, já era suficiente prêmio. A L&PM, no entanto, foi além. Pois o livro é de um primor e de um bom gosto gráficos, como nada vi de semelhante por estes Brasis.

Ao abri-lo, retornei por um momento ao outono de 80, à branda companhia do Muscadet d'Alsace. E me agradou pensar que, de algum modo, não cumpro mal meu trato com o futuro.

GAÚCHOS

A vitória eleitoral do sr. Meneghetti, no Rio Grande do Sul, pode inspirar importantes considerações sobre a unidade nacional.

Durante 24 anos quase ininterruptos foi o Brasil governado por um político oriundo do Rio Grande do Sul; não foram boas as experiências com ele nem com seu *entourage*, composto de homens da mesma origem. Acrescentando-se as reminiscências de Pinheiro Machado, etc., compreende-se certa impaciência que já em 1945 se manifestou pelo brado alto e injusto: — chega de gaúchos!

Injusto, sobretudo. Mas o preconceito está enraizado, viciando o julgamento até de um espírito superior como Capistrano de Abreu que, no prefácio do livro de Simão Pereira de Sá sobre a Colônia do Sacramento, chegou a lamentar a incorporação daquela raça incuravelmente caudillesca ao Brasil. Muito oportunamente o escritor gaúcho Carlos Reverbel acaba, porém, de chamar a atenção para as cartas recém-publicadas de Capistrano, a Mario de Alencar (1914) e Lúcio de Azevedo (1916), cartas nas quais o grande historiador retificou devidamente seu erro.

O assunto é de tão grande importância que merece ser bem meditado e estudado.

Atribuí-se aos gaúchos uma tendência irremediável para o caudilhismo, que repugna às tradições históricas do resto do Brasil. O Rio Grande do Sul estaria, por assim dizer, condenado aos processos semibárbaros de governo, impondo-os de vez em quando ao país inteiro.

Essa estranha teoria não se encontra só entre nós. Em quase todas as repúblicas da América Latina já surgiram uns pseudo-sociólogos, atribuindo aos seus respectivos povos um anarquismo inato, que só pelos *céсарes democráticos* ou *tyranos benéficos* pode ser subjugado. Eis, por exemplo, a teoria pela qual um Vallenilla Lanz pretendia justificar os tyranos cruéis e primários que há decênios supliciam a desgraçada Venezuela. Seria um destino ao qual não se pode escapar.

É espécie de racismo latino-americano, essa crença em defeitos irremediáveis do caráter da raça. No Brasil, essa teoria apareceu sob vários disfarces. E um desses disfarces foi, paradoxalmente, adotado pelos adversários do caudilhismo: afirmam que este seria uma doença específica do caráter gaúcho; e do qual convém curar o resto do Brasil.

Agora, esse racismo está rigorosamente desmentido. Em Estado nenhum o getulismo encontrou resistência tão tenaz como no Rio Grande do Sul. Nem sequer a quebraram os motivos emocionais que recentemente tão forte influência exerceram em outras partes do Brasil. E hoje está o sr. Meneghetti, contra a vontade dos remanescentes da ditadura, eleito governador da terra que se supõe ser o berço do caudilhismo.

A culpa é apenas do atraso econômico e social da região de fronteira, já superado, porém, pelo progresso que revela o verdadeiro caráter gaúcho, indomável e insubornável, precioso e insubstituível elemento da brasilidade; elemento do qual só podemos desejar que penetre nos setores menos seguros do país e do nosso povo.

Pois a garantia da unidade nacional não é, como já se disse, a língua nem as tradições nem este ou aquele rio, mas o caráter.

Artigo de Otto Maria Carpeaux.

Fonte: Acervo da família Reverbel

À direita, artigo de Otto Maria Carpeaux no *Correio da Manhã* (1954), citando trabalho de Reverbel

3.5 Artigos e reportagens

À primeira vista, os recortes de jornais arquivados por Reverbel em seus cadernos de memórias são tantos que parece quase impossível estabelecer qualquer tipo de classificação. Examinados em conjunto, porém, revelam-se muitas recorrências - de temas e de autores - e é possível perceber que seus interesses orbitavam em torno de um número limitado de assuntos. História e Literatura do Rio Grande do Sul, Jornalismo, Agropecuária, Interior do Estado, Jockey e Cultura Francesa são, em linhas gerais, os temas que mereciam sua atenção. Em meio a itens que parecem ter sido arquivados com o objetivo de estarem ao alcance para uma futura consulta, em uma época em que a informação estava trancada em bibliotecas e acervos particulares, as reportagens apenas curiosas (“Cigarros de maconha combatem o glaucoma¹⁷”) são exceção. Reverbel era um colecionador criterioso e focado em temas muito próximos daqueles que costumava tratar em suas próprias colunas nos jornais.

Se os assuntos ajustavam-se aos seus interesses, a maioria dos autores e personagens selecionados é composta por sua constelação particular de relações. Dessa constelação fazem parte personagens históricos e amigos, colaboradores e colegas, discípulos e mentores. Um personagem como Erico Verissimo, por exemplo, está presente como autor e como objeto de estudo, assim como Rubem Braga. Em linhas gerais, é possível agrupar temas e autores dos artigos recortados em 10 grandes grupos:

- 1) **Autores regionalistas** - Há menos artigos sobre **Simões Lopes Neto** do que seria de se imaginar, em se tratando do arquivo do seu biógrafo. É possível que boa parte do material que recolhia sobre o escritor pelotense fizesse parte de um arquivo em separado. Ainda assim, encontrei mais de 40 referências a Simões Lopes Neto, entre artigos, crônicas, reportagens e correspondências que citam o seu nome. Há mais do que o dobro de referências, por sua vez, ao nome de **Alcides Maya**. Nascido em São Gabriel, onde Reverbel foi criado, Maya chegou a ser membro da Academia Brasileira de Letras, mas, ao contrário de Simões Lopes Neto, foi perdendo prestígio ao longo das décadas. O interesse de Reverbel, que escrevia sobre Maya com frequência em suas crônicas, sugere uma preocupação em não deixar o escritor cair no esquecimento.

¹⁷ Mesmo essa curiosidade tinha uma base concreta: na velhice, Reverbel lutou contra os incômodos de um glaucoma que prejudicou a visão de um de seus olhos.

- 2) **Líderes políticos - Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas** estão entre os personagens históricos que mais aparecem nos recortes. Nesse grupo, porém, destacam-se dois nomes caros a Reverbel: **Raul Pilla**, que ganhou a alcunha de “o papa do parlamentarismo no Brasil” e era um dos políticos que Reverbel mais admirava e citava em suas colunas, e **Assis Brasil**, ao qual o jornalista dedicou três livros. Contam-se mais de 50 recortes mencionando o nome de Assis Brasil, incluindo - além de artigos, reportagens e crônicas - as resenhas dedicadas aos livros de Reverbel sobre o personagem. Além de sua atuação política, as reflexões de Assis Brasil sobre produção agrícola e pecuária parecem ser de especial interesse.

- 3) **Livros** - Duas obras destacam-se entre as referências literárias mais citadas nos cadernos: ***Antônio Chimango (1915)***, poema satírico de inspiração política escrito por Ramiro Barcellos (com o pseudônimo de Amaro Juvenal), que adota o estilo do ***Martín Fierro*** para ironizar Borges de Medeiros, e o próprio ***Martín Fierro (1872)***, poema regionalista do argentino José Hernández ainda muito lido pela geração de Reverbel.

- 4) **Temas rurais** - Reverbel recortava praticamente todas as colaborações de **Paulo Xavier** no Suplemento Rural do *Correio do Povo*. Médico, historiador, genealogista e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Xavier escrevia textos que combinavam duas das paixões de Reverbel: mundo rural e História. **José de Almeida Collares**, fundador e presidente da Associação de Criadores de Cavalos Crioulos e presidente da Associação Nacional de Criadores Herd-book Collares, de Pelotas, é outro interlocutor em assuntos ligados à criação de gado e um dos correspondentes mais frequentes ao longo dos anos.

- 5) **Historiadores** - Artigos de historiadores, com destaque para **Walter Spalding**, **Othelo Rosa**, **Francisco Riopardense de Macedo** e **Décio Freitas**, ocupam boa parte das páginas dos cadernos. Reverbel parecia especialmente atento aos trabalhos de membros do **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, entidade da qual fazia parte.

- 6) **Geração Madrugada** - A geração de intelectuais gaúchos imediatamente anterior à de Reverbel é um dos seus focos de interesse mais consistentes. A começar por seu mentor intelectual, **Augusto Meyer**, citado mais de 60 vezes nos cadernos - como correspondente (negociando colaborações para *Província* ou *Correio do Povo*), articulista e também personagem de crônicas e artigos. A “geração Madrugada” (referência ao título da revista de inspiração modernista que circulou em Porto Alegre em 1926, quando Reverbel era ainda um rapazote), inclui ainda **Paulo de Gouvêa**, um dos autores com mais textos arquivados nos cadernos, **Athos Damasceno Ferreira**, **Nilo Ruschel**, **Carlos Dante de Moraes**, **Teodomiro Tostes** e **Rui Cirne Lima**. Todos esses intelectuais aparecem não apenas como autores, mas também quando são temas de artigos. **Raul Bopp**, que fez parte da primeira leva do Modernismo paulista, é outro autor pelo qual Reverbel demonstra especial interesse. De outra turma, mas praticamente da mesma geração, **Dyonélio Machado** é outro escritor bastante citado nos cadernos. Militante comunista preso durante o Estado Novo, Dyonélio lançou em 1944 o romance *Desolação*, dedicado a quatro pessoas: “O que deve este livro a Carlos Reverbel, Rivadávia de Souza, Athos Damasceno Ferreira e Manoelito de Ornellas não tem preço. Eu nem tento pagá-lo”.
- 7) **Padrinhos** - **Manoelito de Ornellas** e **Moysés Vellinho** são da mesma geração que **Augusto Meyer**, mas a relação de Reverbel com eles era mais próxima (Ornellas foi padrinho do casamento de Carlos e Olga, em 1941). Os dois ensaístas estavam em lados opostos na disputa a respeito das duas matrizes ideológicas gaúchas, a lusitana (Vellinho) e a platina (Ornellas). Embora Reverbel provavelmente se identificasse mais com a posição de Vellinho, seu chefe na redação da *Província de São Pedro* e mentor intelectual, a ligação com os dois era estreita, tanto profissional como afetivamente - o que se reflete nas frequentes referências a seus nomes nos cadernos.
- 8) **Contemporâneos** - **Guilhermino César**, **Cyro Martins**, **Mario Quintana** e **Júlio Petersen**, intelectuais mais ou menos da mesma geração que Reverbel, são presenças constantes nos cadernos, como autores e como personagens. Quintana tornou-se colaborador regular do *Correio do Povo* no início dos anos 1950, quando lançou seu Caderno H nas páginas literárias editadas por

Reverbel. São mais de 130 referências a Quintana nos cadernos, a maioria delas composta por recortes do Caderno H no período em que a seção era publicada no Caderno de Sábado.

- 9) **Amigos próximos** - O círculo de amigos mais íntimos era composto por **Erico Verissimo, Mauricio Rosenblatt, Justino Martins, Rivadavia de Souza, Rubem Braga e Iberê Camargo**. Desse grupo, o nome mais citado nos cadernos é o de Erico, que além de amigo era um personagem frequente na imprensa e foi seu correspondente constante em todas as ocasiões em que um dos dois estava fora de Porto Alegre. São mais de 80 referências a Erico, entre fotos, cartas, artigos, reportagens e até a promissória de um empréstimo do escritor ao jornalista.
- 10) **Afilhados** - Assim como teve mentores que o inspiraram a perseguir alguns dos seus principais interesses intelectuais, Reverbel soube constituir em torno de si um grupo de críticos, historiadores e jornalistas mais jovens que buscavam nele uma referência e acabavam, com o tempo, se tornando também amigos. Fazem parte desse grupo de afilhados intelectuais **Flávio Loureiro Chaves, Tânia Carvalhal, Sérgio da Costa Franco, Luis Fernando Verissimo e Luiz Fernando Cirne Lima**. Todos esses nomes são citados nos cadernos, com destaque para as crônicas de **Sérgio da Costa Franco**.¹⁸

Algumas ausências podem ser tão eloquentes quanto os temas e personagens mais constantes dos cadernos. Reverbel, por exemplo, parece se interessar pouco pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Seu interesse por literatura, percebe-se, não cruza a segunda metade do século 20 e pouco se arrisca além do Mampituba. Política também é um tema raro nos artigos que recortava e guardava, a não ser quando a uma distância confortável de tempo.

¹⁸ De certa forma, também faço parte desse grupo. Desde que nos conhecemos, em 1991, até sua morte, em 1997, Reverbel colecionou boa parte dos textos com a minha assinatura que apareciam no jornal *Zero Hora*.

Figura 18 - Geração Madrugada

para os grupos atuais. É a intenção de resgatar a memória e enaltecer o trabalho dos gaúchos, em um tempo heróico. Não por acaso, a capa reproduz uma gravura de Glauco Rodrigues: dois gaudérios pilchados a rigor.

□ *Um Teatro Fora do Eixo — Porto Alegre: 1953/1963 de Fernando Peixoto, co-edição da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre e da Editora Hucitec de São Paulo, 362 páginas. Hoje estará à venda por Cr\$ 400 mil; a partir de amanhã será vendido nas livrarias por Cr\$ 480 mil.*




O movimento modernista gaúcho e a vida intelectual do Rio Grande do Sul no final da década de 20 centralizam o livro "O Grupo" de Paulo de Gouvêa, que será lançado numa sessão de autógrafos às 20 horas de hoje na 23.ª Feira do Livro, realizada na praça da Alfândega. "É a história de uma geração literária e de uma cidade — define o autor. Todos aqueles detalhes dos escritores que participaram do movimento modernista gaúcho e que ainda não foram registrados em documentos, estão nessa obra.

A última obra publicada de Paulo Gouvêa foi editada pela Globo, em 1942. Era um livro de poemas intitulado "Canção da Água Distante". A mesma editora foi responsável pela publicação de seu primeiro livro "Mansamente", também de poemas. Depois do livro de 1942, Gouvêa deixou a literatura propriamente dita e passou a escrever crônicas no Correio do Povo, onde trabalha até hoje. Neste jornal, começou a série de trabalhos a respeito do modernismo no Rio Grande do Sul, que deu origem ao livro "O Grupo".

"Comecei a primeira série em 1953 no Caderno de Sábado, com o título de Memórias de Uma Cidade — História de Uma Geração Literária — Conta Gouvêa. Não pretendia fazer o trabalho, mas o Paulo Gastal e o Carlos Reverbel começaram a incentivar e terminei escrevendo. Quando o Augusto Meyer era presidente do Instituto Nacional do Livro me procurou, convidando para escrever este livro. Estava cheio de serviço naquela época, era secretário do Correio do Povo, por isso não fiz nada. Agora, o Paulo Amorim, diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura (DAC-SEC), insistiu tanto, para que reunisse as crônicas num livro, que terminei fazendo".

LANÇAMENTO

Assim, nasceu o livro "O Grupo" de Paulo Gouvêa, editado pelo Instituto Estadual do Livro do DAC-SEC, em convênio com a Editora Movimento. "Reuni 200 crônicas num trabalho que está impresso em 190 páginas — comenta o autor". Nas livrarias, a obra custa Cr\$ 60,00 e na Feira do Livro o preço é de apenas Cr\$ 48,00. A Editora Movimento levará "O Grupo" para todos os países da América do Sul.

O conteúdo desse livro traz relatos sobre a vida de autores gaúchos como Augusto Meyer, Rui Cirne Lima, Teodomiro Tostes, Moisés Vellinho, Carlos Dante de Moraes, Atos Damasceno Ferreira, Ciro Martins, Darcy Azambuja e outros modernistas.

"O trabalho literário daquele tempo ainda não foi igualado — julga Paulo de Gouvêa, que viveu e participou deste período da história rio-grandense. Eram mais de 30, todos da minha geração".

Um grande vazio literário houve depois do movimento modernista da década de 20 até hoje, com o surgimento de grandes autores, mas esparsamente, como o caso de Mário Quintana. "Só agora o Rio Grande do Sul está tendo novamente um movimento literário significativo — afirma Gouvêa. Temos Armindo Trevisan, Carlos Nejar, Moacyr Selier, Josué Guimarães e muito outros. Como poeta, não preciso nem citar o Mário Quintana, pois é o melhor. Outro grande é o Carlos Nejar. Mas infelizmente até agora não surgiram estilistas como Moisés Vellinho e Carlos Dante de Moraes. A pureza de linguagem destes dois ainda não foi igualada".

PAULO DE GOUVÊA

O GRUPO

OUTRAS FIGURAS OUTRAS PAISAGENS

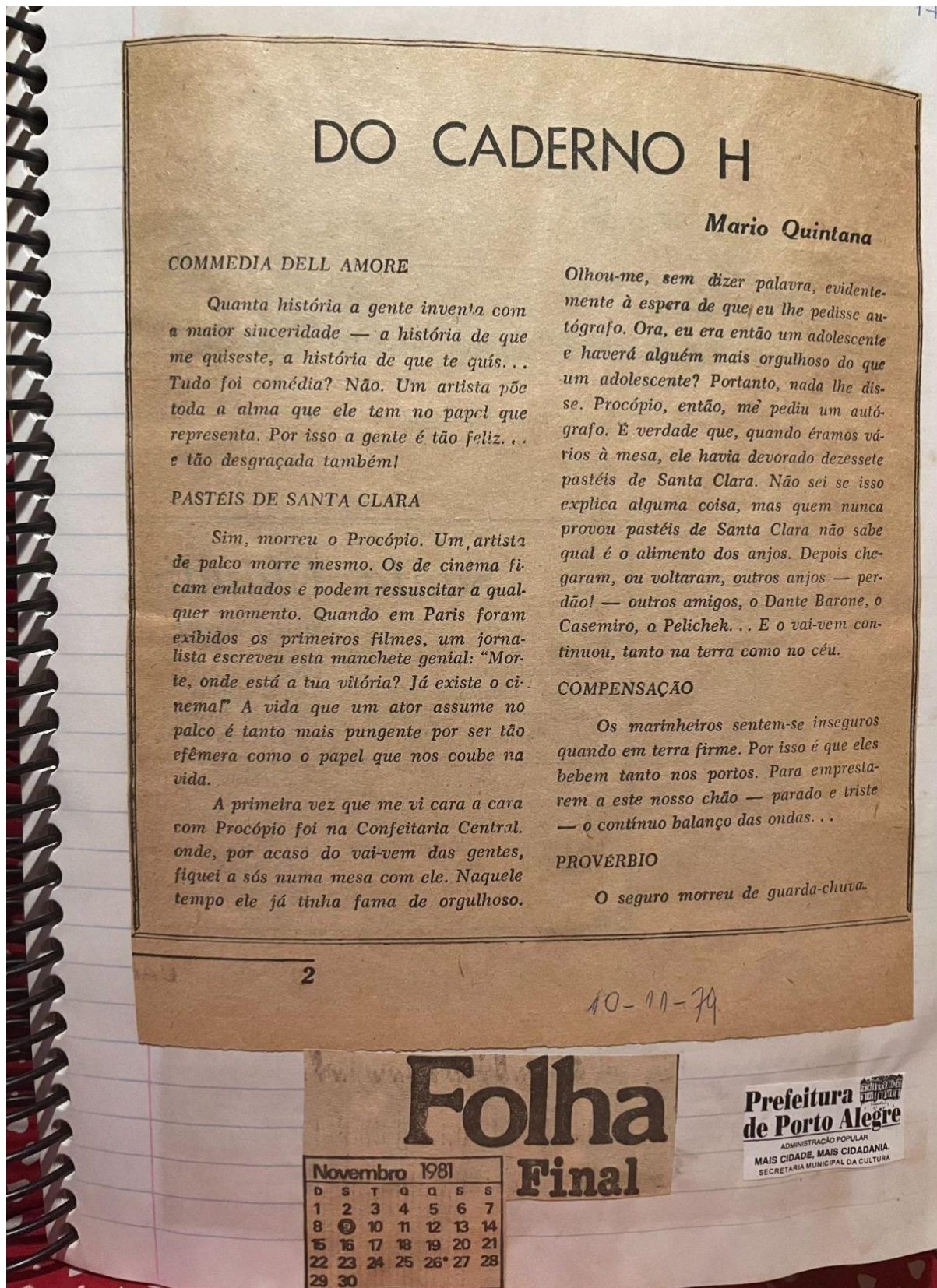
8 DE NOVEMBRO DE 1977

FOLHA DA TARDE

Fonte: Acervo da família Reverbel

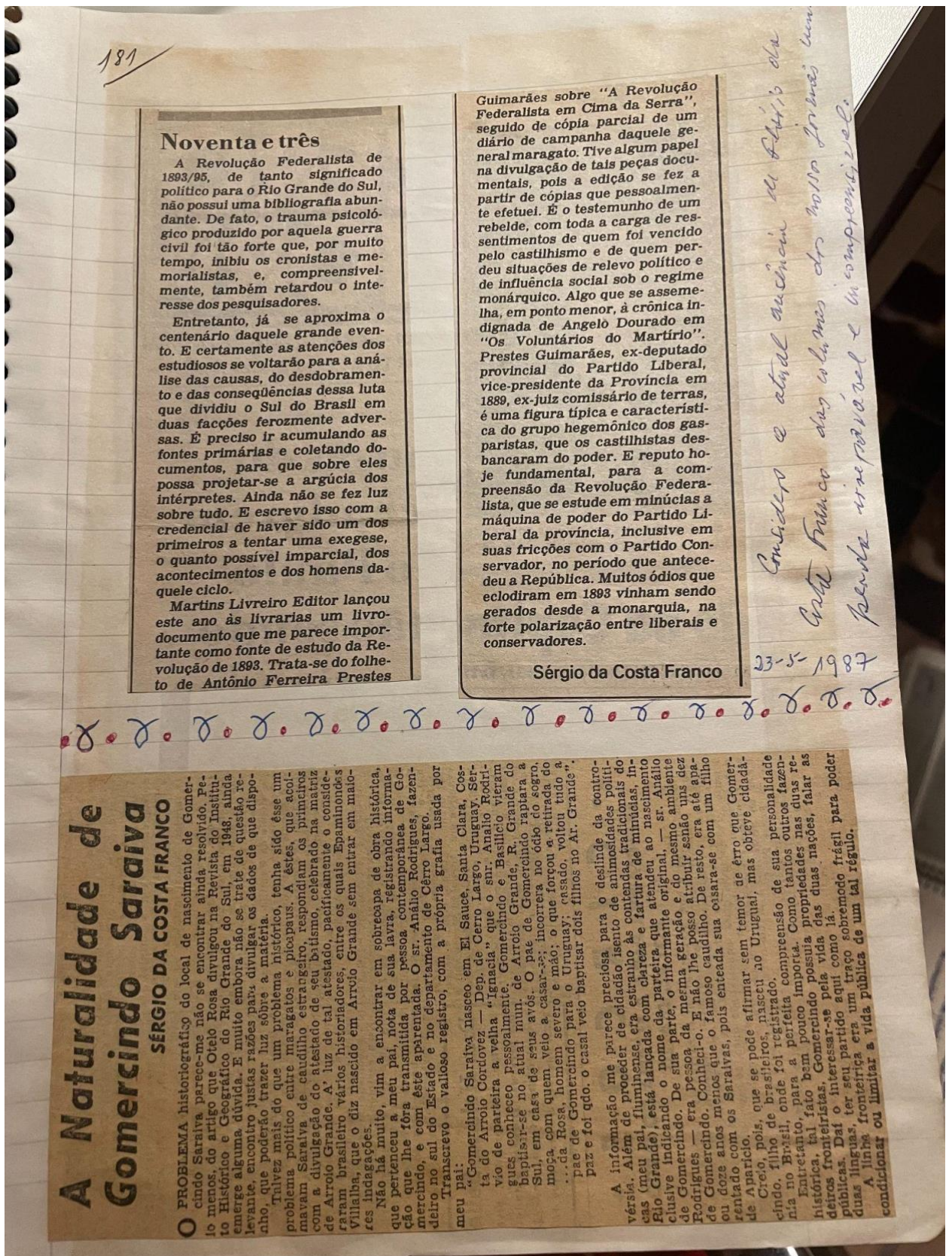
Paulo de Gouvêa narrou histórias da Geração Madrugada no livro “O grupo”

Figura 19 - Mario Quintana



Fonte: Acervo da família Reverbel

Figura 20 - Afilhado



A Naturalidade de Gomercindo Saraiva

SÉRGIO DA COSTA FRANCO

○ PROBLEMA historiográfico do local de nascimento de Gomercindo Saraiva parec-me não se encontrar ainda resolvido. Pelo menos, do artigo que Otelo Rosa divulgou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1948, ainda emerge alguma dúvida. E muito embora não se trate de questão relevante, encontro justas razões para divulgar os dados de que disponho, que poderão trazer luz sobre a matéria.

Talvez mais do que um problema histórico, tenha sido esse um problema político entre maragatos e picopaus. A estes, que acolmavam Saraiva de caudilho estrangeiro, respondiam os primeiros com a divulgação do atestado de seu batismo, celebrado na matriz de Arroio Grande. A luz de tal atestado, pacificamente o consideraram brasileiro vários historiadores, entre os quais Epaminondas Willalba, que o diz nascido em Arroio Grande sem entrar em maiores indagações.

Não há muito, vim a encontrar em sobrecoipa de obra histórica, que pertenceu a meu pai, nota de sua lavra, registrando informação que lhe fora transmitida por pessoa contemporânea de Gomercindo, e com este aparentada. O sr. Análho Rodrigues, fazendeiro no sul do Estado e no departamento de Cérro Largo.

Transcrevo o valioso registro, com a própria grafia usada por meu pai:

"Gomercindo Saraiva nasceu em El Saucé, Santa Clara, Cos-ta do Arroio Cordovez — Dep. de Cérro Largo, Uruguay. Ser-via do Arroio Cordova — "ignacia" que o sr. Análho Rodri-gues, conhecido pessoalmente, Gomercindo e R. Grande do Sul, em casa de seus avós. O pai de Gomercindo raplara a mãe com quem veio a casar-se; incorreia no ódio do sogro, ...da Rosa, homem severo e mão; o que forçou a retirada do pai de Gomercindo para o Uruguay, casado, voltou tudo a paz e foi qdo. o casal veio baptisar dois filhos no Ar. Grande".

A informação me parece preciosa para o deslinde da contro-vérsia. Além de proceder de cidadão isento de animosidades políti-cas (meu pai, fluminense, era estranho às contendas tradicionais do Rio Grande), está lançada com clareza e fatura de minúcias, in-clusive indicando o nome da parteira que atendeu ao nascimento de Gomercindo. De sua parte, o informante original, — sr. Análho Rodrigues era pessoa da mesma geração e do mesmo ambiente de Gomercindo. Conheci-o. E não lhe posso atribuir senão uns dez ou doze anos menos que o famoso caudilho. De resto, era até apa-rentado com os Saraivas, pois enteeda sua casara-se com um filho de Aparício.

Créo, pois, que se pode afirmar sem temor de erro que Gomercindo, filho de brasileiros, nasceu no Uruguay, mas obteve cidadania no Brasil, onde foi registrado. Entretanto, para a perfeita compreensão de sua personalidade histórica, tal fato bem pouco importa. Como tantos outros fazen-deiros fronteiristas, Gomercindo possuía propriedades nas duas re- públicas. Daí o interessar-se pela vida das duas nações, falar as duas línguas, ter seu partido aqui como lá. A linha fronteiriça era um traço sobremoda frágil para poder condicionar ou limitar a vida pública de um tal régulo.

Noventa e três

A Revolução Federalista de 1893/95, de tanto significado político para o Rio Grande do Sul, não possui uma bibliografia abundante. De fato, o trauma psicológico produzido por aquela guerra civil foi tão forte que, por muito tempo, inibiu os cronistas e memorialistas, e, compreensivel-mente, também retardou o inter-esse dos pesquisadores.

Entretanto, já se aproxima o centenário daquele grande evento. E certamente as atenções dos estudiosos se voltarão para a análise das causas, do desdobramen-to e das conseqüências dessa luta que dividiu o Sul do Brasil em duas facções ferozmente adver-sas. É preciso ir acumulando as fontes primárias e coletando do-cumentos, para que sobre eles possa projetar-se a argúcia dos intérpretes. Ainda não se fez luz sobre tudo. E escrevo isso com a credencial de haver sido um dos primeiros a tentar uma exegese, o quanto possível imparcial, dos acontecimentos e dos homens da-quele ciclo.

Martins Livreiro Editor lançou este ano às livrarias um livro-documento que me parece impor-tante como fonte de estudo da Re-volução de 1893. Trata-se do folhe-to de Antônio Ferreira Prestes

Guimarães sobre "A Revolução Federalista em Cima da Serra", seguido de cópia parcial de um diário de campanha daquele ge-neral maragato. Tive algum papel na divulgação de tais peças docu-mentais, pois a edição se fez a partir de cópias que pessoalmen-te efetuei. É o testemunho de um rebelde, com toda a carga de res-sentimentos de quem foi vencido pelo castilhismo e de quem per-deu situações de relevo político e de influência social sob o regime monárquico. Algo que se asseme-lha, em ponto menor, à crônica in-dignada de Angelo Dourado em "Os Voluntários do Martírio". Prestes Guimarães, ex-deputado provincial do Partido Liberal, vice-presidente da Província em 1889, ex-julz comissário de terras, é uma figura típica e característi-ca do grupo hegemônico dos gas-paristas, que os castilhistas des-bancaram do poder. E reputo ho-je fundamental, para a compre-ensão da Revolução Federalista, que se estude em minúcias a máquina de poder do Partido Li-beral da província, inclusive em suas fricções com o Partido Con-servador, no período que antecedeu a República. Muitos ódios que eclodiram em 1893 vinham sendo gerados desde a monarquia, na forte polarização entre liberais e conservadores.

Sérgio da Costa Franco

189

Considero a atual acção de Prestes de Costa Franco dos volumes do nosso jornal um pouco irracional e incompreensível.

23-5-1987

Fonte: Acervo da família Reverbel

“Considero a atual ausência de Sérgio da Costa Franco das colunas dos nossos jornais uma perda irreparável e incompreensível”, anota Reverbel

3.6 Correspondência

A parte mais fascinante dos cadernos é também a mais difícil de abarcar e descrever. São centenas de cartas, bilhetes, cartões de visitas com pequenas mensagens, cartões-postais. Os remetentes são muitos e de origens variadas, com diferentes tipos de relação com o memorialista. Estão arquivadas cartas de familiares, correspondências profissionais, conversas entre amigos, consultas de pesquisadores, mensagens de leitores, convites, congratulações, telegramas de pêsames... Examinando a vasta correspondência arquivada nos 31 cadernos, vemos livros e projetos jornalísticos começando a nascer, pesquisadores trocando ideias e informações, amigos mandando notícias de viagens, lamentos sobre a situação do Brasil e do mundo, confissões e inconfidências. Para a geração de Carlos Reverbel, os Correios eram o Google e o Word, o Facebook e o Twitter, o e-mail e o WhatsApp. Ferramenta de trabalho, mas também canal de comunicação e de interação social.

A atuação como editor no *Correio do Povo*, na *Revista do Globo* e na *Província de São Pedro*, durante tantos anos, permitiu que ele estabelecesse uma extensa rede de correspondentes, tanto no interior do Estado quanto em outras capitais do país. Boa parte da correspondência passiva de Reverbel é composta por respostas a encomendas de textos feitas por ele ou ofertas de trabalhos para as páginas do jornal ou da revista feitas por outros. É possível notar que o jornalista recorria a essa rede sempre que precisava obter algum tipo de informação. Da mesma forma, pesquisadores recorriam a ele tanto para obter algum dado específico quanto para terem acesso a informações que ele, como jornalista, teria mais facilidade para alcançar.

Entre os correspondentes do centro do país, destacam-se os críticos literários Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins e Afonso Arinos de Melo Franco e o tradutor Paulo Rónai, que manteve uma longa colaboração com a Editora Globo e o *Correio do Povo* a partir dos anos 1940. Bibliófilos como José Mindlin e Plínio Doyle, jornalistas como Samuel Wainer e Moacir Werneck de Castro, escritores como Guilherme Figueiredo e James Amado, artistas como Fernanda Montenegro e Paulo Autran e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso também aparecem entre seus correspondentes.

No Rio Grande do Sul, Reverbel trocava cartas regularmente com Guilhermino César, Cyro Martins, Barbosa Lessa, Mario Quintana, Herbert Caro, Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho e Paulo Hecker Filho, entre outros. Em muitos casos, as relações pessoais e profissionais acabam se misturando, como demonstram as correspondências com Erico Veríssimo, Rubem Braga, Rivadavia de Souza e Justino Martins, amigos que eram também colaboradores das páginas que editava.

O período de preparação da edição crítica de Simões Lopes Neto, entre 1945 e 1949, é documentado com trocas de cartas com Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Holanda e Dona Velha, viúva do escritor. As cartas foram tão importantes no planejamento e execução do projeto que Reverbel usa uma delas como prefácio do seu *Um capitão da Guarda Nacional*. Um detalhe dá a dimensão do respeito devotado ao seu principal mentor: das poucas cópias de sua correspondência ativa presentes nos cadernos, a maioria são mensagens mandadas para Augusto Meyer nesse período.

Em uma carta enviada por Paulo Rónai em 9 de dezembro de 1946, ficamos sabendo que o destaque dado a Meyer na promoção da edição de Simões Lopes Neto, que ainda levaria mais três anos para vir a público, gerou uma pequena crise de vaidades:

“Em várias conversas com nosso amigo comum, Aurélio Buarque de Holanda, notei que ele se sentia magoado pela maneira por que a nova edição de Contos Gauchescos e Lendas do Sul foi anunciada várias vezes na Revista do Globo. A mim também pareceria mais indicado que se aludisse ao nome do Aurélio, encarregado de dirigir a edição toda, de fazer um exaustivo estudo introdutivo, de estabelecer o texto, de redigir notas e um glossário, antes do de Augusto Meyer, autor apenas de um prefácio, por mais valioso que este seja. Para reconciliar o nosso Aurélio, cuja suscetibilidade o amigo compreenderá sobretudo se considerar a importância real do trabalho feito por ele, permito-me sugerir-lhe a inclusão, no próximo DIL, de uma nota extensa em que a importância da parte que o Aurélio teve na edição fosse destacada devidamente e em primeiro lugar.”

A queixa surtiu efeito: na capa da edição de 1949 de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, o nome de Aurélio Buarque de Hollanda aparece acima dos de Augusto Meyer e Carlos Reverbel.

Em linhas gerais, a correspondência com pesquisadores, colaboradores, colegas de trabalho, amigos e leitores gira em torno dos mesmos temas que sempre o ocuparam como jornalista e cronista: História, Literatura, Jornalismo, Rio Grande do Sul. Mas uma carta sempre evoca mais do que aquilo que está escrito no papel. A assinatura no pé da página ou no envelope evoca a memória de uma relação pessoal, uma amizade, um encontro, uma troca. Ao dedicar os últimos meses de vida a compor o tumultuário de sua existência, pode-se imaginar que cada

uma das centenas de cartas que colou nos cadernos trouxe de volta, por alguns instantes, a presença viva de seus muitos amigos e conhecidos. Em sua poltrona favorita, com tesoura e cola na mão, Reverbel passou seus últimos dias cercado não apenas de memórias, mas da matéria viva da experiência humana como ele a conheceu.

Figura 21 - Dona Velha

Pelotas, 10 de Junho de 1949

Ilmo. Snr. Diretor do "Correio do Povo"
Porto Alegre

Saudações respeitosas

Tendo, ha tempos, sido procurada pelo Sr. Carlos Reverbel, então funcionário dâsse conceituado matutino, que veio a esta cidade com o objetivo de realizar pesquisas sobre a obra literária de meu saudoso espôso João Simões Lopes Neto, e desejando agora comunicar-me com o referido senhor, venho, pela presente, solicitar a V.S. a especial gentileza de informar-me o seu endereço, afim-de poder lhe escrever.

Antecipando agradecimentos pela providência que se digne tomar a respeito, subscrevo-me, com elevada consideração e alto apreço.

Francisca Meirelles Simões Lopes
Francisca Meirelles Simões Lopes

Dr. Xenofonte Lopes
- advogado -
LIVRAMENTO

Rivera, 15 de Setembro, 948

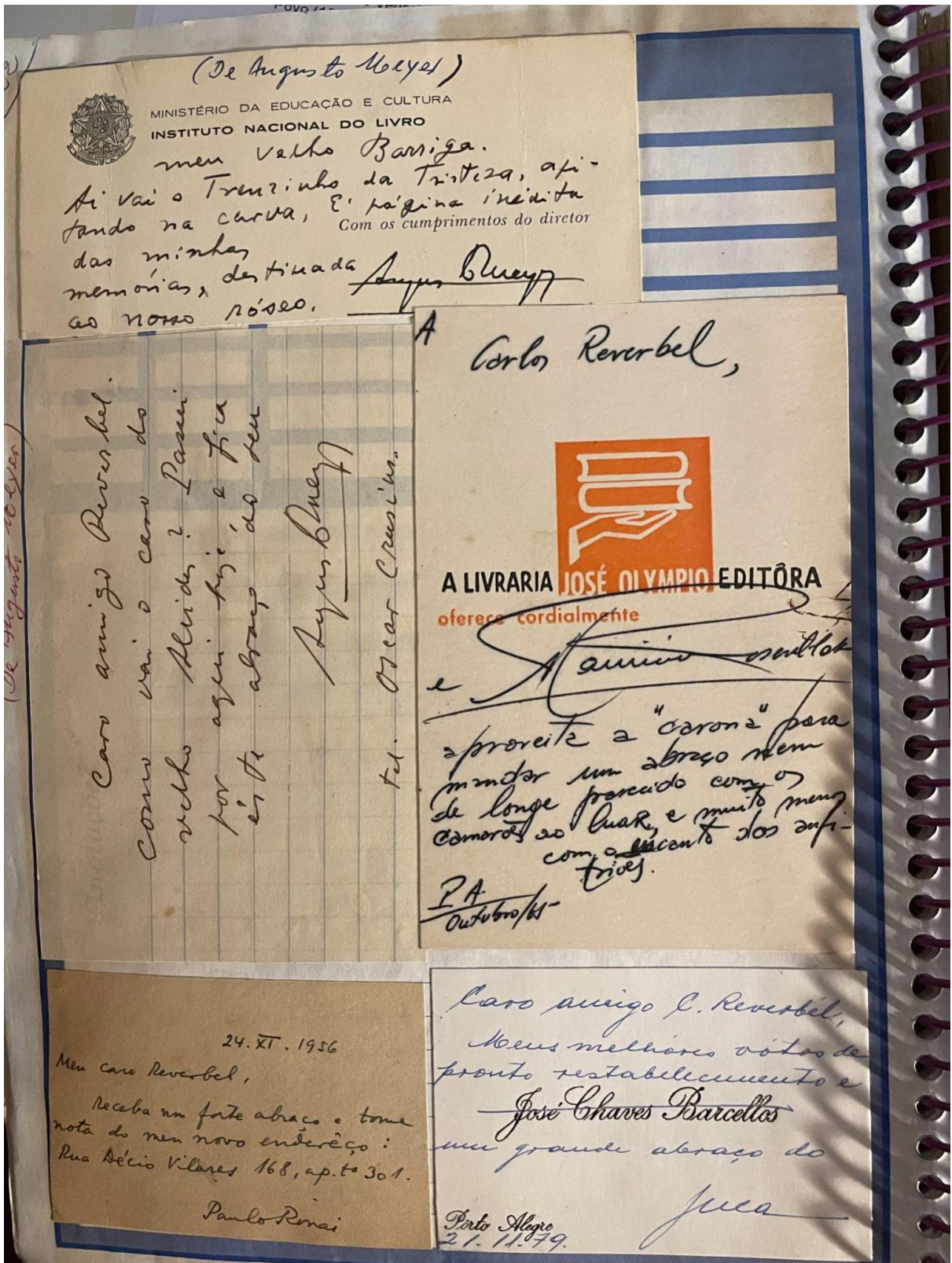
Meu mui prezado amigo Reverbel:

É com a mais viva satisfação que vejo sua nomeação para redator-chefe da "Revista do Globo". Desde nossos tempos de estudante, venho acompanhando com interesse sua ascensão tão vertical quão merecida. Dêsse consórcio entre uma grande revista com um grande repórter fatalmente advirão produções, com as quais muito lucrará o públi-

Fonte: Acervo da família Reverbel

Carta enviada ao Correio do Povo pela viúva de Simões Lopes Neto

Figura 22 - Bilhetes



Fonte: Acervo da família Reverbel

Bilhetes de Augusto Meyer, Paulo Ronai e José Chaves Barcellos

Figura 23 - Aurélio Buarque de Hollanda

112/

(aos amigos Reverbel:

fraternalmente pelas suas palavras a respeito do meu trabalho e respeito do nosso comum amigo Simões Lopes Neto. Se eu fosse um homem certo, metódico, Sr. Uel-ix mandado uma carta juntamente com os originaes daquelle trabalho: era esta a minha firme intenção. Na carta eu lhe pediria — e peço-o a'jo seu favor — minuciosamente a respeito de um intertexto e do glossário. Há neste numero das palavras, cuja definição não me satisfaz de todo — sobretudo algumas, que não encontrei em nenhuma vocabulário.

Permito, pois, que, se já não o fez, leia atentamente o glossário e me ~~comunique~~ ^{transmita} suas observações. Tenho sempre em vista que ~~as~~ ^{as} minhas definições, como é natural, são dadas de acordo com o texto diccionarios, e que o velho, ~~sempre~~ a maneira dos grandes escriptores, muitas vezes emprega o sentido geral das palavras, um maliz, um toque leveiro e um jeitinho, de sua personalidade.

Na esperança de breve resposta sua, affei fica, cheio de anticipada gratidão,

Seu amigo e confidante
Antônio Carlos

R., 28.10.946.

(De Aurélio Buarque de Holanda)

Fonte: Acervo da família Reverbel

Carta enviada durante a preparação da edição crítica de Simões Lopes Neto

Figura 24 - Otto Maria Carpeaux

283)

Rio de Janeiro, 16/11/53

Muito prazer ao Sr. Carlos Reverbel,
com grande satisfação recebi,
por intermédio do meu amigo Mauricio
Roseblatt, seu gentil convite para
reassumir a colaboração quinzenal
no "Correio do Povo". Digo, aliás,
reassumir, porque só a interrompi
por motivo de viagem para a Europa.
Continuarei, portanto, retomando-o,
todas as quinzenas ~~semanais~~ dias, e mesmo
artigos que estão publicados, com
exclusividade para o Brasil inteiro com
exceção do Rio Grande do Sul, no
"Diário Calvo". Permita-me, porém,

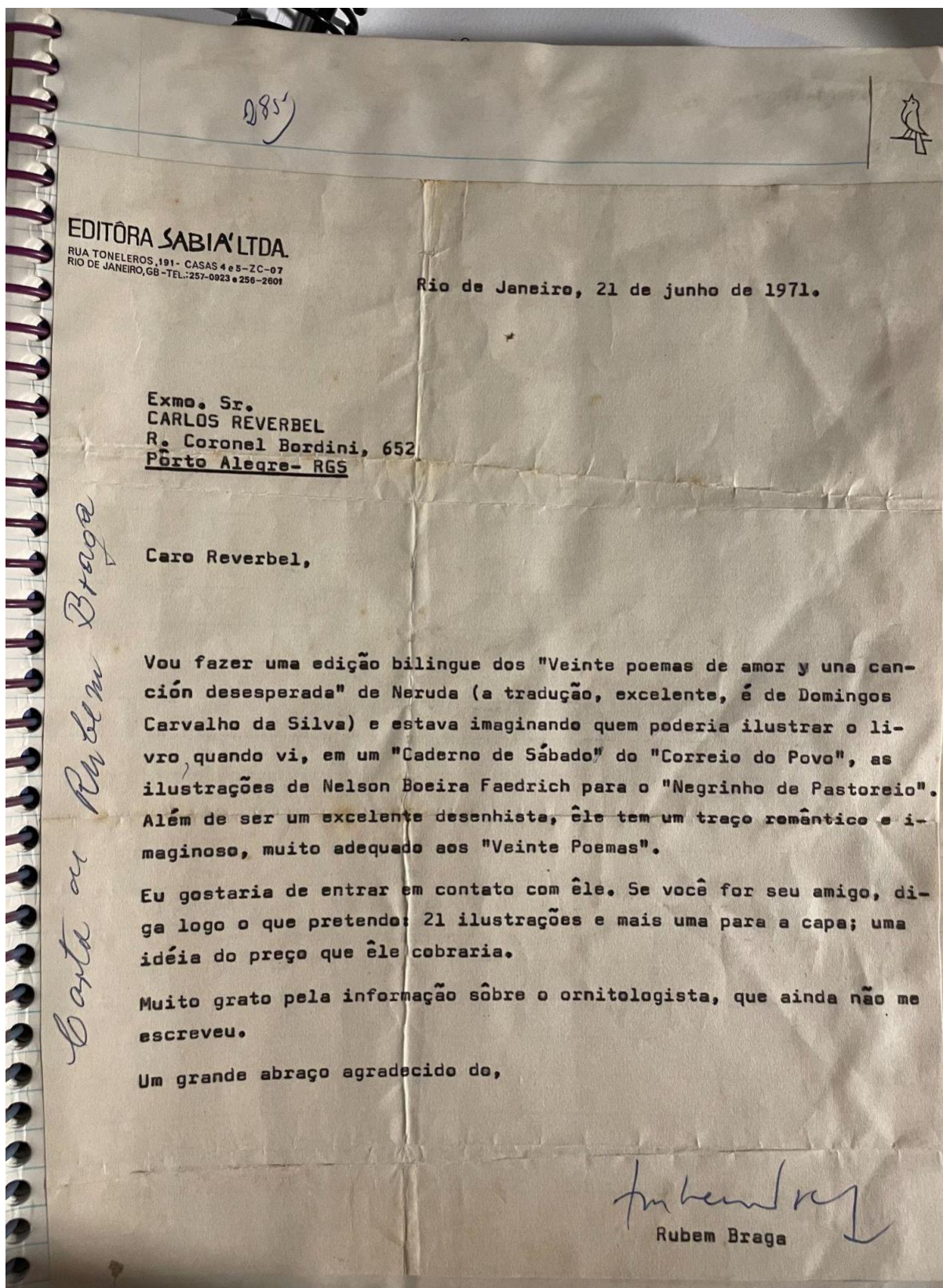
uma observação: o presente artigo
sairá no "D.C." no dia 22 de
novembro, não podendo ser antes
deve dar no "Correio do Povo".
Quanto ao pagamento, respeito
a favor de meus e deuses ~~de~~ adotada
até a minha viagem, isto é, pagamentos
mensal pela Firma Zehreria, Rua do
Calvo 6, à qual reso suas e
comunicar a importância.
Com os meus agradecimentos
e lembranças para todos os meus amigos
e bons amigos no Rio Grande,
seu
Otto Maria Carpeaux

Otto Maria Carpeaux
"Correio do Povo"
Av. Gomes Freire 471
Rio de Janeiro

Fonte: Acervo da família Reverbel

Carta com combinação a respeito de colaboração com o *Correio do Povo*

Figura 25 - Rubem Braga



Fonte: Acervo da família Reverbel

Correspondência com Rubem Braga estende-se dos anos 1930 aos anos 1990

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos Reverbel deixou dois livros de memórias. O primeiro, *Arca de Blau*, é um trabalho convencional, ordenado cronologicamente e composto a partir da costura de crônicas e entrevistas. O segundo, que eu apelidei de “tumultuário”, é muito mais completo e também mais anárquico. A história narrada nos dois é mais ou menos a mesma, mas o segundo tem mais detalhes e também mais pontas soltas - como um quebra-cabeças com peças faltando. Em seu *Arca de Blau*, por exemplo, os pais de Reverbel são figuras remotas, das quais pouco ou nada ficamos sabendo. No tumultuário, por sua vez, as vozes de Marieta e Carlos Reverbel (pai) podem ser ouvidas claramente em belas e pungentes cartas ao filho mais velho, quando ele já era independente e morava em Porto Alegre. O casal se separou no início dos anos 1940, com o previsível drama familiar envolvido, e a correspondência com o primogênito é uma das partes mais bonitas e melancólicas dos cadernos. Reverbel jamais havia mencionado esse detalhe, nada banal, em nossas conversas.

Outras vozes se fazem ouvir na correspondência. A dos amigos, a dos colaboradores, a dos mentores, a dos discípulos. Cada uma dessas cartas acrescenta cor e nitidez a passagens de *Arca de Blau* que narram episódios da sua vida pessoal e profissional. A Paris dos anos 1940, por exemplo, deixa de ser uma imagem longínqua para ressurgir, coberta pela pátina do tempo, mas ainda nítida como uma boa fotografia, em bilhetes, convites, programas de espetáculo e menus de restaurantes. É como se o tumultuário fosse uma espécie de anexo de *Arca de Blau*, um gigantesco paratexto com elementos que ilustram cada um dos momentos mais significativos de sua trajetória: o trabalho como jornalista na Caldas Junior e na Editora Globo, as pesquisas sobre Simões Lopes Neto, as viagens, os livros.

Evidentemente, Reverbel não é o único personagem desses cadernos. Há ali material para quem pesquisa outros assuntos relacionados à história e à literatura do Rio Grande do Sul, cartas de intelectuais que com certeza despertariam o interesse de outros pesquisadores e uma compilação de artigos e imagens igualmente rica. A catalogação de todo o material contido nos 31 cadernos talvez seja a maior contribuição deste trabalho¹⁹, embora não faça parte dele. Esse índice pode ser uma ferramenta importante se os cadernos, no futuro, forem doados a alguma instituição que disponibilize esse material para consultas - destino que honraria não apenas a trajetória de Reverbel, mas também os princípios que o guiaram como jornalista e pesquisador

¹⁹ O resultado dessa catalogação foi devolvido para a família Reverbel, junto com os cadernos, em março de 2022.

ao longo da vida: a valorização da memória, a dedicação à cultura do Rio Grande do Sul, a colaboração com outros pesquisadores. Fazer parte de um acervo, talvez ao lado de amigos e colegas que também doaram seus arquivos, é o mais próximo do céu que um agnóstico como ele seria capaz de almejar.

Penso que este trabalho apenas estará completo quando os cadernos encontrarem novos leitores. Estou convencida de que, por temperamento e vocação, era esse o destino que Reverbel gostaria que suas memórias tivessem. Não sei se ele imaginava que, quase 30 anos depois da *Arca de Blau*, novamente seria eu a coautora das suas memórias. De minha parte, apenas posso agradecer o privilégio de mais uma vez ter a oportunidade de viajar no tempo na companhia do mais gentil e generoso dos guias.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, João Cláudio. Carlos Reverbel e as dez obras fundamentais da bibliografia sul-rio-grandense. **Revista do Curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v. 1, n. 9, p. 106-129, 2003.

ALVES, Francisco das Neves. A contribuição de Carlos Reverbel à construção historiográfica acerca da imprensa sul-rio-grandense. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, IHGRS, n. 133, p. 116, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CALDAS, Breno. **Meio século de Correio do Povo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. *In: A Educação pela Noite & Outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CERONI, Giovani Costa. “A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas Páginas dos Jornais Correio do Povo e Federação”. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3902/1/000410789-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Consulta em: 08 dez. 2021

CHAVES, Flávio Loureiro. *Discurso da Posse na Cadeira 7 da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, 1999.

CICERO, Antonio. **Guardar**. A Cidade e os Livros. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2016.

_____, Walter. A imagem de Proust. *In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2016.

_____, Walter. *O Narrador*. *In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2016.

FRANCO, Sérgio da Costa. “O animador dos desanimados”. Especial 70 Anos: Carlos Reverbel do caderno Letras & Livros do Correio do Povo, 24 de julho de 1982.

GALVANI, Walter. **Olha a Folha**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

_____. **Um século de poder**: os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GERTZ, René. Intelectuais gaúchos. **História: Debates e Tendências** – v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 19-32

LIRA, Ana Paula Araújo de. “Folha do Povo: A Voz Popular no Jornalismo Diário Recifense (1935 – 1960)”. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 31 maio a 2 de junho de 2007.

MALIN, Mauro. Luis Fernando Cirne Lima. Fundação Getúlio Vargas - CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-fernando-cirne-lima>. Acesso em: fev. 2022.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Crítica em compasso de espera. **Revista do Globo**, Porto Alegre, out. 1965, n. 909, p. 52.

MENDEZ, Rosemary Bars. *Pompeu de Souza, o jornalista que mudou o Brasil*. Universidade Metodista de São Paulo. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social). São Bernardo do Campo, 2006.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

PRAZ, Mônica de Macedo. *A Estância do Serro Formoso*. IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores. Universidade Federal de Pelotas, 2017.

POMIAN, Krzysztof. “Coleção”. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 1. Memória-História. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, pág. 51-86.

RAMOS, Paula. **A modernidade impressa**: Artistas ilustradores da Livraria do Globo - Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016.

REVERBEL, Carlos. **Carlos Reverbel - Textos Escolhidos**. BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia (org). Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.

_____, Carlos. **Diário de Cecília de Assis Brasil - Período 1916-1928**. Porto Alegre, L&PM, 1983.

_____, Carlos. **Pedras Altas - A vida no campo segundo Assis Brasil**. Porto Alegre, L&PM, 1984.

_____, Carlos (org.). **Entrevero**. Porto Alegre, L&PM, 1984.

_____, Carlos. **Maragatos e Pica-paus - Guerra civil e degola no Rio Grande**. Porto Alegre, L&PM, 1985.

_____, Carlos. **O Gaúcho - Aspectos da sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata**. Porto Alegre, L&PM, 1985.

_____, Carlos. “Anos 1940”. *In: Sombras e Luzes - Um Olhar sobre o Século*. Porto Alegre, Samrig/L&PM, 1989.

_____, Carlos; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti: O Editor sem Rosto & Outros Aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, L&PM, 1996.

_____, Carlos. *Um senhor jornalista*. Entrevista concedida a Cláudia Laitano. **Revista Sextante**, Porto Alegre, número 9, p. 4 e 5, fevereiro, 1992.

_____, Carlos. “Blau Nunes existe”. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 34 e 35, 29 set. 1945.

_____, Carlos. “Um alagoano que se torna gaúcho”. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 36, 37, 63, 74 e 75, 11 set. 1948.

_____, Carlos. Cadernos de memórias (acervo da família, não publicado).

SILVA, Sérgio Roberto Rocha da; SABALLA, Viviane Adriana. “Bento Gonçalves e a idealização do Mito”. *In: Círculo de Pesquisas Literárias - A Era Flores da Cunha*. Porto Alegre: EdiPlat, 2011.

TORRES, L. H. “Luso-brasilidade em Carlos Reverbel”. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação** - v. 13, 2001, p. 151–158

VELLINHO, Moysés. *Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas*. Entrevista concedida a Antônio HOHLFELDT. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.9-10, 06 jan.1979.

_____, “Editorial”. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 1, p. 5, set.1945.

VOLKMER, Márcia Solange. *Onde começa ou termina o território pátrio - Os Estrategistas da Fronteira: empresários uruguaios, política e a indústria do charque no extremo oeste do Rio Grande do Sul (Quaraí 1893-1928)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos. São Leopoldo, 2007.


WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação. In: WARBURG, Aby. **Histórias de Fantasma para Gente Grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ZALLA, Jocelito. *A invenção de Simões Lopes Neto - Literatura e memória histórica no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de História. Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2018.

ANEXO

ANEXO A - Ingresso no Instituto Histórico

105



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
 Reconhecido de utilidade pública por Decreto Federal n. 4373, de 24 de novembro de 1921 e Lei Municipal de Porto Alegre n. 2464, de 10 de dezembro de 1962

SECRETARIA

Porto Alegre, 8 de setembro de 1966.

N.º 0105

Exmo. Sr. Moyses Vellinho
 Presidente do Instituto

Em 8/9/1966
 A. L. d. L. d. L.

Os abaixo firmados vêm, nos termos do Art. 24, § 4º das Estatutos, propor o nome do jornalista Carlos Reverbel para preencher a vaga aberta, no quadro de membros efetivos, pelo falecimento do saudoso confrade Jorge Godofredo Felizardo. O Sr. Carlos Reverbel, nascido em Pucallpa a 21 de julho de 1912, e residente nesta Capital, à rua Coronel Bordini n.º 652 tem realizado valiosos trabalhos na pesquisa e na divulgação de fatos da história rio-grandense, não só pelas colunas do "Correio do Passado" como na revista "Província de S. Pedro", onde publicou apreciáveis estudos biográficos sobre Rafael Pinto Bandeira e Y. Simões Lopes Neto, realizando também conferências na 6ª Divisão de Infanteria sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul, e na Faculdade de Filosofia da UFRGS sobre as "Tendências do Jornalismo Gaúcho", trabalho este que faz parte da série "Fundamentos da Cultura Rio-grandense". Antigo militante da imprensa, foi redator-chefe da "Revista do Globo", secretário da "Província de S. Pedro", redator do "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, sendo atualmente redator do "Correio do Passado" e da "Folha da Tarde". Ademais, como jornalista, vem, de longa data e forma meritória, prestando à criação deste Instituto, tornando-se digno do seu maior apêço.

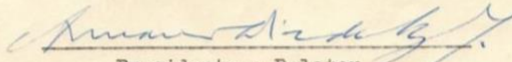
Arthur Ferreira Filho.
 Cyrano Lamourin

Ingresso em 30/9/1966
 H. L. d. L.

PARECER

Tomando conhecimento da proposta do nome do jornalista Carlos Reverbel e de seus trabalhos para que o mesmo seja escolhido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, esta comissão de sindicância opina favoravelmente, pois se trata de escritor brilhante, consciencioso cultor da história pátria, cujos trabalhos revelam, a par de estilo escoreito e elegante, pesquisa cuidadosa, senso de historiador, capacidade de interpretação dos factos históricos e dos dados sociológicos, cultura, erudição, enfim dotes necessários para que mereça vir conosco colaborar na ingente tarefa que ha quase meio século nosso sodalício está empenhado em prolar da grandeza do nosso torrão gaúcho.

Porto Alegre, 17 de setembro de 1966.



Presidente e Relator

